DEUS Conosco



Tópicos do Evangelho de Mateus

D.A.Carson

PES

Deus Conosco

"A virgem conceberá e dará à luz um filho, e chama-lo-ão pelo nome de EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco." – Mateus 1:23

"*Deus conosco*." Nenhuma frase pode descrever melhor a vida e o ministério de Jesus como relatado pelo apóstolo Mateus. Através das páginas do Evangelho de Mateus obtemos o perfil de Jesus – o Messias, o prometido Filho de Deus.

Leia *DEUS CONOSCO* e encontrará o Cristo vivo face a face!

- Siga Jesus desde a manjedoura até ao Seu batismo por João e Sua vitória triunfante sobre as tentações de satanás.
- Ouça-O enquanto Ele explica Deus e o Seu Reino aos Seus discípulos: "Bem-aventurados os pobres de espírito... O Reino dos céus é como um rei que celebrou as bodas de seu filho... Amarás o teu próximo como a ti mesmo".
- Admire-se pelo poder que Jesus demonstra – poder para curar, salvar e dar vida nova!
- Siga o Filho de Deus até a cruz – e além dela!

Este estudo penetrante e prático do Evangelho de Mateus é indispensável para qualquer cristão que deseja uma elevada compreensão de quem Jesus Cristo é, porque Ele veio ao mundo, como Ele é relacionado ao Velho Testamento, e de como Sua vida, morte e ressurreição podem vitalizar a vida diária.

D. A. Carson é professor de Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School em Deerfield, Illinois, EUA. Dr. Carson é autor de mais de uma dezena de livros, inclusive um comentário intitulado *O Sermão do Monte*, para Baker Book House.

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar – salas 14-17
01041-000 – São Paulo – SP

Deus Conosco

Tópicos do Evangelho de Mateus

(Um Comentário Bíblico para Leigos)

D. A. Carson

PES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287
01059-970 – São Paulo – SP

Título original:
God With Us

Editora:
Regal Books – A Division of GL Publications
Ventura, California 93006

Primeira edição em inglês:
1985

Copyright:
Regal Books

Tradução do inglês:
Alberto D. Gonçalves

Revisão:
Antonio Poccinelli
José Serpa

Capa:
Sergio Menga

Primeira edição em português:
2000

Impressão:
Imprensa da Fé

Índice

Prefácio 7
Introdução 9
1. Raiz e Rebento 11
2. O Começo do Ministério de Messias 29
3. O Sermão do Monte 45
4. Milagres e Missão 67
5. Quem é Este Jesus? 87
6. Parábolas do Reino 109
7. Ministério Multiplicador, Fé Inexperiente 127
8. Demonstrações de Glória e os Fracassos do Povo do Messias 145
9. Controvérsia e Contraste 163
10. A Oposição Se Entrincheira – Jesus Responde 181
11. O Começo do Fim 197
12. Morte – e a Morte da Morte 215
Bibliografia 232

Dedicado
Ao Sr. e Sr. R. T. Gemmell

Prefácio

Algumas pessoas lêem a Bíblia da maneira que um explorador olha para uma cordilheira. Tais pessoas não prestam realmente atenção ao panorama espetacular diante delas, porém ficam andando a procura de pedras preciosas. Existem pedras preciosas na Bíblia; mas poder, beleza, argumento coerente, história, surpresa, promessa, instrução moral, e muito mais também são descobertos ao se fazer uma rápida vasculhagem do começo ao fim de um livro bíblico em vez de se demorar em cada versículo.

Esse é o tipo de estudo que este pequeno livro pretende facilitar. Este não é um comentário detalhado sobre o Evangelho de Mateus, é sim, apenas uma exposição panorâmica. Os crentes que quiserem mais ajuda em detalhes podem consultar com proveito um dos comentários mencionados no final deste livro.

Que o Deus de toda graça e verdade seja honrado enquanto homens e mulheres estudem Sua mais santa Palavra e aprendam a viver suas vidas mediante a luz dela.

Soli Deo gloria.

D. A. Carson

Introdução

Falando de forma precisa, o evangelho que vamos estudar é anônimo. Nada no próprio texto nos diz que ele foi escrito por Mateus da forma que Romanos 1:11 nos diz que a Epístola aos Romanos foi escrita pelo apóstolo Paulo. Mas os primeiros escritores cristãos são unânimes em ver Mateus por trás desta obra, e não existe nenhuma razão convincente para duvidar do testemunho deles. *Quando* ele escreveu é incerto, embora eu suspeite que a data seja ao redor de 63-65 d.C.

O que está além de qualquer disputa é o fato que este Evangelho desfrutava de enorme popularidade na Igreja Primitiva. Parte da razão é que Mateus relata muito dos ensinos de Jesus – muito mais que Marcos, por exemplo. Entre os maiores desses ensinos estão os cinco longos discursos – Mateus, capítulos 5-7; 10; 13; 18; 24-25 – incluindo o Sermão do Monte.

Mas o livro é mais que uma colcha de retalhos feita de histórias e discursos, conectados frouxamente. Existem temas que fluem por suas páginas, conectando uma seção a outra. Por exemplo, Mateus se esforça bastante para mostrar como o nascimento, o ministério, e a morte de Jesus, o Messias, ocorreram em cumprimento das Escrituras. Ele está interessado em demonstrar que Jesus é verdadeiramente o filho de

Davi, o Filho de Deus, o Messias prometido, mas de igual modo, ele quer deixar claro como as expectativas da maioria do povo sobre o que o Messias deveria ser eram calamitosamente inadequadas.

Ocasionalmente é possível vislumbrar o tipo de povo cristão a quem Mateus estava escrevendo. Mas não devemos jamais esquecer que este livro não tem por objetivo nos informar sobre uma igreja ou um apóstolo, e sim, sobre Jesus Cristo. Ele é o clímax das expectativas do Velho Testamento e o fundamento para o cristianismo neotestamentário. Aqui neste Evangelho está a dramática *mudança* de pacto – quando o velho pacto cedeu lugar para o novo, quando os sacrifícios do templo foram substituídos pelo sacrifício da cruz, quando a lei de Moisés foi sobrepujada pelo ensino de Jesus. O Evangelho de Mateus é o relato dessas mudanças fundamentais. Ele nos conta não somente quem Jesus era, porque Ele veio, e como Ele estava relacionado com as Escrituras do Velho Testamento que Deus havia providenciado, porém conta também como os primeiros discípulos chegaram ao entendimento e à fé.

Em resumo, o livro que vamos estudar diz respeito às origens cristãs; e é difícil imaginar um crente que esteja desinteressado em tal tema. Além disso, por terminar com a Grande Comissão (28:18-20), este Evangelho se recusa a ser usado como guia de informação para indivíduos interessados em história e nada mais. Pelo contrário, ele prepara a estrutura para a missão cristã através dos anos, e conclama que seja estudado e obedecido a fim de que o propósito da vinda de Cristo seja realizado em nós.

1

Raiz e Rebento

Mateus, capítulos 1 e 2

Se eu estivesse procurando escrever uma biografia empolgante e inspiradora de um líder muito admirado, é bem improvável que eu começasse fornecendo sua genealogia. Tais finuras históricas, eu penso, são muitas vezes melhor restringidas a um apêndice impresso em letras pequenas e afixado ao final do volume.

Mas Mateus não viu as coisas dessa maneira; e depois de lerem suas palavras iniciais – "Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão" – seus primeiros leitores também não teriam. Para os judeus do primeiro século, letrados nas Escrituras, a proposta de apresentar um relato do filho de Davi teria que ser autenticada. Tudo o que esse relato prometesse de restauração da realeza (veja 2 Samuel 7:12-16; Isaías 9:6, 7), ou do filho de Abraão, com todas as ricas alusões à semente de Abraão que poderia introduzir as bênçãos de Deus não somente sobre Israel como também sobre as nações (Gênesis 12:1-3), teria que ser averiguado. O prospecto em si mesmo era maravilhoso, se

fosse verdadeiro; contudo haviam muitos impostores no primeiro século, homens que alegavam ser o Ungido, o Messias prometido ou o Cristo. Precisava-se ter discernimento. Os judeus que estavam interessados em descobrir mais sobre Jesus, e os crentes judeus que precisavam de mais instrução na fé que professavam, teriam ficado ansiosos para terem diante deles as credenciais de Jesus Cristo.

Genealogia

Mateus usou a oportunidade para apresentar mais do que uma linhagem genealógica. Ele não apenas inseriu pequenas adições, como também estruturou a lista de nomes a fim de estabelecer pontos vitais. Desta forma ele transformou o que poderia ter sido uma enumeração obscura numa introdução ao seu Evangelho estimulante à mente.

Os primeiros dois terços dos nomes nesta lista podem ser encontrados na Septuaginta (a versão grega do Velho Testamento) de 1 Crônicas 2:1-15; 3:5-24 e Rute 4:13-21. Após Zorobabel, Mateus contou com os relatos públicos não encontrados no Velho Testamento. Uma documentação detalhada assim existia em abundância; Mateus teria encontrado pouca dificuldade para extrair a informação. Interessantemente, nenhum judeu do século vinte pode provar que ele ou ela é um descendente direto de Davi, pois os registros genealógicos foram destruídos por repetidos holocaustos.

Quando os crentes comparam esta genealogia com a que foi preservada em Lucas 3:23-38, eles notam que Lucas remontou ao Adão, enquanto que Mateus não foi além de

Abraão. A razão é que Mateus estava particularmente interessado em apresentar Jesus como o cumprimento de muitas promessas que Deus fez *aos judeus* como o povo do pacto de Deus.

Os leitores podem também ficar problematizados sobre o fato que em Lucas, a linhagem de Jesus passa por Davi através de Natã, filho de Davi (veja Lucas 3:31), mas o registro de Mateus passa por outro filho de Davi, Salomão (veja 2 Samuel 5:14). Essas e outras diferenças são melhor explicadas em parte distinguindo uma descendência de sangue de uma descendência de sucessão ao trono. Lucas traça a primeira, a verdadeira linhagem de José; Mateus apresenta a outra, o caminho pelo qual a linhagem dos descendente *reais* de Davi acaba caindo no final das contas sobre José. Existem paralelos na monarquia britânica, quando a sucessão ao trono salta para uma outra parte da família por ausência – como quando existe renúncia ou não existe herdeiro.

Não obstante os detalhes, ambos os relatos passam por José, mesmo que ele não fosse o verdadeiro pai de Jesus. Existe evidência independente de que Maria, também, era uma descendente de Davi (veja Lucas 1:32); porém as genealogias passam por José, pois a linhagem masculina estabeleceria legalmente o direito de Jesus ao trono.

Três características notáveis fazem com que esta genealogia em Mateus se sobressaia mais como um relato que aponta para Jesus do que uma simples linhagem familiar.

A *primeira* é a óbvia divisão em três partes. Os dois pontos críticos que dividem a genealogia fazem menção de Davi –

Rei Davi, Mateus enfatiza com cuidado (1:6) – e do começo do exílio Babilônico (Mateus 1:11, 12) quando a monarquia foi destruída e o que restou da nação foi transportado para a Babilônia em 587 a.C. Daquele momento em diante, nenhum herdeiro de Davi sentou no seu trono. Mas agora, Mateus estava argumentando, um descendente de Davi, Jesus o Messias, havia chegado para tomar nas mãos as rédeas reais mais uma vez.

Na realidade, isso cumpriu a profecia. O profeta Isaías aguardava um tempo quando "então brotará um rebento do tronco de Jessé (o pai de Davi)" (Isaías 11:1). Isto é, a linhagem representando a monarquia seria colocada abaixo até restar apenas um tronco, todavia daquele tronco aparentemente morto e arruinado surgiria um novo "rebento" que cresceria para se tornar uma árvore sólida.

No Parque Stanley em Vancouver, perto da entrada do zoológico, existe uma árvore assim. Um pinheiro Douglas gigante, com três metros ou mais de diâmetro, foi cortado a altura do ombro; entretanto do toco remanescente o pinheiro fez brotar uma nova árvore, já com cerca de um metro de diâmetro e crescendo lindamente. Exatamente da mesma maneira, as promessas de Deus dadas a Abraão na parte inicial da genealogia, resultou em cumprimento parcial no meio da genealogia: o rei Davi e seus herdeiros reinaram. O exílio deixou apenas um cepo; mas agora o Filho maior de Davi emergiu do mesmo tronco como o Rei prometido.

A segunda, a divisão da genealogia em três séries de catorze, é reconhecida universalmente como sendo parcialmente artificial. Nomes foram deixados de fora. Entre

Jorão e Uzias (Mateus 1:8) veio Acazias, Joás, e Amazias (2 Reis 8:24; 1 Crônicas 3:11; 2 Crônicas 22:1, 11; 24:27). Existem outras omissões também. A expressão traduzida "nasceu de" muitas vezes significa "era o ancestral de" ou "era o progenitor de"; e por essa razão as brechas não são de se surpreender.

No entanto, as divisões bem arranjadas que resultaram na genealogia, além de tornarem a lista mais fácil de se decorar, tem provavelmente a intenção de nos dizer algo. É quase certo que a cuidadosa ênfase dada ao número 14 (Mateus 1:17) incentivaria os leitores judeus a se lembrarem de que o valor numérico do nome de Davi em Hebráico era 14. (No Hebraico, cada letra tem um valor numérico. Por isso, na palavra *dwd* (Davi), em que $d = 4$ e $w = 6$, temos $4 + 6 + 4$, que é igual a 14). Noutras palavras, esta é uma maneira sutil de se enfatizar a importância de Davi – e portanto a verdade que Jesus é o Filho prometido de Davi. Um dos três conjuntos de catorze está com uma geração a menos. Foram apresentadas várias sugestões do porque disso, nenhuma delas inteiramente convincente; e eu mesmo ainda não sei a resposta.

A *terceira* e mais intrigante característica da genealogia é a menção de quatro mulheres: Tamar (1:3); Raabe (1:5), Rute (1:5), e Bate-Seba ("mulher de Urias" 1:6). A maioria das genealogias judaicas não incluia mulheres. Mais importante, a escolha *dessas* mulheres em particular, em vez de grandes matriarcas como Sara, Rebeca e Léia, prova que Mateus estava nos dando algo mais do que mera informação biológica. Tamar seduziu seu sogro Judá para dentro de um

relacionamento incestuoso (veja Gênesis, capítulo 38); Raabe salvou os espiões e juntou-se aos israelitas, mas ela era uma prostituta pagã (veja Josué 2:5); Rute era uma moabita, não apenas uma gentia, e sim, um membro de uma raça freqüentemente em oposição implacável aos israelitas; e Bate-Seba que, embora sendo judia, pode muito bem ter sido considerada por alguns como uma hitita, pois ela casou-se com Urias, o heteu. Não obstante, ela entrou na linhagem messiânica devido um caso de adultério com Davi (veja 2 Samuel, capítulo 11).

Os reis e os príncipes deste mundo exibem com orgulho sua nobre linhagem, suas ligações com duques e duquesas, presidentes e czars, primeiro-ministros e magnatas. Mas Mateus se esforçou para chamar a atenção ao fato de que Jesus, o Rei, incluia na Sua linhagem prostitutas e estrangeiros. Isso demonstra não somente Sua imensa humildade, como também aponta para o fato de que Ele veio para salvar "o seu povo dos seus pecados" (Mateus 1:21), e ser o Senhor e Salvador não apenas dos judeus, e sim também de homens e mulheres sem discriminação racial, cumprindo a promessa feita a Abraão de que nele todos os povos da terra seriam abençoados (veja Gênesis 12:1-3).

História

Se for comparado o relato de Lucas sobre o nascimento de Jesus com o de Mateus, veremos que Mateus enfocou muito mais a perspectiva de José do que a de Maria. Seguindo os costumes da época, José e Maria ficaram noivos para se casarem. Ao contrário dos noivados modernos, entretanto, o

deles tinha uma obrigação legal e significava que eles eram considerados como marido e esposa, mesmo que não tivessem passado pela cerimônia final de casamento e não tivessem começado a viver juntos num relacionamento conjugal. Foi durante esse período de espera que a gravidez de Maria foi descoberta, uma gravidez que havia acontecido por obra "do Espírito Santo" (Mateus 1:18).

Até aquela altura José não sabia o que nós sabemos pela leitura dos dois primeiros capítulos de Lucas. Numa sociedade muito mais discreta que a nossa, era improvável que Maria tivesse encontrado a oportunidade ou a coragem para tentar explicar a José tudo o que havia acontecido a ela. Da sua parte, José estava num terrível dilema. Por ser um homem justo, ele não conseguia suportar a ídeia de dar continuidade ao casamento como se ele tivesse se envolvido em sexo ilícito antes do casamento, pois todo mundo iria presumir ter sido isso a causa da gravidez. Isso seria humilhante e deplorável; e além disso, como ele poderia confiar novamente em Maria?

Mas por ser também um homem bondoso, ele "não a queria infamar" (Mateus 1:19) passando pelos canais legais comuns que poderiam ter lhe concedido um divórcio (como era então chamado a quebra de um noivado). Nem tampouco teria ele considerado apelar à pena de morte sancionada pelo Velho Testamento para tais casos, a qual quase não estava sendo aplicada naquele tempo. Em vez disso, ele decidiu fazer uso de uma brecha legal para realizar um divórcio quieto que iria liberá-lo de uma casamento tão desonroso e ainda pouparia Maria do pior da vergonha.

Nesse momento um anjo do Senhor, aparecendo a ele num sonho, mudou sua opinião. Mesmo a maneira como o anjo se dirigiu a ele – "José, *filho de Davi*" – teria ajudado a prepará-lo para o anúncio surpreendente (veja 1:20). Um momento de reflexão mostra quão bondoso Deus foi em assegurar a permissão de Maria antes que a gravidez começasse, e a de José somente após a gravidez ter se tornado pública. Em todo caso, José é aqui levado ao mistério da encarnação (literalmente, da "em-carnação") e responsabilizado junto com Maria de dar à criança o nome de Jesus. (veja Lucas 1:31). O nome é o equivalente em grego a Josué, que em suas várias formas significa "Jeová é salvação" ou "Jeová salva" – um nome que é mais adiante elucidado pela explicação, "porque ele *salvará* o seu povo dos seus pecados" (Mateus 1:21, itálicos adicionados).

O fato de José ter ido adiante com o casamento revela muito sobre sua fé, não obstante o que os outros pudessem pensar; porém mesmo após levar Maria para casa como sua esposa (o ponto alto no final da cerimônia), ele não teve união sexual com ela até após Jesus ter nascido (veja o v.25).

Mateus não nos conta nada sobre a manjedoura ou os pastores, ou mesmo sobre o decreto de César Augusto que trouxe o casal para Belém onde o nascimento aconteceu. Em vez disso, ele se concentrou num outro grupo de visitantes, alguns homens sábios ou "magos" do leste (veja 2:1-12; eles possivelmente vieram da Babilônia). A Bíblia não nos conta quantos haviam. O tradicional três é uma dedução encontrada numa tradição posterior em relação aos três presentes deles (v.11). Aparentemente eles eram astrólogos que misturavam

com suas superstições pagãs algum conhecimento das promessas do Velho Testamento da vinda de um rei judaico. A grande população judáica na Babilônia poderia muito bem ter sido a fonte de tal informação. Sem saberem aonde ir quando chegaram à Palestina, eles rumaram em direção ao palácio do rei Herodes para pedirem informações. Onde mais, no final das contas, deveria um rei nascer senão no palácio real?

Mal sabiam eles que o rei Herodes, agora no final de três décadas e meia de regime, era um homem doente, paranóico, impiedoso, e cruel. Capaz de uma administração competente e de esquemas magníficos de construção, ele havia entretanto se tornado tão mesquinho e ciumento da sua posição que ele assassinou sua esposa favorita e dois dos seus filhos quando ele temeu que eles pudessem tomar o seu trono. A pergunta dos magos, portanto, certamente iria irritá-lo, e se Herodes estava irritado Jerusalém também estava (v.3), pois o povo sabia quão vingativo seu monarca podia ser. Mesmo os líderes religiosos que foram capazes de fornecer a resposta certa sobre o lugar de nascimento do Messias prometido (vv. 3-6) estavam aparentemente mais interessados em acalmar Herodes do que em averiguar por si mesmos as alegações dos magos.

Viajar no frescor da noite não era incomum naquele tempo; e enquanto os magos partiam novamente, dessa vez para Belém, a uns meros oito quilômetros ao sudeste, a estrela que eles haviam visto pela primeira vez em seu próprio país reapareceu. Que tipo de fenômeno celestial era este nós não sabemos, embora tenham existido muitas teorias; porém da

perspectiva deles, à medida que viajavam, ela se mantinha parada no ar sobre a cidade onde o Infante estava. Eles logo encontraram a casa exata – talvez fazendo perguntas ao povo local (veja Lucas 2:17, 18) – e apresentaram seus presentes ao Infante.

Apesar das cenas da natividade produzidas pelas modernas lojas de departamento, os magos não se juntaram aos pastores ao redor da manjedoura. Eles chegaram muito mais tarde, e a essa hora José já havia conseguido acomodar sua família numa casa apropriada. A margem de dois anos consentida por Herodes (Mateus 2:16) sugere que Jesus já tinha pelo menos um ano de idade. Os próprios presentes, ouro e resinas preciosas de árvores raras, podem ter pago parte das despesas da família no momento em que eles empreenderam a longa viagem e a residência temporária no Egito. Pois foi isso o que a visita dos magos precipitou: mais mensagens angelicais em sonhos, uma rápida mudança de rotas pelos magos, e uma partida igualmente rápida de José e sua pequena família.

Quantos bebês foram mortos pela crueldade paranóica de Herodes não pode ser determinado. Provavelmente não mais que uma dúzia foram assassinados, pois Belém não era uma vila grande. Mas a angústia não foi menos profunda para aqueles que perderam seus pequeninos.

Não muito tempo depois, Herodes morreu. José, instruído por outro sonho, retornou à terra de Israel. Contudo, uma vez mais outro sonho foi usado para preveni-lo a afastar-se da Judéia e de Belém; e assim ele foi mais para o norte, para a sua velha cidade natal de Nazaré, e lá estabeleceu-se.

Bem à parte das cinco citações notáveis do Velho Testamento encontradas nesses dois capítulos, a narrativa por si própria apresenta alguns pontos importantes. Dois se sobressaem.

Primeiro, o nascimento de Jesus, o Messias, é apresentado como uma combinação assombrosa do extraordinário, mesmo do milagroso, junto com o humilde e o singelo, até mesmo do cruel e do macabro. Por um lado, a própria concepção deve tudo a intervenção sobrenatural de Deus; e em cada estágio o Filho de Deus é protegido pela iniciativa e pela direção especial de Deus. Afinal de contas, a orientação por meio de anjos aparecendo em sonhos é um tanto rara no Novo Testamento – mas ela ocorre cinco vezes nestes dois capítulos! Essa criança era especial, o cumprimento das promessas do Velho Testamento, o Salvador do Seu povo, trazido aqui com uma missão divina. Mas por outro lado, Ele nasceu num lar humilde e foi forçado a fugir de Sua própria terra natal. Seu nascimento precipitou o assassinato selvagem de outros meninos; e Seus pais foram finalmente forçados a fazerem residência na desprezada Galiléia.

Segundo, existe um contraste evidente entre o entusiasmo dos magos gentios e a recepção concedida a Jesus por Seus semelhantes judeus e pelo monarca Heródes, idumeu. No melhor dos casos, as autoridades judaicas foram apáticas em relação as notícias, mais preocupadas com a paz política do que em determinar a veracidade das alegações que os magos fizeram. As autoridades religiosas tinham um conhecimento preciso das Escrituras, mas não tiveram coração para buscar o tipo de Messias que estava escondido numa vila. Em

contraste, os magos vieram de uma distância considerável e iniciaram sua busca a partir de premissas duvidosas; porém eles encontraram o Salvador, ofereceram seus presentes, e O veneraram. Mateus, escrevendo da sua perspectiva após a cruz e a ressurreição, percebeu que os magos adoraram melhor do que sabiam. Eles então se juntaram às mulheres gentias que fizeram parte da linhagem do Messias, e previram o tempo quando este Messias iria comandar Seus seguidores a fazerem discípulos de *cada* nação (veja 28:18-20).

Profecia e Cumprimento

Talvez a característica mais marcante do nascimento de Jesus, como apresentado por Mateus, seja a maneira como cada passo cumpriu as Escrituras do Velho Testamento. Por cinco vezes o mesmo ponto é estabelecido (1:22, 23; 2:5, 6, 15, 17, 18, 23). Jesus estava por meio disso ligado à revelação já dada nas Escrituras antes que Ele nascesse – tão seguramente como Ele estava ligado ao povo daquelas Escrituras pela genealogia no começo de Mateus.

Como veremos, o cristianismo não se apresenta como uma religião inteiramente nova, fundada a meros dois mil anos atrás, mas como o cumprimento da revelação que o Deus da Criação já havia dado, o ápice a qual Deus estava dando forma à história. Isso faz parte da razão porque os crentes lêem o Velho Testamento junto com o Novo Testamento: as duas partes pertencem uma a outra como componentes de *uma única* revelação coerente.

A natureza da profecia e do cumprimento é muitas vezes mal-compreendida. Às vezes pensamos nisso como nada

mais do que uma combinação de predições simples, em sentenças, seguidas pela chegada dos eventos que tais sentenças predisseram. Na Bíblia, esse é *um* tipo importante de profecia; porém ele é *somente* um tipo. A profecia de Miquéias 5:2, citada em Mateus 2:6, pertence a esse tipo. Mas existem outros tipos de igual importância.

Por exemplo, a Epístola aos Hebreus argumenta que todo o sistema sacrificial do Velho Testamento tinha vários indicadores embutidos que faziam com que todo o sistema sacrificial apontasse para o maior sacrifício de todos -- o sacrifício do Senhor Jesus Cristo na cruz. Noutro lugar no Novo Testamento, aprendemos como a lei previa o evangelho, como o sacerdócio levítico apontava para um novo sumo sacerdote que iria efetivamente colocar-se entre Deus e a humanidade e nunca mais precisaria ser substituído, como o reino antigo de Davi servia como um modelo ou "tipo" do reino de Deus, como certos pactos tinham uma obsolência embutida que levava os crentes a aguardarem a chegada do novo pacto prometido (Jeremias 31:31-34) e muitos mais.

O estudo destes tipos de profecia é muito importante, pois muitas das ligações entre o Velho e o Novo Testmento são desta natureza. Às vezes a imaginação dos estudantes da Bíblia exagera, e eles postulam ligações bastante duvidosas e fazem jogos de associação de palavras. Por exemplo, alguns viram no cordão de fio de escarlata que Raabe atou na janela (Josué 2:17-21) um ítem numa longa linha de ítens vermelhos ou escarlatas que apontam para o sangue de Jesus. No entanto, o cordão do fio de escarlata de Raabe nunca é usado desta maneira pelos autores das Escrituras posteriores, e este

cordão está com certeza desconectado de qualquer tema de sacrifício ou propiciação. Um cordão de fio de *escarlata* foi provavelmente usado para que fosse visto com mais facilidade pelos soldados israelitas invasores.

O fato de muitos abusarem desse tipo de profecia bíblica e de criarem em cima disso um jogo um tanto tolo, entretanto, não é razão para *não* vermos sua grande importância. Devemos tentar aprender alguns dos controles que tornam possível manusear tais passagens das Escrituras de forma razoável e cuidadosa. Este não é o lugar para embarcarmos em tal estudo; mas talvez possamos ver como isto funciona em duas ou três passagens de cumprimento nestes dois primeiros capítulos de Mateus.

Considere o texto citado em Mateus 2:15. José e Maria levaram o menino Jesus para fora do Egito e retornaram à terra de Israel. Esse passo, nos é contado, cumpriu "o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta: do Egito chamei o meu Filho". A passagem citada é Oséias 11:1. Uma leitura minuciosa daquele capítulo, entretanto, mostra que o profeta ao citar as palavras do Senhor não estava Se referindo a algum evento *futuro*, e sim, a um evento *passado* – isto é, o tempo quando Deus chamou Seu "filho", a nação de Israel, para fora do Egito na época do Êxodo. Então, o que daria a Mateus o direito de dizer que a *saída* de Jesus do Egito *cumpriu* o texto de Oséias?

Na realidade, Jesus é muitas vezes apresentado no Novo Testamento como o antítipo de Israel; isto é, o verdadeiro e o perfeito Israel que não fracassa. Se Israel é comparado a uma vinha que produz um fruto repugnante (Isaías, capítulo 5),

Jesus é a verdadeira videira que produz bons frutos (João, capítulo 15). Se Israel peregrinou no deserto por quarenta anos e foi muitas vezes desobediente no transcurso de muitas provações e tentações, Jesus foi dolorosamente tentado no deserto por quarenta dias, mas foi perfeitamente obediente (Mateus 4:1-11). Israel no Velho Testamento é o filho do Senhor (Êxodo 4:22, 23; Jeremias 31:9); porém Jesus, Ele mesmo um filho de Israel, de fato um filho de Davi, era supremamente *o* Filho de Deus; e portanto Ele reinterpretou ou recapitulou algo da história do "filho" (a nação de Israel) cuja própria existência apontava para Ele.

Além disso, mesmo no contexto de Oséias, capítulo 11, o profeta estava aguardando um convite salvífico do Senhor (Oséias 11:10, 11), desse modo encaixando-se num padrão mais abrangente do Velho Testamento que aponta de várias maneiras para a definitiva auto-revelação de Deus na Pessoa de Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo.

De forma um tanto semelhante, o choro das mulheres de Belém com o coração partido (Mateus 2:17, 18) cumpriu o texto de Jeremias 31:15. Aquele texto retrata Raquel, a mãe configurada de Israel, condoendo-se porque a nação estava sendo deportada para o exílio – a monarquia fora decepada e havia derramamento de sangue em todo o lugar. Mas Mateus, até mesmo por sua apresentação da genealogia de Jesus, mostrou que ele entendeu que o exílio estava chegando a um fim. É verdade que alguns judeus desgarraram-se voltando para a Terra Prometida setenta anos após as primeiras deportações começarem, mas a monarquia davídica nunca foi restabelecida.

Com o nascimento de Jesus, aquilo estava para mudar. O rebento de Davi estava vindo para reinar. O choro das mães de Belém seria o estágio final da tristeza que pertenceu ao período do exílio, e assim o cumpriu. Mesmo sendo tão amargo como foi, ele indicou o alívio do novo pacto, a ponto de ser inaugurado. Observe que Jeremias 31:15 – Raquel chorando – é seguido rapidamente por Jeremias 31:31-35 – a promessa de um novo pacto.

Talvez a passagem de cumprimento mais estranha nestes dois capítulos seja a encontrada em Mateus 1:23, pois neste caso não conseguimos nem mesmo descobrir qual o texto do Velho Testamento que esta sendo citado! Das muitas soluções apresentadas, talvez a mais simples seja esta: por não fazer nesta ocasião referência ao que foi escrito pelo *profeta*, e sim, pelos *profetas* (plural), Mateus não está se referindo a um texto específico porém a um tema encontrado em vários profetas – que o Messias iria ser desprezado (veja Salmos 22:6-8, 13; 69:8, 20, 21; Isaías 11:1; 49:7; 53:2, 3, 8; Daniel 9:26).

Quando o Novo Testamento foi primeiro escrito originalmente, não foram usadas aspas, por isso Mateus 2:23 podia ser traduzido: "Assim foi cumprido o que foi dito pelos profetas, que Ele seria chamado um Nazareno" – com "Nazareno" representando um símbolo do que era desprezado (veja também João 1:46; 7:42, 52). Após a ressurreição, quando os incrédulos quiseram rotular os crentes de forma zombeteira, eles se referiram a eles como a seita *nazarena* (veja Atos 24:5) – e a expressão tinha a intenção de ferir, assim como um acadêmico de uma das universidades de maior prestígio pode zombeteiramente referir-se a um colega que estudou numa

escola pequena ou alguém de uma cidade grande que levanta seu nariz para alguém de uma cidade pequena.

Jesus foi levado à desprezada Galiléia, e mesmo para a ainda mais desprezada Nazaré, onde Ele iria crescer para ganhar a designação de "Jesus o Nazareno" – não "Jesus de Belém", com todas as ricas conotações davídicas, mas de "Jesus o Nazareno". E isso, também, foi realizado pela intervenção soberana de Deus, e cumpriu as Escrituras que predisseram que o Messias seria desprezado.

Mas se Jesus cumpriu tais Escrituras, Ele também cumpriu uma que disse que Ele seria chamado de Emanuel, que quer dizer "Deus conosco" (Mateus 1:22, 23). O povo de Deus não podia imaginar nenhuma benção maior do que Deus estar com ele. De fato, isso será a suprema fonte de alegria no novo céu e na nova terra (veja Apocalipse 21:3, 22, 23). Deus vive com Seu povo! Essa alegria e glória já se manifestaram nAquele que é literalemente "Deus conosco".

Perguntas para Estudo Suplementar

1. Que títulos ou nomes para Cristo você consegue encontrar nestes dois capítulos? Faça uma lista deles e explique o que eles significam.
2. Compare cuidadosamente Mateus 1:18-2:23 e Lucas 1:1-2:40. De que maneira cada passagem esclarece a outra?
3. Que implicações você consegue extrair do fato que nenhum judeu da atualidade pode provar que ele ou ela é um descendente direto do rei Davi?

4. Que implicações para a sua própria fé você consegue extrair dos exemplos aqui do controle soberano de Deus sobre os eventos a ponto de realizar Seus próprios propósitos salvíficos? (Leia Romanos 8:28-39).
5. Que implicações para a sua própria fé você consegue extrair da disposição de Jesus de Se humilhar, sofrer rejeição, e ser desprezado ou ignorado? (Leia Mateus 10:24, 25; João 15:18-16:4).
6. Que versículos e temas nestes dois capítulos já apontam para a cruz?

2

O Começo do Ministério do Messias

Mateus, capítulos 3 e 4

Embora os quatro Evangelhos canônicos comecem bem diferente um do outro, é notável que todos os quatro incluem algum relato do ministério de João Batista antes das suas descrições do ministério de Jesus. Os quatro evangelistas perceberam corretamente que a função de João como precursor havia sido predita pelas Escrituras (veja Isaías 40:3; Malaquias 3:1; 4:5, 6), e portanto eles dificilmente poderiam tê-lo deixado de fora. Na verdade, incluí-lo ajuda a autenticar Jesus; pois se as Escrituras dizem que o Messias deve ter um precursor, qualquer pretendente messiânico deve ser capaz de dizer quem é o seu precursor.

Entretanto mais importante, o ministério público de Jesus começou a partir do momento do Seu batismo *por João*; portanto a função de João requer algum tipo de atenção. Como veremos no capítulo 5 deste livro, o propósito de João no

desenrolar do plano redentor de Deus foi cuidadosamente projetado pelo próprio Jesus, e era obviamente um assunto que interessava Mateus.

O Precursor

A maioria dos judeus acreditava que não havia existido um profeta em Israel por quatrocentos anos. O ministério de João Batista estava portanto compelido a causar uma sensação. Mesmo a comida que ele comeu e as roupas que ele vestiu o estamparam não tanto como pobre mas como um profeta, um profeta com ligações óbvias com Elias (veja 2 Reis 1:8; Zacarias 13:4). Mateus o identificou não simplesmente como um profeta (Mateus 11:9), e sim, como o tema de uma das profecias de Isaías (veja 3:3) – uma identificação que João Batista estava preparado para fazer referente a si mesmo (João 1:23).

Mas foi o ardor da sua mensagem, e o espírito no qual ela foi transmitida, que chamou a maior atenção. Como Mateus a registrou, aquela mensagem abrangia dois temas cruciais.

Primeiro, João anunciou a proximidade do reino dos céus (Mateus 3:2) – a chegada iminente do Messias que, diferente do próprio João, iria batizar não com água mas com o Espírito Santo e com fogo (3:11, 12). A palavra para reino pode ser melhor traduzida como reinado. Ela conota principalmente o sentido dinâmico de governo, reinado, ou domínio ao invés do sentido relativamente menos freqüente e estático de território ou reino (como em 4:8).

Isso iria trazer à mente de muitos judeus as numerosas

promessas de bençãos futuras registradas no Velho Testamento, promessas às vezes expressas em categorias de reino, e às vezes em outros termos. Existiam promessas ao herdeiro de Davi, promessas de bênção e julgamento no dia do Senhor, promessas de um novo céu e de uma nova terra, de um Israel reagrupado e de um pacto novo e transformador (veja 2 Samuel 7:13,14; Isaías 1:24-28; 9:6,7; 11:1-10; 64-66; Jeremias 23:5,6; 31:31-34; Ezequiel 37:24; Daniel 2:44; 7:13, 14; Sofonias 3:14-20). Todas essas e outras mais são evocadas pelo anúncio de João.

Mas se o reino estava para aparecer, teria que existir alguma menção do Rei, do Messias. Aqui duas coisas devem ser assinaladas.

Primeiro, João Batista se viu não meramente como alguém que fez uma predição generalizada sobre algum reinado futuro, mas como o precursor imediato de alguém vindo após ele cujas sandálias ele não era digno de carregar. Aquela pessoa iria batizar o povo com o Espírito Santo (pois a época messiânica seria caracterizada pelo Espírito Santo) e com fogo (aqui provavelmente um símbolo de pureza, como em Isaías 1:25; Zacarias 13:9; Malaquias 3:2, 3). No entanto, aquela mesma figura iria efetuar uma separação entre os seres humanos; alguns seriam ajuntados como bons grãos e alguns, como farelo, seriam destruídos (veja Mateus 13:30). A vinda do Messias, noutras palavras, iria trazer tanto bênção como julgamento, a pureza do Espírito Santo e a condenação inequívoca.

Segundo, Mateus normalmente usava a expressão "o reino dos céus", enquanto que os outros escritores dos

Evangelhos usavam "reino de Deus". Este último é usado por Mateus em 12:28; 19:24; 21:32, 43. É bastante duvidoso que as duas expressões se refiram a coisas diferentes. (Compare, por exemplo, Mateus 19:23, 24 com Marcos 10:23-25). Todavia, a expressão "reino dos céus" tem uma certa ambigüidade que Mateus pode ter preferido. O céu, o lugar onde Deus habita, pode significar Deus, da mesma forma que em expressões tais como "Que o céu proíba!" Entretanto, é um pouquinho menos específica. Quando dizemos, "o reino de Deus", estamos fazendo referência ao reino onde *Deus* reina – mesmo que os escritores dos Evangelhos também tenham deixado claro que o reinado pertencia, mais especificamente, a *Jesus* (veja Lucas 22:16, 18, 29, 30).

Mas a expressão "reino dos céus" em Mateus abriu mais espaço para esta associação gêmea do reino pertencente a Deus e a Jesus. O reino é verdadeiramente de Deus, e é sem dúvida especificamente atribuido ao Pai (Mateus 26:29); mesmo assim ele também é o reino de Jesus (veja 16:28; 25:31, 34, 40; 27:42; possivelmente 5:35), pois Jesus é Rei e Messias. Assim, quando João Batista estava preparando "o caminho do *Senhor*" (3:3), ele estava preparando, mais especificamente, o caminho de *Jesus*, uma vez que ele era o precursor de *Jesus*.

A *segunda* característica da mensagem de João foi o chamado ao arrependimento. Na verdade, a urgência desse chamado ao arrependimento estava fundamentada na iminência do reino: "Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus" (3:2). Esta foi a maneira que João Batista "preparou o caminho do Senhor". Ele exigiu que os homens

e as mulheres dessem as costas aos seus pecados e se preparassem para o Messias iminente. Visto que Sua vinda (como acabamos de ver) poderia significar bênção ou condenção, era importante preparar-se para Ele.

O arrependimento não é simplesmente alguém sentir-se pesaroso por seus pecados, nem uma mudança de opinião meramente intelectual a respeito deles. O arrependimento é uma mudança radical de direção, uma virada transformadora da pessoa como um todo. Ele envolve a vontade, o pensamento, as emoções e as ações, e produz "frutos dignos de arrependimento" (3:8). É por isso que a linguagem de João era tão severa contra os líderes religiosos do dia. Os fariseus e os saduceus eram respeitados em muitos lugares; eles eram muitas vezes devotos e religiosos. Mas a não ser que suas vidas demonstrassem a transformação radical que João estava exigindo, ele os tratava como outros pecadores.

Mais amplamente, João Batista advertiu o povo que a confiança na herança e nos privilégios raciais e religiosos seria de pouca utilidade. Alguns judeus sentiam que eram aceitáveis a Deus simplesmente por serem descendentes de Abraão e por serem, portanto, membros do povo do pacto de Deus. Contudo, João insistiu que Deus poderia levantar verdadeiros filhos de Abraão das pedras do chão. O argumento então formou a base para o conceito de Paulo de que os verdadeiros filhos de Abraão são aqueles que compartilham da fé de Abraão (veja Romanos, capítulo 4; Gálatas, capítulo 3).

A época messiânica que estava chegando seria tão discriminatória que qualquer árvore que não produzisse

frutos seria cortada e queimada. Esse ponto de vista do futuro foi pouco apreciado por aqueles que sentiam que apenas por serem judeus eles estariam bem, ou que a vinda do Messias significaria uma grande transformação política de Israel, livramento do senhorio romano, e uma restauração das fortunas terrenas de Israel sem qualquer consideração pela santidade do povo do Messias. Todavia este Messias, Mateus insistiu, veio para salvar Seu povo *dos seus pecados* (Mateus 1:21), não somente dos romanos.

Vinculada à dupla mensagem de João estava sua prática de batizar aqueles que confessavam seus pecados. O batismo não era um ritual desconhecido. Por exemplo, alguns líderes judaicos batizavam convertidos ao judaísmo; e algumas seitas monásticas judaicas praticavam o auto-batismo diariamente como um ritual de purificação. Mas João vinculou o batismo com o arrependimento e com a previsão do Reino. Isso era um aspecto tão central no ministério de João que lhe rendeu o sobrenome "João o Batizador", que hoje abreviamos para "João Batista" (sem qualquer sugestão de afiliação denominacional).

O Batismo de Jesus

Mas se o batismo está ligado ao arrependimento, por que *Jesus* pediu para ser batizado, visto que havia ampla evidência de que Ele nunca pecou e portanto não tinha sentimento de culpa e nenhuma necessidade de Se arrepender?

João sentiu-se relutante para batizar Jesus (3:14). Antes ele havia censurado os fariseus e os saduceus pois, impenitentes como eles eram, os candidatos não eram dignos do

seu batismo; porém agora ele insistiu que seu batismo não era digno do candidato.

É duvidoso que João Batista estivesse bem certo nesse momento que Jesus era o Messias, pois de acordo com o Evangelho de João, ele não reconheceu Jesus como o Messias até depois do batismo de Jesus (veja João 1:29-34). Entretanto pode facilmente ter havido uma outra razão para a relutância de João para batizar Jesus. Mesmo que ele não conhecesse bem Jesus, é inconcebível que seus pais nunca tivessem lhe falado da visita da sua parente Maria, quando tanto Jesus como João ainda estavam no ventre de suas mães (veja Lucas 1:39-45). Provavelmente ele sabia também do prodigioso conhecimento que Jesus tinha das Escrituras, mesmo na juventude (veja Lucas 2:41-52). O Batista era um homem humilde. Consciente do seu próprio pecado e da superioridade moral de Jesus, ele acreditava que seria mais correto que ele fosse batizado por Jesus do que o contrário.

No entanto, a resposta de Jesus resolveu a questão para João (3:15). Mas Suas palavras "porque assim nos convêm cumprir toda a justiça" não são fáceis de entender. Alguns têm argumentado, por exemplo, que pelo Seu batismo Jesus estava prevendo Seu "batismo de morte" pelo qual Ele asseguraria justiça para muitos. Todavia o texto fala do envolvimento *tanto* de Jesus *como* de João numa ação que cumpre toda a justiça, por isso não pode referir-se a uma morte *compartilhada*; e neste Evangelho, a palavra justiça não é usada para referir-se ao que Cristo pela Sua morte assegurou para outros, e sim, à vida e à conduta que conformam-se a vontade de Deus.

Parece que é melhor portanto compreender o argumento de Jesus de uma outra maneira. O batismo de João estava atado a *ambas* as funções do Seu ministério; estava conectado tanto ao arrependimento como ao anúncio do Reino. Jesus estava dizendo que para Ele ser batizado pelo Batista seria apropriado para *ambos* os participantes, pois cumpriria toda a justiça. ou seja, isso iria apontar para a completa justiça daqueles que fazem a vontade do Pai. Mesmo no Velho Testamento, uma característica principal do "Servo Sofredor" era a obediência à vontade de Deus; pois o Servo sofreu e morreu para efetuar a redenção em obediência à vontade de Deus. Uma vez que o batismo de João apontava para a época messiânica, a submissão de Jesus àquele batismo tornou-se uma maneira de afirmar Sua determinação para realizar a tarefa que lhe fora determinada.

E assim Jesus foi batizado. A exatidão do batismo foi confirmada pela visão do Espírito descendo sobre Ele como uma pomba e o testemunho da voz do céu dizendo: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (3:17). Essas palavras combinam fragmentos de dois textos do Velho Testamento – Isaías 42:1 e Salmo 2:7. Juntos eles estabelecem vários pontos importantes. Jesus é apontado como sendo o verdadeiro e amado Filho de Deus e o obediente Servo Sofredor predito por Isaías. O Espírito repousou sobre Jesus (cumprindo Isaías 42:1-4) não para mudar o status de Jesus ou Lhe designar certos direitos, mas para identificá-lO como o Servo e o Filho prometido, o Messias cujo Reino João Batista havia proclamado, assim como anunciar o começo do Seu ministério público.

A Tentação de Jesus

Alguém pode ter esperado que após uma demonstração tão dramática de prazer do Pai, Jesus fosse diretamente para um ministério público e poderoso, mas este não era o caminho de Deus. A primeira coisa que o Espírito que havia vindo repousar sobre Jesus fez, foi levá-lO ao deserto para ser tentado por satanás. Isso não quer dizer que o Espírito e o maligno tivessem feito um complô para levar Jesus a fazer o mal; pois a palavra tentar também pode significar testar ou provar. Deus, pelo Seu Espírito, estava dirigindo Jesus a Se deparar com um profundo teste espiritual. Nisso, Jesus repetiu de maneira pessoal o tipo de provação com que Israel se deparou como "filho" de Deus durante 40 anos no deserto (veja Deuteronômio, capítulos 6-8). Aquele "filho" nacional fracassou nos testes repetidamente, mas Jesus aqui triunfou ao ser testado.

O jejum no qual Jesus esteve por 40 dias e 40 noites provavelmente não foi absoluto. Ele provavelmente Se permitiu beber, mas sem comida sólida. Isso O deixaria fraco, até mesmo magro, porém ainda vivo e alerta.

A maneira na qual o maligno aproximou-se dEle não está clara. A viagem a uma montanha alta (Mateus 4:8) foi certamente visionária, pois nenhuma montanha pode fornecer um ponto de oportunidade natural para se ver todos os reinos do mundo. Seja qual for a forma que satanás usou, seu ataque foi pessoal e sutil, e enfocou três áreas.

Primeiro, o maligno escolheu o testemunho que o Pai havia acabado de dar sobre Jesus (3:17) e disse, em essência, que se Jesus fosse verdadeiramente o Filho de Deus, Ele

deveria demonstrar Seu poder transformando as pedras em pães a fim de satisfazer Sua própria fome. Afinal de contas, que pai faria objeção a seu próprio filho de alimento, especialmente se estivesse dentro do poder do filho adquiri-lo? Por que Deus o Pai deveria fazer objeção a isso?

A resposta de Jesus, citando Deuteronômio 8:3, mostrou que satanás estava realmente tentando encorajar Jesus a distanciar-Se da noção de filiação que envolvia estrita conformidade com a palavra do Pai (veja Mateus 4:4). A obediência a cada palavra do Pai era para Jesus mais necessária do que o alimento que sustenta.

Mas tem mais. Nós devemos concluir que se Jesus tivesse usado os poderes que eram Seus de direito, Ele estaria *desobedecendo* os comandos do Pai para Ele com relação à Sua missão. Se Ele tivesse agido com poder a Seu próprio favor, Ele teria rejeitado a auto-submissão que era parte essencial da Sua missão; Ele não teria aprendido a obediência por meio do sofrimento (veja Hebreus 3:5, 6; 5:7, 8).

A tentação foi semelhante àquela que seria lançada a Ele pelas multidões em Mateus 27:40: "Se és Filho de Deus, desce da cruz". Quão fácil era para Ele fazê-lo – mas então o próprio propósito da Sua vinda teria sido destruído.

A *segunda* tentação mostra o maligno citando e interpretando mal as Escrituras. O Velho Testamento promete que Deus irá proteger aqueles que confiam nEle (Salmo 91:11,12). Portanto se Jesus era o Filho de Deus, o maligno argumentou, Ele deveria testar essa intimidade favorecida com Seu Pai contra a promessa de Deus de proteger os Seus.

Jesus não desejava entrar em disputas sobre o amor do

Seu Pai por Ele ou a disposição e a habilidade de Deus para protegê-lO. Antes, Ele reconheceu que por trás do desafio de satanás estava um convite para se aproximar de Deus com um tipo de chantagem emocional, um suborno espiritual retorcido. As Escrituras proíbem de modo absoluto ao crente essa conduta (veja Deuteronômio 6:16, que Jesus cita). O cuidado de Deus sobre Seu povo não lhe dá o direito de tratar Deus com presunção leviana. A atitude dele deve ser de confiança e de obediência (veja Deuteronômio 6:17).

A *terceira* tentação foi um convite para alcançar poderes régios por um atalho, através da adoração do arquinimigo de Deus. Segundo satanás, Jesus poderia ganhar autoridade total sobre o mundo escapando da cruz e assumindo a idolatria. Mas Jesus reconheceu que esse era o pecado mais horroroso. Nem Israel o Filho "nacional", nem o próprio Jesus, nem ninguém mais, pode desviar-se da lealdade indivisa a Deus sem submeter-se ao mais negro paganismo, pois está escrito, "Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás" (Mateus 4:10, citando Deuteronômio 6:13).

E assim esse período de severa tentação passou, porém essa não foi a única vez que Jesus iria confrontar e rebater as astúcias de satanás (veja Mateus 16:21-23, citando Lucas 4:13).

O Expansivo Ministério de Jesus

Assim como Marcos e Lucas, Mateus não fez nenhuma menção de que o ministério de Jesus na Judéia se sobrepôs ao do Batista (veja também João 2:13-3:21). Mas a não ser que suponhamos que João Batista foi detido e aprisionado

imediatamente após batizar Jesus, Mateus 4:2 insinua algum tipo de demora; pois lá nos é dito que Jesus retirou-Se para a Galiléia somente após a detenção daquele que O havia batizado.

É lá que Mateus retomou a história. Uma das razões do silêncio de Mateus sobre o período inicial é que ele queria avançar imediatamente para uma outra profecia sobre o ministério do Messias, uma profecia referente aos gentios. Citada em Isaías 9:1-2, a profecia em Mateus 4:15, 16 focaliza a Galiléia, uma região conhecida por sua concentração relativamente alta de gentios. Mesmo lá, o profeta nos diz, a luz havia raiado. Foi lá, nos antigos territórios tribais de Zebulom e Naftali, que Jesus pregou, estabelecendo-Se na cidade de Cafarnaum da Galiléia, dando cumprimento ao texto antigo.

Formalmente, a mensagem que Jesus pregava – resumida numa frase, "Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus" (Mateus 4:17) – é idêntica ao resumo da pregação de João Batista (3:2). Contudo, existe uma diferença sutil entre os dois resumos, imposta sobre eles por seus respectivos contextos.

Essa diferença se torna possível pela ambigüidade do verbo usado na frase "porque é *chegado* o reino dos céus". Ele poderia significar ou que o reino estava iminente e logo estaria lá, mesmo que ele ainda não tivesse chegado *ou* que o reino já estava perto, mais perto do que qualquer um havia pensado. Quando João Batista pregou essa mensagem, ele o fez *como o precursor que estava preparando o caminho para um outro*. Portanto "é chegado" naquele contexto adquiriu a

essência do *primeiro* significado. Mas quando Jesus pregou a mesma mensagem, Ele estava posicionado na função não de um precursor, mas dAquele cujo ministério *já* havia derramado luz sobre os gentios. Assim, em referência a Jesus, "é chegado" adquire a essência do *segundo* significado.

Isso está inteiramente de acordo com um dos principais temas em Mateus. Embora a maioria das passagens em Mateus que fala algo sobre o Reino esteja se referindo ao Reino conclusivo no final dos tempos, um número significante delas insiste que o Reino chegou no período do ministério de Jesus. Por exemplo, em Mateus 12:28 Jesus insiste que se Ele conseguia expulsar demônios pelo Espírito de Deus, então o reino de Deus *havia chegado* para o povo. Esta cuidadosa tensão entre um reino que *ainda não* está aqui e um reino que *já* está aqui – mesmo que seja o *mesmo* reino que está sendo discutido – é o que faz com que muitos crentes falem de um reino *futuro* e de um reino *inaugurado*.

Esse tema tem muitos paralelos. Por exemplo, o Novo Testamento nos diz que os crentes verdadeiros *já têm* a vida eterna (como em João 5:24) mas também nos diz que nós *iremos herdar* a vida eterna no final dos tempos (como em Mateus 25:46). *Já* fomos justificados pela graça de Deus, porém nossa transformação final para nos tornarmos um povo justo ainda não ocorreu. Num certo sentido já passamos da morte para a vida, todavia esperamos pelo retorno de Jesus antes de recebermos nossos corpos ressurretos e o livramento perfeito de cada traço da morte. Exatamento da mesma maneira, a pregação de Jesus exigindo arrependimento com base no fato que o reino estava próximo anunciou algo *presente*

sobre o reino, precisamente porque Sua pregação estava enquadrada no contexto do *cumprimento* messiânico.

Nossos últimos vislumbres de Jesus neste capítulo são dois. Primeiro, nós O encontramos ajuntando um grupo íntimo de discípulos (4:18-21) a quem Ele prometeu treinar como evangelistas (pescadores de homens). Este passo pode ter sido facilitado por contatos anteriores com esses homens (compare com João 1:35-42) mas de qualquer modo isso prova que Jesus previu um longo caminho que iria requerer trabalhadores, não um fim imediato e cataclísmico.

Segundo, na última vinheta nós vemos justamente quão ocupado era o pregador, mestre, e curador Jesus. O historiador do primeiro século Josefo nos diz que haviam mais de duzentas cidades e vilas na Galiléia, cada uma com mais de 15.000 pessoas. Mesmo se Josefo estivesse se excedendo nas suas estimativas, um pregador que parasse em duas comunidades por dia iria precisar mais de três meses para visitar todas elas – sem dia de folga para o sábado! O simples esgotamento emocional deve ter sido fantástico à medida que multiplicava a fama de Jesus. Semana após semana Ele ensinava na sinagoga deles, pregava "as boas novas do Reino" (o que o Reino significava e que ele estava próximo), curava muitas pessoas, e expulsava muitos demônios em demonstrações poderosas da chegada do poder transformador do Reino.

Perguntas para Estudo Suplementar

1. Se as boas novas do primeiro advento e do ministério de Jesus serviram como motivo para o arrepedimento, de que maneira deveriam as boas novas do futuro retorno de Jesus servir como motivo do nosso arrependimento hoje?
2. Com que tentações nós nos deparamos hoje que se assemelham às três tentações que Jesus confrontou em Mateus 4:1-11?
3. Que áreas de nossas vidas somos mais sujeitos a excluir do alcance altamente abrangente do arrependimento? O que João Batista iria dizer a um arrependimento tão superficial?
4. Liste todos os versículos nos quatro primeiros capítulos de Mateus onde alguma esperança é estendida para os gentios.
5. Como se relaciona a nós hoje Mateus 4:18-22? Compare esses versículos com Mateus 28:18-20.

3

O Sermão do Monte

Mateus, capítulos 5 a 7

Alguns assuntos parecem provocar bastante discussão. Logo já se escreveu tanto sobre o assunto que outros começam a escrever para descrever o que foi escrito.

É assim com o Sermão do Monte. Milhares e milhares de livros e ensaios têm sido dedicados a esses três capítulos do Evangelho de Mateus. A produção é tão grande que vários livros grandes foram escritos para pesquisar essa vasta literatura e explicar os vários "campos" ou "escolas" que abordam o Sermão de formas diferentes.

Por isso um pequeno capítulo num livro bem pequeno não consegue fazer mais do que apresentar um esboço com largas pinceladas da compreensão do autor sobre o Sermão do Monte. Na verdade, a riqueza de material nesses capítulos de Mateus é tão grande que os crentes verdadeiramente famintos de conhecer mais sobre a Bíblia e sobre o que Deus pensa, poderiam fazer bem pior do que deter-se aqui e decorar Mateus, capítulos 5-7, e depois partir para exposições e comentários mais longos a fim de conhecerem bem este

sermão. Esconder esta parte da Palavra de Deus em nossos corações garante transformar nosso pensamento e vida.

De certo modo, é claro, estes capítulos não oferecem um relato completo do sermão. Eles levam cerca de dez minutos para serem lidos; e é improvável que Jesus tenha Se retirado para os montes, atraído uma multidão, e depois falado por apenas dez minutos! Algumas de Suas excursões viravam conferências de três dias (veja Mateus 15:32). Estes três capítulos são relatos condensados de longas sessões de ensino e portanto são necessariamente seletivos e tópicos.

Parece que Jesus tinha a princípio a intenção de transmitir este ensino apenas *aos Seus discípulos*, não as multidões. Ele observou às multidões (4:23-25; 5:1) e afastou-Se delas em direção aos montes, onde Seus discípulos congregavam ao Seu redor. Contudo, devemos notar dois detalhes para que este retrato não distorça nossa compreensão do Sermão do Monte.

Primeiro, o termo discípulos não significa, neste estágio inicial do ministério público de Jesus, apenas os doze, que não são introduzidos até o capítulo 10. Não significa também crentes no sentido pleno, pós-Pentecoste. Nenhum daqueles que colocaram inicialmente sua fé em Jesus compreendeu realmente que Ele, o Messias, teria que sofrer e morrer como um sacrifício pelo pecado. Ainda assim haviam muitos que seguiam a Jesus, buscavam seguir os Seus ensinos, e se consideravam Seus discípulos – assim como aqueles que seguiram João Batista se viam como os discípulos do Batista (veja 11:2). Jesus tinha a intenção de ensinar e treinar este grupo mais comprometido.

Mas, *segundo*, era tão grande Sua crescente popularidade que ao término desta conferência haviam grandes multidões que estavam prestando atenção (veja 7:28, 29) – assim como mais tarde foi extraordinariamente difícil para Ele escapar da atenção delas (veja 14:13, 14).

A razão desses dois pontos serem importantes para uma compreensão apropriada do Sermão do Monte é esta: estes capítulos incluem não apenas material adequado para aqueles que são realmente discípulos de Jesus ("Vós sois o sal da terra," 5:13; veja também 5:14; 7:7-11) mas incluem também advertências dirigidas aqueles que pensam que são verdadeiros discípulos mas não são (veja 7:21-23).

Algumas passagens oferecem desafio (6:24,33) e até mesmo convite (7:13, 14). Aqueles que eram Seus discípulos precisavam perseverar em seu discipulado, aprofundar sua compreensão e compromisso, e entrar num relacionamento de obediência e de vida transformada (6:19-34; 7:15-23) que iria não apenas destacá-los como diferentes da cultura ao redor mas que também continuaria após Jesus, o Messias ter morrido e ter sido ressuscitado.

E aqueles que ainda não eram discípulos em qualquer sentido, mas que haviam corrido aos montes como intrusos e se juntado à "sessão de ensino", também tinham a necessidade de um desafio tão fundamental. Por isso o Sermão do Monte, mesmo sendo um bloco de ensino, não é grave, formal, ou meramente didático. Ele é também um chamado ao arrependimento, à obediência, e à fé.

As Normas e o Testemunho do Reino

Leitores diligentes muitas vezes apreciam escritores e palestrantes que conseguem capturar uma posição complexa numa única polida gema de declaração. Tais aforismos (como eles são chamados) são especialmente reveladores quando se tornam públicos pela primeira vez.

Infelizmente, uma vez que um aforismo foi largamente disseminado, ele corre o perigo de ficar domesticado – qual cachorrinho treinado que é arrastado para fora quando as circunstâncias requerem. Para muitos crentes, é isso o que as bem-aventuranças se tornaram (literalmente, as bênçãos, um termo derivado da primeira palavra de cada versículo). Nós estamos tão familiarizados com elas que as palavras podem deslizar piedosamente por nossas línguas sem nos perturbar. Contudo, cada uma das bem-aventuranças é um aforismo *revolucionário* e juntas elas podem, quando compreendidas de maneira apropriada, derrubar totalmente o secularismo e transformar radicalmente o cristianismo insípido.

A primeira (5:3) insiste que as pessoas realmente "bem-aventuradas" – aquelas que tem a aprovação de Deus – são aquelas que são os "humildes de espírito". Aqueles que são de tal forma aprovados por Deus que herdam o Seu Reino não são uma elite espiritual, os moralmente influentes, os místicos piedosos – mas os destituídos espiritualmente. Aqueles que gozam do Reino não são esses que conseguem demonstrar o maior crescimento espiritual ou as maiores credenciais, e sim, aqueles que reconhecem a falência espiritual. O Reino não é para a pessoa que faz uma profissão

de fé como se tal coisa fosse fazer um favor a Deus, porém para a pessoa que reconhece constantemente a condição empobrecida da sua vida, e se achega a Deus por nenhuma outra razão senão a necessidade.

A última bem-aventurança na série (5:10) não é menos surpreendente. O reino dos céus é prometido, como uma função da bênção e da aprovação de Deus, não ao testemunho bem sucedido, a coluna de retidão, o líder cristão itinerante – mas aos "que são perseguidos por causa da justiça...". A conduta dessa pessoa é tão justa que o mundo não consegue suportá-la.

O retrato não é de um santarrão, mas de um crente marcado por *integridade* – integridade no comércio, na fala, em transações pessoais, no preenchimento do imposto de renda, na oferta de valor por dinheiro, nos relacionamentos com o sexo oposto, integridade em todos os lugares e em todos os momentos. O mundo normalmente prefere uma aparência de integridade ou integridade em áreas selecionadas. Quando o mundo encontra a coisa verdadeira, ele reage com indignação.

De certo modo isso sempre foi assim. Mesmo no Velho Testamento, Deus Se dirigia às pessoas justas dos dias de Isaías nestes termos: "Ouvi-me, vós que conheceis a justiça, vós, povo, em cujo coração está a minha lei; não temais o opróbrio dos homens, nem vos turbeis pelas suas injúrias (Isaías 51:7).

Na verdade, esta bem-aventurança é tão importante que ela é expandida nos próximos dois versículos (Mateus 5:11, 12 – com uma mudança da terceira para a segunda pessoa –

vós – para tornar o desafio mais direto). Agora fica claro que a perseguição de 5:10 iria incluir insultos e difamação.

Mesmo sendo sempre verdadeiro que pessoas genuinamente justas não ganham competições de popularidade, existe uma ferroada extra neste caso. No versículo 10, Jesus disse que a razão para a perseguição é "por causa da justiça". Além disso, Ele explicou que a perseguição viria "por minha causa" (5:11). Noutras palavras, a justiça que está em vista é aquela que surge de uma pessoa ser discípula de Jesus.

Existe uma outra implicação que é um tanto surpreendente: os discípulos de Jesus que são perseguidos se associam aos profetas do passado que foram perseguidos (5:12). Assim como os profetas viveram em lealdade a Deus e pagaram um preço social, nós devemos viver em lealdade a Jesus e pagar um preço social. Mas isso significa que nós somos semelhantes aos profetas, e que Jesus é idêntico a Deus. Isso significa que quanto mais meditamos nesta bem-aventurança, mais ela se torna não apenas um desafio porém uma alegação messiânica velada.

Ainda assim é um desafio – plenamente em linha com outras passagens do Novo Testamento que previnem o seguidor de Jesus a esperar oposição e isso quase faz da oposição um emblema da fé genuína e do discipulado (veja Lucas 6:26; João 15:18 – 16:4; Atos 14:22; 2 Timóteo 3:12; 1 Pedro 4:13, 14). A crença fácil pode ser aceitável ao mundo e à filosofia popular tal como o "poder do pensamento positivo", fraseado por clichês evangélicos, e pode ganhar a aclamação mundana, entretanto os verdadeiros discípulos de Jesus sofrerão alguma oposição. Por outro lado eles, somente

eles, descobrirão que "deles é o reino dos céus" (5:10).

Essa benção é a mesma daquela prometida na *primeira* bem-aventurança (5:3). Todas as restantes são diferentes (5:4-9). Começar e terminar uma seção de escrita com o mesmo tema e até as mesmas palavras é um recurso estilístico que os críticos literários chamam de inclusão, um tipo de invólucro literário. Neste caso isso significa que todas as normas estabelecidas nas bem-aventuranças têm a ver com herdar o reino dos céus. Elas são, por assim dizer, as normas do reino.

Não é possível passar por todas elas em detalhe neste pequeno capítulo, mas talvez possamos saborear um versículo. O versículo 6 promete as bênçãos de Deus sobre aqueles que "têm fome e sede de justiça". Fome e sede representam os desejos mais profundos (veja também Salmo 42:2). Certamente a fome mais profunda é a fome pela Palavra de Deus (veja Amós 8:11-14). Os discípulos de Jesus desejam veementemente a justiça, não apenas para que eles possam fazer inteiramente a vontade de Deus, mas para que também possam ver a justiça em todos os lugares. (Em Mateus, a palavra *justiça* nunca toma o significado de *justiça imputada* como acontece freqüentemente nos escritos do apóstolo Paulo). Toda a injustiça os aflige e os torna ansiosos pelo novo céu e pela nova terra, o lar da justiça (veja 2 Pedro 3:13). A benção de Deus sobre eles é enchê-los da justiça em certa medida agora, mas sem limite um dia.

Claramente, os valores estabelecidos nas bem-aventuranças são fundamentalmente diferentes daqueles das áreas centrais da vida moderna, da educação, do desenvolvimento

tecnológico, ou do poderio militar. A coisa surpreendente é que muitas pessoas, devido estarem vagamente familiarizadas com esses valores, na verdade pensam que estão mais ou menos vivenciando-os. A familiaridade barata roubou desses aforismos a sua força. Mas a reflexão renovada sobre eles não apenas acentua sua estatura moral transcendente, porém nos obriga a examinarmo-nos para descobrir se somos herdeiros do Reino (veja 2 Coríntios 13:5).

Por certo aqueles que vivem por tais normas não podem fazê-lo em segredo. Sua religião não é de experiência privada apenas, mas também de integridade, humildade, pureza e misericórdia *públicas*. É por isso que os próximos versículos partem imediatamente para considerar o testemunho do Reino (Mateus 5:12-16).

O tema de testemunho é exposto em duas metáforas. A primeira retrata os seguidores de Jesus como *sal* (5:13-16). No antigo Oriente Médio, embora o sal fosse usado para muitas coisas, ele era usado principalmente como um preservativo. Naqueles dias anteriores às geladeiras, salgar a carne era a melhor maneira de preservá-la. Grande parte desse sal vinha de charcos de sal e semelhantes e, portanto, tinham muitas impurezas. Se tal sal fosse lixiviado um pouco, a porcentagem de impurezas poderia tornar-se tão alta que o sal não teria nenhuma eficiência. Assim também os seguidores de Jesus devem retardar a deterioração num mundo que marcha constantemente em direção a corrupção. Mas se eles forem lixiviados, removendo o que é peculiar acerca deles, eles ficam inúteis. Eles certamente não estancam o mal do mundo se eles perderem sua obediência, lealdade,

e poder peculiares. Na verdade, com o tempo eles são simplesmente esmagados debaixo dos pés.

Ou colocando isso de outra maneira (5:15,16), assim como uma cidade sobre um monte, iluminada à noite por mil lâmpadas fracas de óleo de oliva, não pode ser escondida, assim também um verdadeiro discípulo de Jesus não pode ser escondido. Tais pessoas irão se sobressair. De qualquer forma, assim como é ridículo acender uma lâmpada e depois escondê-la sob uma tigela de medição, assim também é impensável esconder a luz do crente. O exato *propósito* da lâmpada é irradiar luz num lugar escuro; e o exato *propósito* dos seguidores de Jesus é irradiar a luz de Jesus, da revelação bíblica, da integridade moral, do evangelho do Reino, num mundo tenebroso.

A Relação de Jesus com o Velho Testamento

O corpo principal do Sermão do Monte vai de Mateus 5:17 a 7:12; e outra vez, encontramos um invólucro, um envelope literário, em que os versículos iniciais e finais fazem menção da lei e dos profetas. Isso sugere que Jesus, no corpo do Sermão do Monte, estava explicando o relacionamento entre o Seu ensino e as Escrituras do Velho Testamento – que eram às vezes chamadas de " a lei e os profetas", às vezes simplesmente "a lei" (como em 5:18), e às vezes "a lei, os profetas e os salmos" (veja Lucas 24:44).

A exata natureza do relacionamento que Jesus expôs volta-se em grande parte para a interpretação de Mateus 5:17-20. Em particular, o relacionamento enfoca a força da palavra cumprir. Alguns têm notado que 5:17 coloca os verbos abolir

e cumprir um contra o outro – Jesus não veio para *abolir* a lei mas para *cumpri-la* – e conclui que cumprir neste contexto deve significar manter, preservar ou mesmo intensificar.

O problema com tal interpretação é que Mateus, em outros textos, parece dizer que certas partes da lei do Velho Testamento *não* eram mais aplicáveis *como lei*; e certamente outros escritores do Novo Testamento deixam isso claro de várias maneiras (veja Hebreus 8:13; 9:6-10). Poucos crentes, por exemplo, ainda seguem as leis alimentícias do Velho Testamento (veja Mateus 15:1-20) e nenhum de nós oferece sacrifícios no templo em Jerusalém. Assim num *certo* sentido, as leis do Velho Testamento *foram* abolidas. Outros têm argumentado que em Mateus 5:17 Jesus deve portanto estar Se referindo apenas à lei *moral*. Mas este ponto de vista é contradito por 5:18 que, longe de restringir a lei a seu componente moral, insiste que o que está sendo discutido inclui *toda* a lei, até a menor letra e o traço de um *t*. Isso não apenas reflete a apreciação imensamente alta da veracidade do Velho Testamento mas, ainda mais importante, elimina qualquer restrição do assunto em questão para apenas uma parte da lei.

O melhor caminho é perceber que Mateus usou a palavra cumprir exatamente como ele já havia usado (veja o capítulo 1 deste livro). A palavra não significa aqui manter, preservar, ou intensificar mas *cumprir* como um evento *cumpre* predição e profecia. Já aprendemos que algumas profecias não são simples predições, mas podem incluir eventos e pessoas que servem como "tipos" do que está vindo no futuro.

Em resumo, Jesus estava dizendo que o propósito da Sua

vinda, ministério, e mensagem não era *abolir* as Escrituras já dadas (o que hoje chamamos de Velho Testamento), mas *servir como aquilo para o qual aquelas Escrituras apontam*. Jesus deduziu que aquelas Escrituras eram largamente proféticas, tanto lei como profetas. Como Ele disse em outro lugar a lei e os profetas *profetizaram* até o tempo de João Batista (11:13). Jesus recusou ver as Escrituras já dadas como a portadora de uma *revelação* perpetuamente definitiva *da lei como tal*, mas aceitou-as principalmente como uma revelação profética.

A contínua autoridade daquelas Escrituras, portanto, baseia-se principalmente naquilo para o qual elas apontam, na autoridade da pessoa e do ministério que elas profetizaram. *Tudo* que aquelas Escrituras profetizaram se realizará; nada irá cair por terra, será contrariado ou frustrado, até o final dos tempos, "até que o céu e a terra passem" até que cada detalhe que foi profetizado se realize, "até que tudo seja cumprido"(5:18).

É *nesse sentido* que mesmo o menor dos mandamentos do Velho Testamento deve ainda ser obedecido e não ser quebrado (5:19). Os discípulos de Jesus obedecem todos os mandamentos quando – na nova situação profetizada antigamente e agora trazida pela pessoa, ministério, morte, e ressurreição de Jesus – eles aderem e praticam tudo o que esta nova revelação requer, precisamente porque ela *cumpre* a revelação mais antiga. É aquilo para o qual a revelação mais antiga apontava.

A maneira como isso funciona para pelo menos algumas das partes da lei fica evidente no restante do capítulo (5:21-48). Esses versículos são tantas vezes resumidos como as seis

antíteses, pois Jesus começou cada uma das seis seções separadas com alguma variação de "Ouvistes que foi dito aos antigos...eu, porém, vos digo" (5:21, 27, 31, 33, 38, 43).

Parte do que as pessoas haviam ouvido era as Escrituras – o que chamamos de Velho Testamento – mas parte do que eles haviam ouvido, embora pensassem que tivesse autoridade de Escritura, era interpretação mal informada. Por exemplo, eles ouviram corretamente que as Escrituras ensinaram, "Amarás ao teu próximo" (5:43; veja também Levítico 19:18). Todavia algumas autoridades raciocinaram, "Ela diz *próximo* portanto isso quer dizer que não precisamos amar um inimigo. Na verdade, existe uma sanção implícita para odiar um inimigo." Então o que algumas pessoas haviam ouvido, portanto, era "Amarás ao teu próximo e odiarás ao teu inimigo" (Mateus 5:43).

Jesus não teria nada a ver com tal casuística. Ele insistiu, "Amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos" (5:44, 45). "Devolver o mal pelo bem é diabólico; devolver o bem pelo bem é humano; devolver o bem pelo mal é divino."* Qualquer incrédulo pode amar amigos e saudar irmãos; mas os seguidores de Jesus devem transcender tais padrões. Afinal, como Broadus coloca, "Ao amar seus amigos um homem pode num certo sentido estar

* Alfred Plummer, *na Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew* (London: Robert Scott, 1915).

amando somente a si mesmo – um tipo de egoísmo expandido."*

Entretanto, à luz de Mateus 5:17-20 e do tema de como Jesus *cumpre* as Escrituras, não devemos pensar que a antítese em 5:43-48 estava simplesmente oferecendo a interpretação particular de Jesus do Velho Testamento, e nada mais. Pelo contrário, Ele estava dizendo que o Seu próprio ensino era a verdadeira direção na qual as Escrituras apontam.

Talvez isso esteja ainda mais claro nas Suas antíteses sobre juramentos (5:33-37). Nesse caso, Jesus aboliu *formalmente* algo que o Velho Testamento aprova e regula. O problema estava nas interpretações perversas que permitiam juramentos evasivos que não tinham que ser cumpridos – como a criança que diz, "Juro por Deus!" mas acredita que isso não é válido porque ela tem seus dedos cruzados atrás das suas costas! Seu juramento é apenas uma desculpa esperta para mentir convincentemente. Uma passagem posterior em Mateus oferece alguns bons exemplos de juramentos evasivos (23:16-22). Mas a verdadeira direção na qual as leis do Velho Testamento sobre juramentos apontam é em direção ao falar a verdade de forma perfeita. Isso significa que Jesus insistiu autoritariamente que se fosse necessário abolir as regulações sobre juramentos, e mesmo os próprios juramentos, para o bem da verdade, Ele ficaria feliz em fazê-lo.

Um problema central na peleja para compreender a ética

* John Broadus, *Commentary on the Gospel of Matthew* (Valley Forge: American Baptist Publication Society, 1886).

de Jesus é nossa lamentável pressa de fazer perguntas do seguinte teor: "Isso nos permiti safar-nos daquilo?" Mas seja lá como forem interpretados os detalhes dessas antíteses, está certamente claro que o seu *enfoque* condena tal pergunta como perversa. Muitas vezes queremos saber quem é nosso próximo, não porque queremos agradar a Deus, e sim, porque queremos circunscrever nossa responsabilidade e minimizar nossa culpa e fracasso. Podemos lutar com um texto que nos diz para extrair nosso olho direito (5:29) não porque somos todos literalistas mas porque a imagem insiste tão fortemente que lidemos radicalmente com a luxúria.

Mas esses versículos não nos deixarão escapar tão facilmente. No seu coração está uma demanda ardente por uma pureza, uma santidade, uma justiça que sobrepuja todo fingimento e condena a casuística barata. É por essa razão que a seção termina com a perturbante exigência, "Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial" (5:48). A verdadeira direção na qual a lei e os profetas apontavam, e a essência ética do Reino que o Senhor Jesus pregou e introduziu, é a perfeição moral do próprio Deus.

O Que Isto Significa – e Não Significa

Uma prova surpreendente da perversidade humana é encontrada na nossa notável habilidade de transformar o alto tom moral numa auto-justiça legalística e numa presunção moral. Quando eu estava na universidade há trinta anos atrás, os crentes eram às vezes exortados a carregarem suas Bíblias com eles. Era uma medida tão pequena de testemunho e, além do mais, se os comunistas do campus estavam

orgulhosos de carregar alguns dos escritos de Marx sob seus braços, por que os crentes não deveriam se deleitar em carregar a Bíblia? É verdade. Contudo não demorou muito tempo para alguns crentes fazerem do carregar a Bíblia um teste de zelo espiritual. Quase parecia que eles pensavam que o fervor espiritual era diretamente proporcional ao tamanho da Bíblia exibida!

Existem muitos exemplos semelhantes. Na igreja coreana existe uma longa e saudável tradição de retiros espirituais. Os líderes cristãos separam um tempo para irem a um lugar recluso a fim de jejuar e orar. Mas alguns coreanos sábios tem nos últimos tempos expressado uma preocupação sobre a ostentação com a qual alguns desses líderes conduzem esta peregrinação regular. Noutros círculos, interesse justificável na vestimenta e no comportamento cristãos podem facilmente degenerar em regulamentos detalhados que recebem a autoridade dada as próprias Escrituras.

Jesus nunca foi ingênuo na Sua pregação e no Seu ensino. Conseqüentemente, quando Ele fez as maravilhosas demandas de Mateus 5:43-48, Ele sabia que elas poderiam ser facilmente prostituídas em regulamentos baratos que perderiam uma grande parte do que Ele estava requerendo. Portanto, nos versículos seguintes Ele passou a prevenir contra o tipo de religião que confunde ostentação com devoção, que está menos interessado na piedade e na santidade do que numa *reputação* de piedade e santidade.

Em Mateus 6:1-18, Jesus focalizou três práticas predominantes na piedade judaica do primeiro século: ofertar aos

necessitados (vv. 2-4), orar (vv. 5-15), e jejuar (vv. 16-18). Em cada caso, o âmago da advertência era que os atos de piedade *nunca* devem ser feitos por um desejo de ganhar o louvor dos outros (veja também João 5:44; 12:43). Aqueles que se condescendem a tais motivos podem na verdade ganhar o aplauso humano; mas isso é tudo o que eles recebem – eles "já receberam a sua recompensa" (Mateus 6:2, 5, 16). Seus atos de piedade não tem nenhuma significância no que concerne a Deus.

A maneira apropriada de evitar tais armadilhas é praticar constantemente a piedade *em secreto*. As pessoas não deveriam saber sobre nossos atos de bondade e nossas dádivas generosas – especialmente não de nós! E podemos estar bem certos de que a nossa piedade não significa muito se a nossa oração pública é a parte maior de nossa vida total de oração, ao invés de uma pequena parte do transbordamento da nossa oração em secreto. Ds mesmo modo o jejum torna-se sem valor quando se torna público e formal.

É importante reconhecer que Jesus não exclui as ofertas, a oração e o jejum. Bem pelo contrário. Ele parecia até mesmo esperar tais coisas de Seus seguidores. Contudo, Ele queria que tais passos fossem tomados como dádivas oferecidas livremente, em oculto, ao Pai celestial. Isso garantiria que o nosso discipulado em Jesus não seja nem legalista nem ostensivo, mas a adoração e a obediência honesta de uma vida entregue ao Senhor Jesus e ao Seu Pai celestial.

No segundo dos três exemplos, lidando com a oração, Jesus ofereceu um modelo do tipo correto de oração (vv. 9-13). As três primeiras petições focalizam o nome de Deus, o

reino de Deus, e a vontade de Deus; as três últimas focalizam nossas necessidades físicas, nossos pecados (freqüentemente vistos como dívidas), e nossas tentações.

Essa não é única oração modelo nas Escrituras (veja, por exemplo, 1 Reis 8:23-53; Efésios 3:14-21) mas é a oração modelo que o próprio Senhor nos deixou, e quem melhor sabia como orar?

Os avisos de Jesus contra as vãs repetições dos pagãos antigos (Mateus 6:7, 8) devem ser contra-balanceada pelo que Ele disse em outro lugar sobre a oração perseverante (veja Lucas 18:1-8). O primeiro aviso é dirigido contra aqueles que pensam que são ouvidos por falarem muito e o segundo contra aqueles cujo fervor espiritual é tão baixo que eles mostram pouca vontade para conhecer a Deus. A simplicidade e a profundidade dessa oração modelo merece uma meditação prolongada e uma emulação refletida.

Essas lições negativas sobre a ostentação podem ser colocadas mais positivamente em princípios sucintos. A *primeira* é esta: ponha suas afeições nas coisas eternas, não no mundo material (Mateus 6:19-24). Algumas pessoas dizem que existe um perigo de que os crentes se tornarão tão inclinados para as coisas celestiais que eles não serão bons para as coisas terrenas. A perspectiva da Bíblia é bem diferente. Ela argumenta que aqueles que estão verdadeiramente mais inclinados às coisas celestiais serão bons tanto para o céu como para a terra. Aqueles que fundamentam seus valores no céu se *importarão* com integridade, humildade, relacionamentos próprios, motivos, e amor *na terra*. Aqueles que não têm tais valores irão

gradualmente ser corrompidos pelo poder ou pelo dinheiro, ou irão colocar suas esperanças nos bens transitórios que apenas desapontam aqueles que os idealizam.

O *segundo* princípio é este: pratique a confiança na bondade soberana de Deus, e não se preocupe nem mesmo com necessidades, uma vez que Ele jurou cuidar dos Seus (Mateus 6:25-34; Romanos 8:28). Uma responsabilidade é buscar Seu reino e Sua justiça, confiantes de que Ele irá suprir as necessidades (Mateus 6:33).

Existem dois outros perigos que confrontam aqueles que buscam a justiça. O primeiro é uma atitude de julgamento (7:1-5) e o segundo, ironicamente, é uma recusa de fazer qualquer julgamento (7:6). O primeiro pecado ocorre nos discípulos que são não somente legalistas mas um tanto orgulhosos do progresso que fizeram. Eles estão desejosos de endireitar todo mundo, e ficam cegos às suas próprias e consideráveis falhas. O outro pecado ocorre naqueles que levam tanto ao coração os mandamentos de amar as pessoas que eles esquecem o que Jesus também disse sobre seres humanos – nossa maldade, decepção, malícia, crueldade. Como resultado, eles se tornam aqueles bonzinhos ingênuos que não apenas tem falta de senso mas que no final das contas ficam pisados na lama.

Muito melhor é reconhecer nossa necessidade de ajuda constante em todas essas áreas, ir humildemente ao nosso Pai celestial e *pedir*, *buscar*, e *bater* (7:7-12). Bom Pai que Ele é, Deus está sempre pronto para dar genuinamente bons dons àqueles que O buscam. Muito frequëntemente temos falta do Seu maravilhoso suprimento simplesmente porque

falhamos em pedir, ou pedimos com motivos corruptos (veja Tiago 4:2, 3).

E no ínterim, se precisarmos de norma prática para entender como o Velho Testamento – a lei e os profetas – deve operar em nossas vidas, Jesus nos providenciou a regra áurea: "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós a eles; porque esta é a lei e os profetas" (Mateus 7:12).

Outros mestres tem às vezes ensinado uma forma *negativa* da regra áurea: "*Não* faça aos outros o que você *não* quer que eles façam a vós". Todavia Jesus não vai nos deixar escapar tão facilmente. Os cabritos em Mateus 25:31-46 poderiam escapar por pouco pela regra negativa, mas não pela positiva. Jesus foi atrás dos pecados de omissão deles como também dos de comissão. Entretanto, Jesus não estava oferecendo uma máxima como "A honestidade é a melhor política" – como se Ele estivesse nos dizendo para agir de forma gentil, a fim de que os outros sejam gentis conosco também. Ele também não estava abrindo as portas a um desejo sonhador, como faz muito humanismo radical hoje. Longe disso. Devemos obedecer essa regra *porque* tal conduta resume as Escrituras já dadas.

As Alternativas

O Sermão do Monte termina com quatro avisos, cada um dos quais oferece um par de contrastes e a necessidade de escolher: dois caminhos (7:13, 14), duas árvores (7:15-20), duas alegações (7:21-23), e dois construtores (7:24-27). Poucas passagens enfatizam a centralidade da obediência mais

poderosamente do que esses versículos. O assim chamado seguidor de Jesus que nunca entra no caminho estreito, que produz maus frutos, que diz, "Senhor, Senhor" a Jesus mas nunca pratica a vontade do Pai – em resumo, que constrói sua casa "sobre a areia" – irá um dia ser posto de lado para sempre da presença de Cristo como "praticante(s) da iniqüidade" (7:23). Ninguém pode deixar para trás um estudo do Sermão do Monte sem enfrentar essas alternativas e reconhecer que o seu destino eterno depende delas.

O Sermão do Monte não deve simplesmente ser estudado, mas praticado e incorporado na vida do crente. O fracasso de progredir nessa questão coloca em dúvida a validade das alegações do indivíduo que diz seguir a Jesus. De modo inverso, a pessoa que experimenta o poder do reino de Deus na sua vida, e como resultado descobre que a obediência a Jesus e o deleite na vontade de Deus são as coisas mais estimadas em todo o mundo, não apenas produz bons frutos agora (7:16-18) e anda alegremente pelo caminho estreito (7:13, 14), mas no dia quando todas as pessoas em todos os lugares enfrentarem a tempestade da ira de Deus, se deleitará na segurança de um firme fundamento (7:24-27).

Perguntas para Estudo Suplementar

1. Como podem "normas do reino" (5:3-12) ser nutridas e sustentadas em nossa vida diária?
2. De que maneira deveríamos ser como sal e luz nos contextos sociais e específicos onde vivemos?

3. Mateus 5:33-37 significaria que os crentes não deveriam fazer juramento no tribunal? Justifique sua resposta.
4. Mateus 5:38-47 significaria que os crentes não deveriam servir na polícia ou nas forças militares? Justifique sua resposta.
5. Que tendências em direção à hipocrisia religiosa, correspondentes àquelas em Mateus 6:1-18, abundam em nossos círculos? Como podemos melhor superá-las?
6. Por que muitos crentes opõem-se a Mateus 6:25-34, se preocupam e se afligem constantemente? Que respostas o Sermão do Monte dá a tais aflições?
7. Em termos práticos, o que indicam as alternativas da conclusão que devemos fazer? (veja Mateus 7:13-27) Que mudanças concretas são requeridas em nossas vidas?

4

Milagres e Missão

Mateus, capítulos 8 a 10

Em muitas biografias modernas, o escritor registra cronologicamente a vida da pessoa. Mas esta não é a única maneira de escrever uma biografia. Na magnífica biografia de Antonia Fraser sobre *Cromwell: Nosso Chefe de Homens*, a autora segue um padrão cronológico até Cromwell tornar-se o Lorde Protector; e então ela muda para um tratamento tópico do governo de Cromwell.

Os escritores dos quatro Evangelhos seguiram um padrão até certo ponto cronológico no seu tratamento sobre Jesus, pelo menos no que concerne os principais eventos da Sua vida. Seu batismo pelas mãos de João Batista antecedeu Seu ministério público; Sua pregação, milagres e asserções provocaram crescente oposição; Sua vida teve como clímax Sua morte e ressurreição. Mesmo assim ao comparar os quatro Evangelhos, fica imediatamente claro que os relatos são muitas vezes específicos na sua ordem de coloção.

Isso significa que se prestarmos bastante atenção em como vários relatos sobre Jesus estão ligados num dos

Evangelhos, mesmo quando os mesmos relatos são registrados numa seqüência diferente num dos outros Evangelhos, podemos as vezes obter perspectivas valiosas sobre temas e tópicos específicos sendo enfatizados. Nenhum dos Evangelhos, e muito menos o de Mateus, é o resultado de uma mistura aleatória de relatos incoerentes. Existe sempre um padrão, tópico ou cronológico – e muitas vezes vários padrões habilidosamente entrelaçados podem ser detectados ao mesmo tempo.

Assim é neste caso. O Sermão do Monte terminou com as multidões maravilhadas pela autoridade de Jesus (Mateus 7:28,29). Ora, Mateus ofereceu um número de relatos nos quais várias facetas da autoridade de Jesus foram demonstradas (capítulos 8-9), e essas facetas têm seu clímax com Jesus delegando parte da Sua autoridade (10:1) aos doze discípulos, que foram então enviados numa missão de treinamento (10:5-42).

A Autoridade de Jesus e Seus Milagres

Grande parte da demonstração da autoridade de Jesus vem na forma de relatos dos Seus milagres. Mas esses não são empilhados um sobre o outro para comunicar um ponto e nada mais. Ao contrário, cada relato, a medida que enfatiza a autoridade de Jesus, oferece importante perspectiva dentro da natureza da Pessoa, das exigências, e do ministério de Jesus.

No primeiro, Jesus curou um homem com uma doença de pele (o que a Bíblia chama de lepra) – uma doença que não apenas fazia da pessoa alguém rejeitada mas que muitas

vezes servia de símbolo da força obstinada do pecado. A lei de Moisés proibia qualquer pessoa de tocar um leproso; mas quando Jesus quebrou formalmente esta lei (8:3), longe de tornar-se Ele mesmo impuro, Ele fez o impuro ficar puro. Num certo sentido, portanto, Jesus demonstrou Seu poder sobre a lei.

O silêncio de Jesus aqui ordenado e em outros lugares em Mateus (8:4; 9:30; 12:16; 17:9) foi provavelmente motivado pelo desejo constante de Jesus de não Se apresentar como um mero operador de maravilhas. Operadores de maravilhas atraem multidões – mas nem sempre produzem arrependimento e fé. Todavia o ponto mais forte do relato é a insistência de Jesus de que o homem curado devesse seguir as prescrições da lei para leprosos que reivindicavam estar curados por irem à Jerusalém e se mostrarem a um sacerdote (8:4; ver também Levítico, capítulo 14), e oferecer o sacrifício estipulado. Tudo isto, Jesus disse, era "para lhes servir de testemunho".

Isso é profundamente esclarecedor. Por um lado, Jesus transcendeu a proibição da lei contra tocar leprosos, mas não podia ser acusado porque Seu toque destruiu a evidência; e por outro lado, Ele seguiu de forma minuciosa a lei de Moisés nos seus estatutos sobre cura de leprosos, sabendo que o sacerdote teria que declarar o antigo leproso curado – e este julgamento refletiria sobre o poder e autoridade de Jesus.

Em ambos os casos, a lei apontava para Jesus e para o evangelho. No primeiro caso, as distinções entre puro e impuro deixavam claro quão importante a "pureza" é para Deus e previa a iniciativa decisiva de Deus em tornar o puro

impuro. No segundo caso, a obediência à lei de Moisés deu oportunidade para a lei confirmar a autoridade de Jesus, pois Ele precisava apenas desejar a boa ação para que ela fosse feita.

O próximo milagre a ser relatado, a cura do servo do centurião (8:5-13), enfatiza novamente a autoridade de Jesus – e desta vez, Ele curou à distância, apenas pela palavra, sem tocar. Contudo, em adição, existem dois outros temas que emergem de maneira um tanto forte desses versículos, temas que Mateus fez como centrais no seu Evangelho.

O *primeiro* tema é a fé. Jesus ficou realmente maravilhado com a fé do centurião. Aquela fé se apresentou fortemente na razão em que o soldado disse a Jesus para não Se importar em ir à sua casa, mas apenas dizer uma palavra de cura. O soldado fez sua razão clara por meio de uma analogia. Devido à natureza hierárquica do exército romano, quando o centurião dava uma ordem esta não era meramente a vontade de um homem sendo imposta sobre um outro. Longe disso. Precisamente pelo fato do centurião ser parte de uma grande estrutura de autoridade, quando ele falava Roma falava. Se um simples soldado desobedecesse, ele enfrentaria o julgamento não somente de um único centurião mas do governo romano com todo o seu poderio. E era por esta razão que o centurião precisava apenas dizer, "Faça isso" – e era feito.

Aplicando essa analogia a Jesus, o centurião estava dizendo de fato que ele via em Jesus alguém colocado num relacionamento de autoridade semelhante – contudo com Deus, não com Roma. Quando Jesus falava, portanto, Deus

falava. Devido isso ser assim, Jesus precisava apenas dizer a palavra para a cura ocorrer. Tal fé compreensiva e à distancia é coisa rara nos Evangelhos. Entretanto a importância da fé é enfatizada por Mateus, e reaparece um pouco mais tarde em outro gentio (15:21-28).

Isso nos traz ao *segundo* tema: os gentios recebem aqui as boas-vindas dentro da comunidade messiânica. Um dia eles se assentarão naquele grande banquete messiânico, junto com os patriarcas judáicos – Abraão, Isaque, e Jacó (8:11). Tristemente, alguns que pela raça esperaram um caminho mais privilegiado se verão excluídos. Mateus já enfatizou o tema dos gentios (veja os capítulos 1 e 2 deste livro) e agora mais uma vez ele relata como o caminho foi preparado para a Grande Comissão. Após o Pentecoste, outro centurião chegaria à fé, e sua conversão forçaria a Igreja a reconhecer esta verdade: "Assim, pois, Deus concedeu também aos gentios o arrependimento para a vida" (Atos 11:18).

Outros milagres nesses capítulos transmitem mais do que somente milagres. Ao acalmar a tempestade (8:23-27), Jesus demonstrou não somente Seu poder sobre a natureza, mas voltou novamente ao tema da *fé* (8:25, 26). Sua reprovação não refletiu uma ingenuidade espiritual – como se nenhum dos seguidores de Jesus pudessem jamais se afogar numa tempestade. Foi a manifestação de incredulidade no *medo* deles, que fez com que recebessem a dura crítica. No mínimo os discípulos deveriam ter se entregue ao Pai celestial em confiança amorosa – especialmente depois de terem ouvido o Sermão do Monte (mais especificamente 6:25-34)! Entretanto uma fé que fosse *realmente* perceptiva deveria

também ter reconhecido que, como colocou um escritor de hino:

Nenhuma água pode engolir o barco onde encontra-se
*O Mestre do oceano, da terra, e dos céus...!**

É por isso que a passagem termina desta maneira – com um foco de admiração sobre o "tipo de homem" que Jesus é (8:27). Além disso, para o leitor que reflete sobre a justaposição das fraquezas humanas e da autoridade divina na Pessoa de Jesus, o relato é profundo: enquanto Jesus é tentado mas reprova satanás (4:1-11), enquanto Ele é chamado de maligno mas expulsa demônios (12:22-32), assim também Ele dorme de cansaço mas acalma a natureza.**

Na cura dos dois homens possessos pelo demônio (8:28-34), nós percebemos a autoridade de Jesus sobre os espíritos malignos. Reconhecido pelo mundo espiritual (8:29), dirigiram-se a Jesus de tal forma que nós somos outra vez lembrados de que Ele é o supremo Juiz. As palavras "Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?" (8:29) relembram 7:21-23.

Entrementes, o relato também mostra que o povo na região preferia os porcos ao invés de ver esses homens libertos, preferia suínos ao Salvador. Esse povo era gentio, julgando

---

* Mary A. Baker, "Master, The Tempest is Raging" na *Church Service Hymns* (Winona Lake, Indiana: The Rodeheaver Hall-Mack Company, 1948).

** D. A. Carson, "Matthew," *Expositors Bible Commentary*, vol. 8 (Grand Rapids: Zondervan, 1984).

pela região e pela presença de porcos – nenhum judeu os criaria! Assim como ser um judeu não garante um lugar no reino messiânico (3:9; 8:11, 12), ser um gentio também não garante. O que conta é a resposta de fé obediente a Jesus, o Messias.

O relato da cura do paralítico (9:1-8) torna explícito o tema da autoridade de Jesus. As multidões adoravam a Deus que deu tal *autoridade* aos homens (9:8). Entretanto mais uma vez a nova riqueza de significação é introduzida; pois Jesus insistiu que Ele tem autoridade não apenas para curar como também para perdoar pecados – uma prerrogativa somente de Deus (9:2, 5, 6).

Esta mesma ênfase está relacionada com capítulo 8, 14-17, onde Jesus, após curar a sogra de Pedro, curou e exorcizou muitas pessoas aflitas. Mateus concluiu que isso foi feito para cumprir a profecia de Isaías 53:4. O Servo Sofredor, Isaías disse, "tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças" (8:17). Outras partes do Novo Testamento deixam claro que a *maneira* que Jesus como o Servo Sofredor tomou sobre si nossas enfermidades e doenças foi pela Sua morte na cruz (veja Atos 8:32, 33; 1 Pedro 2:24). Portanto por que deveria Mateus dizer que os milagres de cura de Jesus, e não a Sua morte, cumpriram a profecia de Isaías?

A questão pode ser respondida se nós lembrarmos de três coisas. *Primeiro*, as escrituras em todos os lugares pressupõem uma forte conexão entre o pecado e a doença. Isto não quer dizer que toda doença é o resultado direto de um pecado específico (veja João 9:2,3) embora algumas doenças possam ser (veja João 5:14). Todavia isso não significa

que toda doença provém da nossa queda. Se nós nunca tivéssemos nos rebelado contra Deus, não haveria nenhuma doença ou morte. É por isso que no novo céu e na nova terra, onde não mais haverá pecado, a doença e a morte serão abolidas (veja Apocalipse 21:4, 27; 22:3).

Segundo, o meio fundamental que Deus oferece graciosamente para remover nosso *pecado* é a morte sacrificial e a ressurreição triunfante de Jesus; e portanto os meios fundamentais que Deus providenciou para remover nossa *doença* são a morte sacrificial e a ressurreição triunfante de Jesus. Na verdade, toda bênção que nos vem está de alguma forma relacionada com a obra de Jesus Cristo na cruz; pois sem esse sacrifício que Deus providenciou a nosso favor, a justiça de Deus teria requerido que nossa raça rebelde fosse exterminada.

Portanto é bastante correto dizer, por exemplo, que existe cura na expiação de Cristo – um dito em vários círculos de crentes. Todavia no mesmo sentido, existe também um corpo ressurreto e um novo céu e uma nova terra envolvidos na expiação. Todos esses benefícios foram conseguidos para os crentes pela expiação. Isso não quer dizer que eu posso esperar reivindicar *agora* a ressurreição do meu corpo, simplesmente porque ela já foi paga. Embora conseguidos pela crucificação e ressurreição de Cristo, nossos corpos ressurretos nos virão somente quando Cristo voltar, segundo o Novo Testamento. E o mesmo, em muitos casos, *pode* ser verdadeiro, quanto à cura. Deus *pode* outorgar cura agora, porém Ele certamente não Se comprometeu fazê-lo. No entanto, um dia todos os verdadeiros crentes serão

completamente curados.

Terceiro, isso significa que se os milagres de cura de Jesus durante os dias do Seu ministério devem ser vistos como um cumprimento de Isaías, capítulo 53, é porque o ministério de cura era em si mesmo uma função da morte e da ressurreição que se seguiria. Se as curas de Jesus não fossem seguidas pela Sua morte sacrificial e Seu levantamento vitorioso dos mortos, elas teriam sido meras demonstrações de poder – mas elas não teriam tratado do nosso pecado e da nossa rebelião – o problema fundamental – a base suprema de toda doença.

Então, mesmo os milagres de cura de Jesus apontam para a verdade registrada logo no primeiro capítulo de Mateus. Jesus veio para salvar o Seu povo dos seus pecados (1:21). E a mesma forte conexão, como já vimos, existe por trás da cura do paralítico (9:1-8).

Os milagres revelam as múltiplas facetas da autoridade de Jesus. Existe poder na Sua própria Pessoa para aquele que, crendo, O busca (9:20-22). Ele pode até mesmo levantar os mortos (9:18, 19, 23-26) – uma prelibação da ressurreição final. Mas, infelizmente, as demonstrações mais surpreendentes de autoridade criaram animosidade em algumas pessoas, que pressagiaram o conflito iminente, acusando-O de ocultismo – "Nunca tal se viu em Israel" (9:33, 34).

A Sabedoria de Jesus no Seu Ministério

A autoridade é uma coisa, a sabedoria para usá-la bem é outra. Essa é uma das razões porque Mateus mistura relatos

da sabedoria de Jesus no ministério com seus próprios relatos dos milagres de Jesus (8:18-22; 9:9-13; 9:14-17; 9:35-38). Quatro facetas principais da sabedoria e da estratégia de Jesus emergem desses quatro textos.

Faceta número um. Se um pagão comum das ruas de uma de nossas principais cidades se achegasse a nós e nos dissesse que ele ou ela queria seguir a Jesus, poderíamos muito bem responder com deleite. O novo convertido logo seria batizado, apresentado aos irmãos e irmãs na igreja, e convidado a compartilhar um "testemunho". Mas aqui (8:18-22) encontramos duas breves cenas onde Jesus na verdade repeliu tal entusiasmo. Na primeira, Ele preveniu o voluntário que para seguí-lO de perto durante os dias do Seu ministério significaria não ter teto. Na segunda, Ele considerou a oferta de discipulado condicional, mesmo que em qualquer compreensão do texto o pedido daquele homem se ajuste às responsabilidades filiais esperadas. Mas assim como os discípulos citados em 5:1,2, esse "discípulo" estava incerto se ele queria seguir a Jesus *não importando* o custo do sacrifício.

Muitos querem seguir a Jesus, mas querem seguir preferências pessoais também. Entretanto o próprio cerne do evangelho, segundo Jesus, envolve uma lealdade a Ele totalmente sem limites. O arrependimento e a fé são coisas sem sentido se não houver um abandono da vontade própria para sujeitar-se à vontade de Cristo, se não houver um abandono da orgulhosa auto-confiança para confiar somente em Cristo.

E assim, enquanto temos a tendência de inflar os números

e tentar forçar as pessoas a entrar no reino, o próprio Jesus coloca barreiras. Apesar dos convites enormemente abrangentes (veja 11:28-30), Ele contudo insistiu que existe um custo a ser pago (veja Lucas 14:25-33), e portanto ninguém deveria professar lealdade perene a Ele sem refletir de forma cuidadosa. "A última coisa que Jesus queria ter era *seguidores*, a não ser que eles fossem genuínos e autênticos; Ele está tão longe de desejar isso da mesma forma como teria sido fácil obtê-los."* Aqui está sabedoria, misturada com profunda integridade.

Faceta número dois. Na segunda seção (Mateus 9:9-13), Jesus chamou Mateus para ser um seguidor, e foi convidado para uma festa com a presença de muitos personagens que a religião popular de então – como a de agora – teria considerado repugnantes. Uma vez que Israel estava debaixo do domínio romano, muitos viam os cobradores de impostos como traidores; e alguns deles pelo menos teriam arriscado incorrer em impureza cerimonial ao entrarem em contato com os dominadores gentios. Os "pecadores" podem simplesmente ser aqueles que não observavam os regulamentos detalhados observados pelos fariseus mais petulantes; mas provavelmente eles incluíam pecadores notórios considerados por muitos como pessoas que haviam ultrapassado os limites. Talvez a característica mais reveladora sobre a acusação levantada contra Jesus – e *era* uma *acusação*, mesmo que tenha sido expressa como uma

---

* R. Stier, *The Words of the Lord Jesus*, vol. 1 (Edinburgh: T. and T. Clark, 1874).

pergunta (9:11) – é que os fariseus não se dirigiam diretamente a Jesus; porém apresentaram-na aos Seus discípulos.

Contudo Jesus reconheceu que se Ele tinha vindo para salvar os pecadores dos seus pecados, Ele teria que entrar em contato com eles. Ele não veio para ser entretido pelos sabichões religiosos mas para ir atrás dos pecadores da mesma maneira que um médico vai atrás dos doentes (veja 9:12 – nos dias antecedentes a medicina preventiva!). Isso não sugere, é claro, que os fariseus não precisavam de um Salvador; pois Jesus citou Oséias 6:6: "Pois misericórdia quero, e não sacrifícios".

Deus disse aos apóstatas nos dias de Oséias que embora continuassem o ritual do templo eles haviam abandonado a misericórdia – pacto de amor – desta forma mantendo a casca e se desfazendo do grão. A casca e o grão estão juntas, é claro, num certo estágio do crescimento. Oséias não estava *abolindo* os rituais do templo prescritos por Moisés.

A mesma linguagem forte, aplicada aos fariseus, sugere que Jesus estava na verdade dizendo a eles que estavam do lado dos apóstatas do antigo Israel, perdendo o cerne da questão enquanto que preservavam "a casca" – como exemplificado por suas atitudes para com os cobradores de impostos e "pecadores". Portanto a declaração final de Jesus em Mateus 9:13, "Porque eu não vim chamar justos, mas pecadores", não era tanto uma tentativa de dividir a humanidade em dois grupos mutuamente exclusivos, e sim desmentia um falso conceito daquilo que o Messias veio fazer e o substituía por um conceito correto.

Muitas são as pessoas hoje que pensam que são boas o suficiente para *merecerem* a aprovação e a bênção de Jesus. Tais pessoas sentem que se um indivíduo religiosamente ilustre como Jesus viesse à cidade eles seriam o tipo de pessoa que Ele se alegraria em visitar. Se eles vão à igreja ou dão algum dinheiro para alimentar os famintos, eles quase se sentem como que se tivessem feito um favor a Deus. A percepção de Jesus sobre Sua missão era diametralmente oposta a tal estultícia. Se em 8:18-22 nós aprendemos a importância do discipulado incondicional, nós agora aprendemos que Jesus veio para salvar pecadores (compare com a primeira bem-aventurança, 5:3). Isso significa não somente que devemos nos ver como Jesus nos vê, mas também que devemos portanto tratar os outros pecadores com a compaixão que nós mesmos precisamos.

Faceta número três. Na terceira passagem (9:14-17), Jesus respondeu as acusações que Seus seguidores não tinham disciplina o suficiente na questão do jejum (compare com 6:16-18). Sua resposta teve duas partes. A primeira foi uma alegação irrestrita de que Ele era o "noivo" messiânico (9:15). Existe uma pequena alusão a cruz aqui; o noivo um dia seria levado. Contudo, mais incisiva é a clareza da alegação. Se Jesus falou a verdade, a única resposta apropriada a ser dada pelos fariseus era a de se juntar aos discípulos de Jesus.

A segunda parte da resposta de Jesus desenhou dois rápidos esboços (9:16,17). O ponto de ambos é que a novidade que Jesus trouxe, incluindo a alegria exuberante que Seus discípulos estavam demonstrando, não podia ser contida pelas formas tradicionais da piedade judaica. Essa resposta

foi ao mesmo tempo crucial como sábia, pois ela respondeu a crítica implícita (9:14) mostrando que uma nova situação na história da revelação de Deus estava se desenrolando. O novo vinho do Messias não poderia ser seguramente posto nos velhos odres da tradição judaica; o reino estava chegando, o Messias havia chegado, e aqueles com olhos para verem o brilho desse novo avanço da revelação se regozijariam, não se entristeceriam pelas tradições religiosas duvidosas tornadas obsoletas em certos aspectos.

Faceta número quatro. A última passagem (9:35-38) alude a coragem dos esforços de Jesus; porém faz mais. Ela insiste que era a profunda compaixão de Jesus, do tipo que podia chorar sobre um cidade (veja 23:37-39), que motivava Seu treinamento dos doze e Seu comissionamento do ministério inicial deles (10:1-42). Para alcançar multidões tão grandes, Ele tinha que delegar parte da Sua *autoridade* a eles (10:1). E durante esse tempo, as mesmas necessidades sentidas de forma profunda, a mesma compaixão, O compeliu a encorajar Seus discípulos a orar e a pedir ao Senhor da seara que enviasse trabalhadores para a Sua seara (9:38).

Em resumo, Jesus visualizou uma missão caracterizada não pela mera organização, mas pela fé fervorosa; não pelo engrandecimento pessoal, mas pela delegação; não por motivos que impulsionam a construir uma grande instituição, e sim, pela compaixão que busca sábias estratégias.

A Presciência de Jesus no Treinamento de Outros para a Missão

As principais ligações entre o discurso em Mateus,

capítulo 10, e os pareceres finais de Mateus, capítulo 9, são dois: *primeiro*, a compaixão do Salvador que viu a enorme necessidade da multidão levou naturalmente à comissão de outros trabalhadores; e *segundo*, os sinais da crescente oposição contra Jesus (9:34) O levaram a gastar uma parte considerável do discurso precavendo Seus seguidores do tipo de oposição que eles também poderiam esperar.

Todavia o discurso sobre missão em Mateus, capítulo 10, (como é muitas vezes chamado) é parte de desenvolvimento ainda mais abrangente. O próprio Jesus, como veremos no capítulo 6 deste livro, esperava uma demora substancial antes que o fim chegasse. Durante esse período Ele iria edificar Sua Igreja, usando em primeira instância os homens que Ele mesmo havia treinado.

Esse capítulo é portanto parte de um *padrão* de treinamento que culmina na Grande Comissão (28:18-20). Lucas relata não apenas esta missão de treinamento dos doze (Lucas 9:1-6), como também uma outra para um grupo maior de 70 ou 72 discípulos (Lucas 10:1-16). Todos os quatro Evangelhos deixam claro que Jesus gastou tempo extra em particular com os doze, especialmente pouco antes da cruz.

O discurso de Mateus, capítulo 10, portanto focaliza dois níveis diferentes. Por um lado, existem instruções aplicáveis apenas à missão de treinamento logo adiante (10:5-16). Essas instruções incluem a proibição contra pregar aos gentios ou samaritanos (10:5,6), os suprimentos reduzidos que era permitido aos doze levarem (10:9,10), e a dramática autoridade delegada a eles (10:8).

Por outro lado, o restante do capítulo (10:17-42) – embora

ele comunique muitas coisas que são úteis em qualquer projeto evangelístico cristão, incluindo esta primeira missão de treinamento – visa claramente uma situação que vai *além* da missão imediata. Esses mesmos homens um dia seriam açoitados sob o comando dos concílios judaicos locais (10:17) – certamente algo que não aconteceu até após a ressurreição. Além disso, eles iriam ser levados perante governadores e reis pagãos como parte de seu testemunho *aos gentios* (10:18), mesmo que na missão *imediata* eles fossem apenas as "ovelhas perdidas da casa de Israel" (10:6). Parece então que Jesus queria que Seus seguidores entendessem a missão deles, imediata e de curto prazo, em termos do desafio de toda uma vida que eles enfrentariam – um desafio confrontado por toda geração sucessiva de crentes.

Não é possível nesta pequena obra passar pelos discursos em detalhe; mas quatro dos seus temas requerem uma breve consideração.

Primeiro, em contraste a uma grande quantidade de parlenga religiosa sentimental, Jesus não esperava que por onde Seu evangelho fosse pregado houvesse uma doçura e uma luz instântanea. Pelo contrário, Ele visionava que a pregação do evangelho iria, na realidade, em muitos casos dividir famílias (10:34-36). Isso de maneira alguma justifica o jovem convertido que fica esnobe ou desenvolve táticas de piedade e de santarrão. Ao invés disso, pressupõem-se que as famílias humanas já são malignas (veja também 7:11), em rebelião contra Deus; e quando algum membro da família dá sua lealdade ao Senhor Jesus, haverá necessariamente um conflito com os membros da família que não tomam o mesmo passo.

Embora a Bíblia defenda fortemente a importância e a integridade da família e a responsabilidade das crianças de honrarem seus pais, Jesus também insistiu que onde exista um conflito fundamental entre as reivindicações da família e Suas próprias reivindicações, Suas próprias reivindicações devem ter prioridade.

Segundo, num âmbito mais abrangente Jesus esperava que Seus seguidores encontrassem oposição, algumas delas brutais. Ele já havia prevenido potenciais seguidores para contarem o custo (10:18-22); agora Ele voltou ao tema com detalhes mais sombrios. Seus seguidores não iriam apenas ser açoitados (10:17) e arrastados perante vários oficiais (10:18), eles enfrentariam traição, ódio, mesmo a morte (10:21,22), como Ele já havia indicado no Sermão do Monte (5:10-12).

Essa ênfase faz parte de uma perspectiva sustentada pelo Novo Testamento. Jesus noutras ocasiões voltou ao mesmo tema (veja João 15:18-16:4); e Paulo insistiu que "todos os que querem viver piamente em Cristo Jesus padecerão perseguições" (2 Timóteo 3:12). Considerando toda a história do cristianismo, devemos reconhecer quão fora de norma é realmente a experiência de muitos crentes ocidentais. Mesmo aqui, entretanto, muitos enfrentam pequenas pressões da família, no emprego, e de amigos, enquanto que em outros lugares irmãos e irmãs em Cristo muitas vezes enfrentam oposição mais violenta.

Onde a Igreja não enfrenta virtualmente nenhuma perseguição, isso ocorre porque ela é tão forte que domina a oposição (e nesse caso corre o perigo da arrogância, do

abuso do poder, e irresistível auto-confiança), ou porque ela foi subjugada pela cultura local e por essa razão não mais apresenta uma ameaça (e nesse caso a condição da Igreja é ainda mais arriscada, pois o próprio Deus irá julgá-la – uma vez que o julgamento começa com a família de Deus; veja 1 Pedro 4:17). O que os crentes devem sempre lembrar é que somente aqueles que reconhecem a Cristo são reconhecidos por Ele perante o Pai (Mateus 10:32,33).

Terceiro, a razão pela qual Jesus podia fazer reivindicações de tamanha importância e requerer lealdade tão inequívoca, deve-se a uma visão abrangente de quem Deus o Pai realmente é. Ele é o juiz final que um dia requererá uma exata prestação moral de contas, até mesmo sobre as coisas mais encobertas (10:26,27). Além disso, como juiz Ele tem poder não apenas para aplicar castigos transientes que os crentes possam sofrer durante sua peregrinação, como também "pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (10:28). Ao mesmo tempo, Ele é o soberano cujo reinado é tão extenso que nem mesmo um pardal cai no chão sem o Seu decreto (10:29). Portanto, podemos confiar nEle mesmo em meio a perseguição; e às vezes Ele providenciará uma ajuda bem especial (10:18-20).

A lição a ser aprendida é que conhecer Deus num mundo que não O conhece, embora tenha seu preço, é infinitamente preferível. É eminentemente mais razoável amar, temer, e confiar nAquele a Quem devemos prestar contas, do que colocar nossas esperanças e lealdade num mundo que já está sob julgamento. Como nos versículos finais do Sermão do Monte, também aqui: a razão maior para crer no evangelho

e tornar-se discípulo de Jesus não é o desejo de ter uma vida melhor *agora*, mas a importância de viver agora à luz do julgamento e da condenação *por vir*. Sem essa perspectiva escatológica (como é chamada), as reivindicações e as demandas do evangelho do reino não fazem nenhum sentido.

E, finalmente, o seguidor de Jesus está tão ligado ao próprio Jesus, que a rejeição de Jesus pelo mundo será necessariamente transferida ao seguidor de Jesus (10:24,25). O oposto também é verdadeiro, isso quer dizer que aqueles que aceitam a Jesus aceitam também os Seus seguidores. Na verdade, pode ir-se além, e dizer que aqueles que aceitam os seguidores de Jesus simplesmente porque eles são seguidores estão na mesma medida aceitando o próprio Jesus (10:40-42). Essa reciprocidade jaz no âmago da evangelização, como também no cerne da comunhão cristã.

Perguntas para Estudo Suplementar

1. Como deveriam os crentes orar pelos doentes?
2. O que Mateus 9:35-38 sugere que deva ser nossa atitude para com as vilas, cidades e comunidades nas quais vivemos? O que tudo isso significa que devemos estar fazendo?
3. Como deveríamos aplicar Mateus 9:10-13 para nós mesmos?
4. Que proibição é encontrada três vezes em Mateus 10:26-31? Por que ela faz sentido? Qual a razão por trás dela? Em termos práticos, o que significa que devemos estar fazendo?

5. Quais histórias de perseguição por amor à justiça você conhece? Em que tipo de "avaliação do custo" os crentes aonde você vive tem que se engajar?
6. Como devemos aplicar Mateus 8:18-22 à nossa própria evangelização?

5

Afinal de Contas Quem É Este Jesus?

Mateus, capítulos 11 e 12

Muitas das piores reações humanas originam-se em parte de expectativas desapontadas. Esperamos ser bem tratados e quando não somos reagimos com indignação e amargura. Esperamos um casamento que sirva como a resposta a certos sonhos e quando isso não ocorre buscamos o divórcio. Colocamos nossas esperanças num herói – político ou outro – e quando ele ou ela se mostra corrupto, ou simplesmente incapaz de superar obstáculos enormes, retaliamos com desdém e rejeição.

Mesmo na religião, as pessoas podem se aproximar de Cristo ou da igreja com grandes expectativas que estão fundamentalmente erradas. Quando suas expectativas não são realizadas, essas pessoas freqüentemente correm atrás de alguma outra visão efêmera em vez de perguntar onde encontra-se a *verdade*, ou se a culpa pode estar em suas próprias expectativas.

Grande parte da animosidade incitada pelo ministério de Jesus surgiu do fato que as concepções populares de como seria o Messias, e o que o Messias faria, estavam muito longe daquilo que Jesus era de verdade. Por essa razão, os fariseus começaram a espalhar rumores que Jesus estava envolvido com a magia negra (veja Mateus 9:34). Agora as questões, dúvidas e oposições começaram a aumentar, fazendo com que a questão central se tornasse cada vez mais urgente: quem, afinal de contas, é este Jesus?

Jesus o Sucessor de João Batista

Mesmo João Batista, o precursor de Jesus, teve dúvidas (11:2,3). Como seu grande mentor antes dele, o profeta Elias, João havia esperado uma coisa e descobriu algo diferente. Elias esperava um avivamento após sua confrontação dramática e bem sucedida no monte Carmelo (veja 1 Reis 17-18). Contudo, quando em vez de um avivamento ele enfrentou a ira e as ameaças de morte da rainha perversa, ele ficou a tal ponto frustrado, desapontado, e com auto-piedade que queria deitar-se e morrer (veja 1 Reis 19).

João Batista pregava que Aquele que viria após ele não apenas batizaria o Seu povo com o Espírito Santo, como também serviria como Juiz severo para purificar a nação com julgamento ardente (Mateus 3:11,12). Mas o que foi que ele encontrou? Por um lado esse Jesus que ele havia identificado como o Messias estava na verdade andando e fazendo o bem, aparentemente ungido poderosamente com o Espírito Santo e realizando as obras prometidas para a era messiânica (veja Isaías 26:19; 28:18,19; 35:5,6; 61:1). Por outro lado,

entretanto, esse Jesus *não* parecia estar exercendo qualquer julgamento ardente.

Não havia problema em que Ele curasse os doentes, levantasse os mortos, expulsasse os demônios, acalmasse as tempestades, pregasse a justiça e anunciasse o Reino; *mas onde estava o julgamento?* As corrupções e as crueldades de César teriam sido eliminadas de forma abrupta? Os líderes hipócritas do templos teriam sido banidos? As corrupções fastidiosas de Herodes, o tetrarca, teriam sido confrontadas? Por que estaria ele, João Batista, abatido no calor sufocante da prisão na fortaleza de Macaréus por desafiar as atitudes morais de Herodes, enquanto Jesus o suposto Messias não fazia nada a respeito dessa injustiça? Acaso não promete o Velho Testamento bênção na era messiânica, como também *justiça*? Mesmo as passagens que acabaram de ser citadas de Isaías surgem de contextos que reunem os dois temas de bênção e julgamento. As dúvidas se multiplicaram, até o momento em que João Batista perguntou, "És tu aquele que havia de vir, ou havemos de esperar outro?"

A reposta de Jesus teve duas partes. A primeira foi endereçada diretamente aos discípulos de João (Mateus 11:4-6). Aqui Jesus mencionou brevemente algumas das evidências abundantes – mas Ele fraseou essa resposta na linguagem das Escrituras messiânicas, especialmente Isaías 35:5,6; 61:1,2. Ironicamente, ambas as passagens prometem benção *e julgamento*: "Eis o vosso Deus! Com vingança virá, sim com a recompensa de Deus; ele virá e vos salvará" (Isaías 35:4); "O dia da vingança do nosso Deus" (Isaías 61:2). Todavia Jesus Se referiu apenas àquelas partes dos textos que

prometem bênçãos, e depois concluiu, "Bem-aventurado é aquele que não se escandalizar de mim" (Mateus 11:6). O que Ele quis dizer?

Aquela bênção final estabelece o ponto. Jesus presumiu que João Batista estava certo – o próprio Jesus é verdadeiramente o Messias. Entretanto João parecia correr o perigo de cair. Jesus prometeu bênção para aqueles que *não* caem – para aqueles que começam bem e continuam perseverando, apesar das expectativas desapontadoras. Enquanto isso, ao referir-Se à evidência positiva da Sua compaixão, pregação, e milagres como o cumprimento das promessas do Velho Testamento, Jesus estava dizendo que pelo menos aquela porção das evidências valia, e confirmava que Ele era o Messias. Implicitamente, essa resposta sugeriu que o restante da evidência predita demoraria um pouco mais para ser cumprido.

A segunda parte da resposta de Jesus foi endereçada não aos mensageiros de João Batista mas às multidões. Aparentemente algumas pessoas que haviam antes reverenciado João Batista não mais sabiam o que pensar dele. Ele havia parecido ser um reformador tão forte e influente – e agora ele estava abatido e desamparado numa prisão. Será que alguns pensaram que ele não era forte o suficiente para escapar dos guardas de Herodes e das paredes de pedra, para realizar algum milagre para esmagar a tirania (11:7)? Será que talvez eles esperavam um poderoso porta-voz de Deus capaz de demonstrar um pouco de pompa e esplendor? (11:8). Ou as pessoas mais conscientes na multidão teriam visto corretamente que João era um profeta, mesmo falhando em

perceber sua importância mais profunda? (11:9).

Pois bem, foi dessa forma que Jesus defendeu João Batista. Sim, Jesus argumentou, João era um profeta, um verdadeiro porta-voz de Deus; todavia ele era mais do que isso. Ele era também o *assunto* da profecia; pois o último profeta canônico do velho pacto havia prometido enviar um mensageiro preparatório – e esse mensageiro, Jesus afirmou, era João Batista (11:9,10, citando Malaquias 3:1).

Como que isso fazia de João alguém mais do que um profeta? A resposta reside no papel desse mensageiro preparatório. Um vez que esse mensageiro preparatório tivesse vindo, então "de repente virá ao seu templo o Senhor" (Malaquias 3:1). Como disse Malaquias disse em outro lugar: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor" (4:5). Ora, uma vez que Jesus estava declarando que João Batista cumpriu as profecias, e uma vez que João anunciou a chegada de Jesus, então Jesus também deve estar dizendo que Sua *própria* chegada no cenário era o cumprimento da profecia de que "o Senhor, a quem vós buscais" estava finalmente aqui, que "o grande e terrível dia do Senhor" havia chegado.

Foi isso que fez João Batista tão importante: ele tinha a tarefa privilegiada de apontar para o Messias, de preparar o caminho antes dEle. Num certo sentido, é claro, Moisés, Isaías, Jeremias, e outros profetas também apontaram para a vinda de Cristo; mas somente João Batista apontou pessoalmente para Ele. E é isso que fez de João, na estimativa de Jesus, o maior ser humano que já havia nascido até aquele momento (Mateus 11:11).

A afirmação foi estonteante. João Batista, segundo Jesus, era maior que Júlio César, maior que Alexandre o Grande, maior que Homero ou Sócrates, maior que Moisés ou Daniel – precisamente porque ele apontou para a identidade do Messias de uma maneira que ninguém jamais havia feito antes. João Batista nunca realizou qualquer milagre (veja João 10:41); contudo ele foi uma verdadeira testemunha num ponto crucial na história da redenção. Mais surpreendente ainda, foi Jesus quem fez tal avaliação. Isso quer dizer que embora em certo sentido Jesus estivesse justificando a grandeza de João diante das multidões, num sentido mais profundo Ele estava afirmando Sua*própria* identidade como o Messias prometido, uma vez que João Batista anunciou Sua vinda e apontou para Ele.

Entretanto, existe mais uma conclusão a ser tirada dessa avaliação de João Batista, e Jesus a fez de forma explícita: "Aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele" (Mateus 11:11). A medida dessa grandeza deve ser a mesma daquela usada para medir João. O ponto é claro: João foi o último numa longa linha, a culminação dos "profetas e a lei" que juntos "profetizaram" a vinda de Jesus e do Reino (11:13). Só que agora, com a real vinda de Jesus, até mesmo o menor crente na chegada do Reino é capaz de apontar para Jesus e testemunhar sobre Sua obra mais claramente do que podia João Batista.

Muitas vezes os crentes querem estabelecer sua "grandeza" com referência à sua obra, sua oferta, sua inteligência, sua pregação, seus dons, sua coragem, seu discernimento. Contudo, Jesus afirmou sem hesitação que até mesmo o

menor crente é maior que Moisés ou João Batista, simplesmente devido à sua habilidade, vivendo após a vinda de Jesus, o Messias, de apontar para Ele com maior clareza e compreensão do que todos os Seus precursores puderam. Se nós realmente crermos nessa verdade, isso dissipará toda a desprizível ambição por posição e nos forçará a reconhecer que nossa verdadeira importância baseia-se no nosso testemunho a respeito do Senhor Jesus Cristo.

Jesus, O Revelador do Pai

Existe uma outra maneira de olharmos para João Batista e para Jesus. Pode-se, é claro, comparar as funções relativas de ambos nos propósitos da redenção efetuada por Deus, como Jesus fez. Nesse caso, Jesus era o objeto de testemunho, e João foi aquele que testemunhou dEle.

De forma alternativa, pode-se contrastar seus estilos de vida pessoais: João Batista era abstêmio, quase recluso, frugal; Jesus não via problemas em ir a festas e estava certamente disposto a beber vinho (11:18,19). Neste caso, o contraste revela menos sobre os dois homens do que sobre a maneira como a maioria das pessoas reagia a eles. Eles rejeitaram João como um fanático, endemoninhado; e eles rejeitaram Jesus como um comilão e um beberrão. Tais pessoas são como crianças choronas, que nunca se satisfazem com nada. No entanto, a sabedoria – viver corretamente perante Deus*tanto* no caso de Jesus *como* de João – prova ser correta mediante suas ações (veja 11:19). Seus estilos de vida respectivos foram *ambos* reconhecidos como o caminho da sabedoria.

Se homens e mulheres não demonstrarem arrependi-

mento, fé, e obediência à revelação que Deus oferece graciosamente, então mais cedo ou mais tarde deverá haver censura. Jesus denunciou nos termos mais fortes as cidades onde a maioria dos Seus milagres foram feitos – Corazim, Betsaida, Cafarnaum, cidades da Galiléia altamente favorecidas por serem os lugares onde Jesus exerceu Seu ministério. Mas na verdade, elas não se arrependeram, embora uma revelação similar teria posto Tiro e Sidom – cidades pagãs do norte – de joelhos, e efetuado uma mudança na conduta de Sodoma, cidade conhecida por sua maldade (Gênesis, capítulo 19).

Três verdades importantes jazem por trás desta forte denúncia.

Primeiro, é pressuposto que Deus não deve salvação a ninguém. Doutra forma, Deus poderia ser acusado de injustiça por reter de Tiro, Sidom e Sodoma aquela revelação adicional que Ele sabia que as levaria ao arrependimento e à fé. Mas Deus não olha para o mundo como um conjunto de seres humanos moralmente neutros a quem Ele Se comprometeu dar certas coisas ou a quem deve receber todo o incentivo para salvação. Longe disso. Ele vê o mundo como um conjunto de rebeldes, de pecadores, de homens e mulheres a quem Ele não deve nada (veja Romanos 1:18-3:21). Se Ele condenasse todos, Sua justiça não seria maculada. Contudo com misericórdia Ele salva muitos desses rebeldes – embora Ele *não deva* misericórdia a *ninguém*!

Segundo, Deus tem o que os filósofos denominam de "conhecimento contingente". Isso quer dizer que Ele não apenas sabe o que qualquer pessoa ou grupo fez, está fazendo, ou fará, mas que também Ele sabe o que eles *teriam feito* sob

circunstâncias diferentes; Ele leva este conhecimento em consideração no julgamento final. Sodoma está numa condição melhor para o julgamento do que Cafarnaum, não porque Sodoma realmente obedeceu Deus mais e melhor que Cafarnaum, mas porque Deus sabe que se Sodoma tivesse desfrutado de todas as vantagens de Cafarnaum, Sodoma teria se arrependido e teria em muito superado Cafarnaum em excelência moral e discernimento. Colocando isso duma outra forma, no julgamento final Deus levará em consideração não somente o posicionamento moral de toda a América do Norte, sua resposta a Jesus Cristo e o seu aproveitamento das oportunidades, comparado, digamos, com a resposta e o aproveitamento feitos pelos cubanos – mas também o que ambas as partes teriam feito se seus papéis e vantagens tivessem sido invertidos.

Terceiro, para Jesus dizer que será "mais suportável" para este grupo do que aquele no dia do julgamento, pressupõe que existem graus de felicidade no paraíso e níveis de tormento no inferno (veja 12:41; 23:13; Lucas 12:47,48), um ponto que Paulo certamente compreendeu (veja Romanos 1:20-2:16). Eu não conheço três outras verdades mais apropriadas para nos tornar sóbrios e nos pôr de joelhos em arrependimento do que essas.

Se a revelação de Deus em Cristo Jesus foi rejeitada de forma tão plena, signifcaria isso que os propósitos de Deus de salvar alguns foram frustrados? Longe disso. Não esqueça que Jesus louvou Seu Pai por esconder essas coisas dos sábios e entendidos, e por revelá-las aos pequeninos (Mateus 11:25,26). Na verdade, a obra reveladora do Pai está tão

fortemente ligada com a obra reveladora do Filho, que Jesus também disse: "Ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (11:27).

Há três outras coisas para aprendermos dessas afirmações.

Primeiro, apesar de João Batista ter temporariamente duvidado dEle, e uma grande parte da população não ter se arrependido, Jesus Se viu como o revelador supremo do Pai. Não é de se surpreender que "ninguém conhece plenamente o Filho, senão o Pai", mas é espantoso que "ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho" – e aqueles a quem o Filho O revelar (11:27).

Uma reivindicação como essa não permite que se fique em cima do muro: ou Jesus era o único revelador de Deus, ou então Ele era louco. Se Ele foi o revelador, então devemos reverenciá-lO, reconhecer Seu senhorio, receber Sua palavra de revelação, nos deleitarmos na Sua verdade e no conhecimento de Deus que somente Ele pode oferecer. Se Ele foi um louco, devemos repudiá-lO de uma vez, e não nos entretermos mais com tolices piedosas sobre Jesus ser um homem bom ou um revelador entre muitos.

Segundo, essas declarações mostram que existe tanto uma revelação objetiva como uma revelação subjetiva. A revelação *objetiva* estava *lá*, na pessoa e no ministério de Jesus; porém isso não significava que todo mundo *percebeu* que ela estava lá. Para ter tal percepção uma pessoa devia também receber a revelação *subjetiva* – isto é, uma obra divina na mente e no coração dele ou dela que capacita ele ou ela a *reconhecer* quem era Jesus, e assim vir a conhecer o Pai.

Terceiro, aqueles que desfrutam desta revelação subjetiva, aqueles a quem o Filho escolhe revelar o Pai, são invariavelmente os "pequeninos" – isto é, não os sábios e entendidos, os auto-suficientes e auto-importantes, mas os mansos, aqueles que reconhecem sua pobreza espiritual (veja 5:3) e tem fome de serem ensinados por Deus.

Muitos judeus religiosos sentiam que quando o Messias viesse Ele não somente poria um fim no governo de Roma e estabeleceria a preeminência de Israel no colégio das nações, mas elevaria os líderes de Israel, seus sacerdotes, teólogos, e patriotas, a posições de prestígio e poder. Tal perspectiva não era provável que enfocasse a ênfase na retidão, na justiça, na misericórdia, e no perdão do pecado que estava em ligação estreita com as promessas do Velho Testamento sobre o reinado do Messias.

As expectativas dos líderes judaicos provocaram sua desilusão a respeito de Jesus; pois aqui estava Ele, favorecendo os fracos, os desprezados, os cansados, e os sobrecarregados (11:28), e não estava fazendo nada para subjugar os gentios e ensiná-los o seu verdadeiro lugar. Contudo o erro dos líderes, como perceberemos cada vez mais, não estava simplesmente numa falta de compreensão intelectual. Da perspectiva de Jesus, o erro envolvia um fracasso *moral* de reconhecer sua maior necessidade, de valorizar a retidão e a justiça, de anelar pelo perdão e pela plenitude que só Jesus podia oferecer.

Portanto o convite generoso de Jesus (11:28-30) é para os quebrantados e os oprimidos. Este convite se baseiava na Sua própria bondade e humildade. Ele não era simplesmente

um senhor poderoso que esmagava sem dó toda a oposição, mas alguém que buscou o bem dos outros e prometeu descanso para suas almas (11:29). O jugo que Ele prometeu não era o jugo da lei, e sim, o discipulado a Ele: "Aprendam de mim", Ele disse, o que não significa "imitem-Me" ou "treinem a partir da Minha experiência" tanto quanto "aprendam da revelação que somente Eu concedo". E este discipulado, este jugo, é "fácil" (bom, confortável – não sem ser desafiador) e seu fardo leve.

Jesus o Senhor do Sábado

O contraste entre o "jugo" de Jesus e o dos outros agora fica mais claro. Esse contraste não se localizava em uma tensão entre a lei e a graça, ou entre mandamentos difíceis e fáceis. Não, o contraste reside entre o fardo da submissão ao Velho Testamento em termos de regulamentos farisaicos e o alívio de ficar sob a tutela de Jesus como que sob a autoridade do Revelador gentil a quem o Velho Testamento, os caminhos antigos, apontavam verdadeiramente.

Muitas das autoridades judaicas haviam desenvolvido uma rede complexa de regras de conduta, regras com apenas uma ligação tênue com o próprio Velho Testamento. Essas autoridades estabeleceram 39 categorias separadas de obras proibidas no sábado e, uma vez que ceifar era uma delas, elas condenaram os discípulos de Jesus por pegarem algumas espigas enquanto faziam uma caminhada no sábado por um campo próximo à estrada. (Mat. 12:1).

Jesus poderia ter respondido dizendo que as regras dos fariseus iam muito além do texto do Velho Testamento. Seus

discípulos, afinal, não eram fazendeiros cujo emprego regular os fazia trabalhar nos campos seis dias de cada sete, e que estavam portanto tentando trabalhar hora extra no sábado às escondidas. A ação deles foi casual, inofensiva, estavam tentando saciar sua fome, e não estavam retornando ao seu trabalho normal. Mas ao contrário, a resposta de Jesus tomou rumo bem diferente.

Primeiro, Ele observou a exceção que Davi abriu em relação às prescrições formais da lei quando, desesperado e com fome, ele e seus homens comeram parte do pão consagrado do Tabernáculo – pão que deveria ser comido somente pelos sacerdotes (Êxodo 25:30; Levítico 24:5-9; 1 Samuel, capítulo 21). O ponto não é que as regras muitas vezes tem exceções, mas que toda a *abordagem* dos fariseus à questão da lei estava fundamentalmente errada uma vez que ela não conseguia explicar a história nas próprias Escrituras. Além do mais, se a autoridade de Davi podia justificar tanto ele como seus homens, existe uma certa insinuação que a autoridade de Jesus podia justificar tanto a Si mesmo como aos Seus discípulos.

Segundo, Jesus indicou que nem todas as leis operam no mesmo nível. Formalmente, os sacerdotes "quebraram" as leis do sabado ao observarem as leis do templo, leis que requeriam que eles trabalhassem no sábado (Mateus 12:5)! Contudo a precedência das leis do templo sobre as leis do sábado isenta os sacerdotes de culpa. No entanto, Jesus insistiu, "Aqui está quem é maior do que o templo" (12:6). Para qualquer judeu do primeiro século, isto seria uma reivindicação surpreendente. Jesus estava dizendo que Ele

mesmo, ou talvez o reino que Ele estava agora inaugurando, era maior que o templo! Por analogia, portanto, Sua própria autoridade transcende a autoridade das leis do sábado.

Terceiro, Jesus novamente citou Oséias 6:6 (veja Mateus 12:7; também 9:13) e insistiu não apenas na inocência dos Seus discípulos, mas argumentou que a razão porque os acusadores devem ser acusados de condenar o inocente era porque eles compreenderam erroneamente o coração e o enfoque de suas próprias Escrituras. Os discípulos eram inocentes simplesmente porque o Filho do homem é Senhor do sábado: "quem é maior do que o templo" estava ali.

Ao relato desta confrontação no sábado, Mateus anexou um outro (12:9-14). Aqui Jesus estabeleceu mais um ponto. As regras estabelecidas pelos fariseus os permitiam resgatar um ovelha presa no sábado; então por que Jesus não deveria fazer o bem a um homem no sábado, uma vez que um homem é muito mais valioso que uma ovelha? (12:11,12). O próprio milagre (12:13) confirmou o julgamento de Jesus sobre esta questão, assim como o milagre em 9:1-8 confirmou a autoridade de Jesus de perdoar pecados. Só que Seus oponentes estavam tão cegos que a confrontação aprofundou a oposição deles e contribui para uma conspiração que terminaria na cruz (12:14).

Jesus, O Servo Escolhido de Deus

Ciente das crescentes conspirações, Jesus retirou-Se dali (12:15), mostrando até mesmo pela sua retirada que naquele momento Ele não Se sentia chamado para esmagar toda oposição. A ironia é que os oponentes a quem Ele poupou

eram os mesmos que pensavam que um Messias apropriado *deveria* esmagar toda oposição. Em vez disso, Jesus continuou Seu ministério de cura, ordenando àqueles que Ele curava que mantivessem silêncio. Tal silêncio, ordenado por Jesus, não somente ajudou a manter sob controle as expectativas da multidão que queria fazer do Messias algo não muito maior do que um operador de milagres (compare com 8:4; 9:30) mas também, segundo Mateus, cumpriu as Escrituras (12:17-21).

Em contraste com os fariseus que estavam conspirando Sua morte, Jesus continuou Seu ministério de cura, e cumpriu Seu papel com tranqüilidade e suavidade (12:9,20). As Escrituras citadas em Mateus 12:18-21 é de Isaías 42:1-4, um dos cânticos do "Servo Sofredor". Noutras palavras, apesar da sua demonstração consistente que Jesus é o Messias, o real filho de Davi, e o Filho unigênito de Deus, Mateus insistiu, de forma bem cuidadosa, que a Pessoa e o ministério de Jesus não devem ser interpretados *nessas categorias exclusivamente*. Em vez disso, Sua Pessoa e ministério devem *também* ser interpretados como cumprindo as profecias do Velho Testamento sobre a vinda do "Servo Sofredor".

As escrituras citadas transmitem muitos retratos encantadores de Jesus como "Servo Sofredor". Por exemplo, Ele é apresentado como Aquele a quem Deus escolhe e ama, trazendo à mente a voz no batismo (3:17) e na transfiguração (17:5) de Jesus. Ele é Aquele em quem Deus derrama Seu Espírito – na verdade, sem limite (João 3:34) – capacitando-O a proclamar a justiça às nações.

Dois temas favoritos de Mateus então reaparecem.

Primeiro, o Deus da Bíblia e Seu Filho Jesus Cristo estão interessados na *justiça*, retidão tanto pessoal como social, santidade, pureza. Segundo, a proclamação de Jesus não é apenas para os judeus, mas também para as nações. No exato momento em que os judeus sentiram que Jesus era insuficientemente nacionalista, o próprio Jesus estava começando a cumprir a profecia que insistia, "E no seu nome os gentios esperarão" (Mateus 12:21).

No tempo certo, Jesus iria predizer Sua própria volta, Seu reinado firme, o julgamento final sobre o qual Ele irá presidir (veja 13:40-43; 24:30,31,36-41; 25:31-46). Mas nesse estágio do Seu ministério Ele cumpriu as passagens das Escrituras que falavam da Sua mansidão. O Servo do Senhor não iria "contender ou clamar" (12:19); se confrontado, Ele estaria preparado para retirar-Se (12:15; veja também 4:12; 14:13; 15:21; 16:4). Enquanto extremistas e outros tipos "fortes" arrancavam repentinamente pés de cana que já estavam quebrados, ou apagavam o morrão que fumegava, Jesus o "Servo Sofredor" cuidava dos que estavam machucados e avivava a fraca chama para a vida (12:20). Seu ministério de brandura e compaixão recusou pisar em cima dos fracos. Outros podem argumentar que o fim justifica os meios; entretanto Ele persistiu nesta política "até que faça triunfar o juízo" (12:20).

Quem é este Jesus? Ele não é somente o filho real de Davi, o Filho unigênito de Deus, mas também o manso e compassivo "Servo Sofredor".

Jesus, Aquele que amarra satanás

Já havia existido uma certa especulação murmurada que os exorcismos de Jesus apenas provavam que Ele estava em aliança com o maligno (9:34). Agora essas acusações tornaram-se públicas. O que as tornou pública foi uma combinação de dois fatores: algumas demonstrações a mais da autoridade de Jesus em expulsar demônios (12:22) e o espanto provocado no povo que os fez perguntar se Jesus podia ser o Messias prometido, o Filho de Davi (12:23). Isso foi o suficiente para fazer os fariseus temerem estar perdendo seu controle do povo; e por essa razão eles outra vez dirigiram sua acusação infame (12:24).

A acusação resultou em três lições importantes.

Primeiro, por meio de várias analogias, Jesus deixou claro que Sua destruição persistente das forças satânicas não podiam de forma alguma ser a obra de satanás (12:25-29). Entretanto, num contexto onde as reivindicações de Jesus eram messiânicas, isso lhes deixou apenas uma alternativa: "Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus" (12:28) Note: "o reino *chegou* sobre vós", não simplesmente *chegará*. (Veja a discussão no capítulo 2 deste livro).

Segundo, se o reino já havia num certo sentido chegado, neutralidade com respeito a Jesus era um sinal de fracasso moral – o fracasso de reconhecer o que deveria ter sido óbvio para qualquer um que tivesse olhos para enxergar. Portanto neutralidade deste tipo é a mesma coisa que oposição (12:30). Pior ainda é "blasfêmia contra o Espírito" (12:31,32) – a atribuição intencional daquilo que é sem ambigüidade a obra

do Espírito no ministério de Jesus (12:28) para o maligno (12:24), a disputa auto-consciente e perniciosa do indisputável. Para esse pecado não pode haver qualquer perdão, "nem neste mundo, nem no vindouro" (12:32). Esse foi o veredito sóbrio da única Pessoa que tem a autoridade na terra para perdoar os pecados (9:6).

E *terceiro*, segue-se que o problema fundamental naqueles que fracassaram em reconhecer quem Jesus era ou que se opuseram ativamente a Ele, baseia-se *em si mesmos*. Eles eram com árvores ruins que inevitavelmente produzem maus frutos. Assim sendo: cada palavra que eles falavam, incluindo as avaliações ríspidas sobre Jesus, revelavam o transbordar do coração (12:34). Nós iremos um dia ter que prestar contas não somente de nossos principais triunfos, mas também de toda palavra ociosa que já falamos (é isso o que a palavra "fútil" em 12:36 significa), pois tais palavras revelam o que jorra dos nossos corações, quem nós somos de verdade.

Essa é a ironia suprema. Jesus estava tão confiante do Seu próprio papel que quando o povo pergunta "É este porventura o filho de Davi?" (12:23), ou quando profere blasfêmias (12:24), não é Ele que está sendo avaliado, mas eles.

O Sinal de Jesus

Ainda tentando entender quem Jesus era, porém incapazes e não dispostos a abrir mão de suas próprias pressuposições com relação a revelação que Jesus trouxe, os fariseus e os escribas pediram a Ele que apresentasse algum sinal miraculoso de autenticação (12:38). Em certo sentido,

é claro, eles estavam dentro dos seus direitos como líderes do povo para desafiar as alegações de todos os pretendentes messiânicos. Contudo Jesus viu que o problema deles era neste caso muito mais profundo. Afinal, Ele havia realizado vários, talvez centenas de sinais miraculosos, cada um deles autenticando a entrada espetacular do poder do Reino. Claramente, o que eles queriam era alguma coisa diferente. Eles estavam requerendo um sinal miraculoso realizado *a pedido*, um tipo de exemplo espetacular de autenticidade. Mas isso teria sido uma domesticação do reinado salvífico de Deus. Isso teria significado um uso do poder de Deus em subserviência às autoridades governantes. O poder do Reino não estava a disposição para demonstrações caprichosas e Jesus não era uma foca treinada, feliz em fazer truques ao comando. Nesse sentido, portanto, nenhum sinal seria dado a uma geração mergulhada em adultério espiritual (12:39).

Contudo, noutro sentido, uma única exceção pode ser feita. Não foi uma exceção em certo sentido: o sinal que Jesus ofereceu não podia ser banalizado de maneira alguma. Todavia ele era ainda assim importante. O "sinal de Jonas" foi que *Jonas era*. Os nínivitas nos dias de Jonas aprenderam o que havia acontecido com Jonas e como ele havia vindo à sua cidade. Ele *próprio* era um sinal pela sua escapada maravilhosa da morte. Assim também Jesus, o Filho do homem, após um período de tempo semelhante, escaparia das correntes da morte. A ressurreição de Jesus Cristo seria um sinal adequado (12:40).

No entanto, existe um segundo ponto de comparação entre Jonas e Jesus. Ambos pregavam o arrependimento.

Aqui, porém, a comparação passa para um contraste; pois os ouvintes de Jonas se arrependeram , e os ouvintes de Jesus, em grande parte, não, mesmo tendo Jesus sobrepujado Jonas, Salomão ou qualquer outro profeta do Velho Testamento. Como em 11:20-24, portanto, a geração que havia dado suas costas para tanta luz corria o perigo do mais severo julgamento. Neutralidade para com Jesus, especialmente por parte daqueles que têm recebido mais benefício, é extremamente perigoso (12:43-45).

Conclusão

Quem é este Jesus?

Expectativas falsas são coisas sutis. Mesmo a própria família de Jesus aparentemente esperava uma certa intimidade com Ele que Seu senso de chamado reservou exclusivamente para Seus discípulos (12:46-50).

No final das contas, se formos adorar o Senhor Jesus Cristo, que realmente existe, curvando-nos sob Seu senhorio e experimentando Seu perdão e graça, devemos estar preparados para aceitar toda a revelação de Jesus relatada nas Escrituras, e buscar entendê-la na sua inteireza. Se pegarmos e escolhermos somente aquelas partes que preferimos, podemos, como muitos dos fariseus nos dias de Jesus, estar buscando um "Cristo" que não existe. Podemos até mesmo ficar desapontados pelo Cristo *verdadeiro*, se primeiro forjarmos uma imagem mental distorcida de como Ele deve ser. Em nenhuma área do cristianismo é mais importante buscar um equilíbrio e uma proporção verdadeiramente bíblica.

Perguntas para Estudo Suplementar

1. O que estabelece a grandeza do homem perante Deus?
2. De que maneira sua cidade se compara com Betsaida e Sodoma, em termos do tratamento que deram para a luz da revelação e que manifestaram quanto ao perigo no julgamento?
3. Como você caracterizaria a pessoa que vem a Jesus, segundo 11:25-30?
4. Seria o domingo o sábado cristão? (Essa pergunta deveria ser respondida somente com base num estudo bíblico mais extenso.)
5. Que implicações 12:18-21 tem para os estilos de liderança cristã hoje?
6. Que tipo de coisas "ociosas" dizemos que revela a espécie de pessoa que realmente somos?
7. Você seria um "parente" de Jesus nos termos de 12:48-50?
8. Sintetize quem Jesus é com base no seu estudo de Mateus, capítulos 11 e 12.

6

Parábolas do Reino

Mateus, capítulo 13

Todo mundo gosta de uma boa história. Algumas pessoas gostam de poesia, outras adoram estudos técnicos, e ainda outras se deleitam com o pensamento abstrato e com a filosofia avançada. Mas todo mundo gosta de uma boa história.

Algumas histórias são contadas principalmente para entreter; porém mesmo essas histórias comunicam algo além do enredo – uma cosmovisão, talvez, ou uma moral, uma profunda compreensão do comportamento humano. Uma história cuidadosamente criada pode ser uma maneira ideal de se passar pelas posições defensivas de uma pessoa enquanto que um argumento meramente abstrato poderia ser facilmente rejeitado durante os choques de um debate.

Muitas parábolas que Jesus contou eram um certo tipo de história. A palavra "parábola" em si mesma pode cobrir uma imensa quantidade de literatura: ela pode, entre outras coisas, referir-se a um provérbio (Lucas 4:23), a um símbolo ou imagem não verbal (Hebreus 9:9), a um ditado profundo

ou obscuro (Mateus 13:35), a algum tipo de comparação sem os ornamentos de um enredo (Mateus 15:15), e muito mais.

No entanto, aqui estamos interessados nas parábolas que contam uma história. Tal história é na verdade um tipo de metáfora estendida. Todos os elementos na história se enquadram na própria história; só que a história como um todo, e às vezes algumas de suas partes, trazem luz a algo fora da história, pois este "algo" se diz normalmente ser *como* o que acontece na história. E se a história tem um final surpreendente, ela pode rapidamente comunicar amplos horizontes novos de compreensão para o leitor ou ouvinte!

Existem oito parábolas em Mateus, capítulo 13. As primeiras quatro aparentam ter sido proferidas num lugar público perante grandes multidões (13:1,2), e as últimas quatro para os discípulos de Jesus na privacidade de uma casa (13:36); contudo todas as *explicações* das parábolas foram dadas unicamente aos Seus discípulos (13:10-23). Muitas facetas interessantes emergem de um estudo cuidadoso de como as parábolas são agrupadas, arranjadas, e ordenadas; mas eu deixarei tais considerações para os comentários, e focalizarei no que cada parábola quer dizer, concluindo com alguma menção da explicação que Jesus dá sobre o porque Ele falou em parábolas. Sobretudo deve ser lembrado que ao esboçar o que uma parábola-história *significa*, em vez de contar a história em si, em certo sentido eu estou perdendo algo; pois o formato da história tem uma compulsão peculiar que não é facilmente transferida a outras formas.

A Parábola dos Solos

Os ingredientes básicos na primeira história (13:3-9) seriam em grande parte familiares a qualquer judeu vivendo na região durante o primeiro século. O fazendeiro sai para semear suas sementes, espalhando-as no chão com sua mão enquanto ele as tira de uma bolsa presa à sua cintura. As sementes caem numa variedade de terrenos. Caminhos de lama dura, pisada pelos pés cobrem por várias passagens o seu campo e a semente que cai lá, impossibilitada de penetrar o solo, é logo apanhada pelos pássaros. Algumas caem em "solos rochosos" – lugares onde a camada de pedra calcária não está longe da superfície. Devido ao solo ser tão raso ali, ele aquece rapidamente no sol da primavera e as sementes germinam e brotam de maneira promissora. Entretanto, quando a estação para semear termina e o sol causticante maltrata as plantas implacavelmente, suas raízes são impedidas de crescer devido à camada pedregosa e não conseguem encontrar nenhuma água. Essas plantas promissoras acabam murchado e morrem sem jamais produzir frutos. Ainda outras sementes começam a produzir mas têm suas vidas sufocadas por espinhos. Contudo algumas sementes caem no solo bom e produzem uma safra abundante em várias quantidades, dependendo do solo.

A interpretação da parábola é oferecida por Jesus em Mateus 13:18-23. Nem todo detalhe recebe alguma interpretação de fora da própria história; nenhuma explicação é oferecida para o semeador, o solo rochoso, o caminho, ou a produção diversa. Todavia uma vez que o ponto principal da história está claro, vários detalhes da parábola a reforçam

e a esclarecem por terem contrapartes não metafóricas.

O ponto geral é que sempre que "a palavra do Reino" é proclamada, ela é recebida de várias maneiras. Certas pessoas são tão duras que a mensagem nunca penetra. Outras são tão rasas que embora reajam com alegria à mensagem do Reino ela nunca realmente cria raízes em suas vidas. Ao primeiro sopro de oposição elas negam sua lealdade tão rapidamente e tão impensadamente como quando elas a confessaram. Há ainda outras pessoas que recebem a mensagem, mas interesses e preocupações rivais as sufocam até a morte.

Todos esses "solos", esses supostos convertidos, esses profissionais da fé, no final das contas se mostram infrutíferos; contudo eles evidenciam como uma pessoa pode estar tão intimamente envolvida com a mensagem do Reino, e ainda assim não atingir o objetivo de uma vida sustentada e frutífera. O pregador João Crisóstomo, do quarto século, observou: "Prestem atenção nisso, eu lhes rogo, que o caminho da destruição não é apenas um, mas existem vários caminhos diferentes, distanciados uns dos outros. Não fiquemos passíveis enquanto perecemos em todos esses caminhos, mas fiquemos entristecidos seja qual for a maneira em que estamos perecendo.*

Mas algumas sementes caem em solo bom, receptivo, produzindo conseqüentemente frutos em várias quantidades; essas pessoas ouvem a palavra e a compreendem. Embora o

---

* João Crisóstomo, *Homilies on St. Matthew*. Series 1. Volume 10 of *The Library of the Post-Nycene Fathers* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishin Co., 1889).

nível de fruto seja diferente de pessoa a pessoa, mesmo o solo menos produtivo, contanto que exista alguma produção, é chamado "bom".

Existe uma outra implicação nesta parábola que teria sido muito mais surpreendente quando Jesus a contou pela primeira vez, e que ajuda a explicar porque até mesmo os discípulos não compreenderam a parábola até Jesus levá-los à parte e explicá-la para eles. Vimos no capítulo anterior que muitos judeus esperavam que o Reino fosse imposto firmemente, mesmo cruelmente, e de súbito. Todavia aqui está uma história cuja linha de enredo requer *tempo*. Neste relato do avanço do Reino, muito se deve à receptividade das pessoas a quem a mensagem é pregada.

Assim como os crentes hoje crêem que quando Jesus vier novamente não haverá mais oportunidade para evasão, oposição, demora, ou níveis de receptividade, muitos judeus do primeiro século também criam que quando o Messias viesse o fim estaria perto. Não é de se espantar que as primeiras pessoas a ouvirem esta parábola acharam difícil de entender exatamente o ponto onde Jesus queria chegar!

A Parábola do Trigo e do Joio

Na segunda parábola (13:24-30), a questão da demora do julgamento torna-se ainda mais forte.

Aqui o reino dos céus é comparado à história sobre um homem que semeia boas sementes no seu campo. No entanto, enquanto ele e seus trabalhadores estão dormindo (e não existe nenhuma censura vinculada a esse dormir, que indica somente que o inimigo estava escondido, não que os servos

eram irresponsáveis), um inimigo vem e semeia joio entre o trigo. A palavra para joio refere-se provavelmente ao joio felpudo, difícil de distinguir do trigo quando as plantas são novas. Mesmo as raízes das duas plantas se entrelaçam.

Eventualmente os servos do proprietário marcam o joio a medida que as plantas amadurecem e se tornam facilmente distinguíveis; e o proprietário coloca corretamente o seu dedo na fonte do problema – algun "inimigo" sem nome (13:28). O ponto da história agora fica claro com o conflito entre as recomendações dos servos (13:28) e a decisão do proprietário (13:29,30). Eles querem agir rápido e tentar separar o trigo do joio imediatamente; contudo ele decide esperar até a colheita, quando as duas espécies de plantas são facilmente distinguíveis e podem ser separadas e enviadas para destinos bem diferentes.

Novamente Jesus providenciou a interpretação da Sua própria parábola (13:36-43); e mais uma vez é importante observar de passagem quantas características na história não recebem nenhum equivalente asimbólico (por exemplo, o fato de que o trigo é semeado antes do joio porém o joio é colhido primeiro; o diálogo entre o proprietário e seus servos; o dormir). Mas aceito o ponto principal, algumas equivalências são estabelecidas: o semeador é o Filho do homem, a boa semente representa os filhos do Reino, o joio representa os filhos do maligno, o inimigo é o próprio maligno, a colheita é o fim dos tempos, e os ceifeiros são os anjos (13:37-39).

O ponto é espantosamente claro. O judaísmo do primeiro século costumava esperar pelo Messias, costumava esperar

pelo fim dos tempos, costumava esperar pela vinda do Reino. Todavia ao vir o Reino, era comum se argumentar, nada mais restaria para ser feito; o julgamento aconteceria, as ambigüidades morais e a tensão aparentemente sem fim entre o bem e mal acabaria.

Não é bem assim, disse Jesus. O reino do céu, mais propriamente, é como *esta* história. O Reino vem, mas o julgamento é ainda adiado. Quando afinal o julgamento vem, a separação é absoluta, e os destinos dos filhos do Reino e dos filhos do maligno são inteiramente distintos (13:40-43). Contudo, por enquanto o reino chega sem o julgamento ocorrer.

Muitos têm entendido esta parábola como dizendo que até o fim dos tempos haverá uma mistura dos crentes verdadeiros e falsos *na Igreja*. Essa interpretação, embora popular, não serve. Jesus diz "o campo é o mundo" (13:38) não é a Igreja. Além disso, "Reino" e "Igreja" são duas categorias bem distintas. "Igreja" refere-se ao *povo* do Messias; "Reino" refere-se ao *reinado* de Deus (do Messias). E essa é uma parábola para explicar como é o *Reino* (13:24), não como é a Igreja.

Alguns têm argumentado que uma parábola sobre o bem e o mal no mundo seria coisa trivial; porém o problema do bem e do mal misturados na Igreja é importante e realista. Entretanto, esta não é uma parábola simplesmente sobre a mistura do bem e do mal, seja no mundo ou na Igreja. Pelo contrário, esta é uma parábola sobre como ainda existe uma mistura do bem e do mal *mesmo após o Reino chegar,* pois o julgamento vem somente mais tarde. Superficialmente, se a

Igreja estivesse em vista, por que deveria Jesus mais tarde encorajar a disciplina na Igreja e a tentativa, pelo menos, de manter uma Igreja relativamente pura (Mateus, capítulo 18)?

As Parábolas do Grão de Mostarda e do Fermento

Essas são as duas últimas parábolas neste capítulo (13:31-35) que são apresentadas às multidões.

Na primeira, o reino do céu é comparado a um grão de mostarda (13:31-32). Mais precisamente, devido à formula utilizada, está claro que o Reino é comparado não ao grão *propriamente dito* mas à *história de* "um grão de mostarda que um homem tomou, e semeou no seu campo" e assim por diante. A comparação não é com um grão estático, mas com um grão que passa por certas mudanças.

O grão de mostarda era proverbial por sua pequenez mas este pequeno grão produzia "a maior das hortaliças", uma árvore de mostarda de cerca de quatro metros de altura, grande o suficiente para pássaros pousarem e fazerem seus ninhos. Alguns podem recordar as passagens do Velho Testamento que retratam a vinda do reino como uma grande árvore com pássaros vindo em bandos até ela (veja Juízes 9:15; Ezequiel 17:22-24; 31:3-14; Daniel 4:7-23). Todavia se a *grandeza* do Reino é tudo o que esta em vista, por que razão Jesus escolheu uma árvore que só cresce até quatro metros de altura?

O ponto específico da parábola fica claro se nós lembrarmos de lê-la como um todo. Nenhum judeu piedoso do primeiro século duvidava que o Reino viesse e que ele seria grande e glorioso. Jesus não estava simplesmente

reforçando convicções antigas; Ele estava ensinando algo novo. Ele estava insistindo na conexão orgânica entre o menor grão e o grande clímax, entre o pequeno começo do reino sob o Seu ministério e sua consumação gloriosa em algum momento do futuro. Os pequenos começos não devem portanto ser desprezados, assim como o pequeno grão não deve ser desprezado porque ele ainda não é uma árvore. Mais uma vez uma falsa expectativa estava sendo frustrada. O reino não viria no seu esplendor pleno na (primeira) vinda do Messias.

A parábola do fermento (Mateus 13:33) destaca um ponto semelhante. Assim como o fermento produz um efeito incrivelmente maior do que sua relativa pequenez pudesse ter sugerido, assim também é com o reino. Contudo, se existe uma diferença entre esta parábola e a anterior, é que o grão de mostarda sugere um crescimento extenso enquanto que o fermento sugere uma transformação intensa.

Um outro pequeno ponto tem sido sabiamente notado por um erudito francês, Jacques Dupont. Nas duas parábolas pequenas, a comparação que Jesus escolheu foi, à primeira vista, um tanto esquisita – a história do grão de mostarda parece esquisita porque, como nós vimos, a árvore resultante não é tão grande como se esperava e a história do fermento é esquisita porque ele é geralmente usado como um símbolo para o mal (embora nem sempre, veja Levítico 7:13; 23:15-18). Todavia este é precisamente o ponto. Jesus escolheu comparações estranhas em certas ocasiões para evocar surpresa e reflexão, encorajando assim as pessoas a penetrarem no significado da parábola.

As Parábolas do Tesouro Escondido e da Pérola de Grande Valor

Essas duas parábolas (13:44-46) não tratam tanto da forma oculta do reino e a demora antes da sua consumação como tratam do valor superlativo do Reino. Mesmo assim, é pressuposto que o reino que vale tanto está em um certo sentido escondido e esperando ser encontrado ou comprado. A forma final e consumada do Reino não pode certamente ser procurada dessa maneira; pois quando ela chegar no fim dos tempos, ela virá espetacularmente, por um ato específico de Deus.

Sob a lei rabínica, se um trabalhador se deparasse com um tesouro no campo do seu mestre – deixado lá talvez por alguma geração anterior tentando esconder sua riqueza de sucessivos bandos de invasores – ele tinha duas escolhas. Se ele tirasse o tesouro de lá, este tesouro se tornava propriedade do seu mestre; mas se ele o deixasse lá, o trabalhador poderia legalmente esperar até que ele acumulasse dinheiro o suficiente para comprar o campo, e somente então remover o tesouro.

A parábola do tesouro escondido (13:44) não avalia a moralidade desta distinção, como também a parábola que compara a segunda vinda de Jesus com o arrombamento de um ladrão noturno não acusa Jesus de entrada clandestina ou maliciosa. O ponto da comparação com o ladrão é que a volta de Jesus será uma surpresa, como a visita de um ladrão; e o ponto desta parábola é o supremo valor do "tesouro", o reino do céu, que vale todo sacrifício exigido. Seja qual for o custo do campo, o tesouro vale muito mais; seja qual for o

custo do discipulado, o reino vale muito mais. Aqueles que chegam a entender onde repousa este tesouro irão com alegria abandonar tudo o mais a fim de possuí-lo.

A parábola da pérola (13:45) não tem o propósito de mostrar que uma pessoa pode comprar o Reino, e sim, que mesmo a pessoa que gaste todos os seus recursos para adquirir pérolas – uma vez que ela tenha achado uma pérola verdadeiramente valiosa – alegremente sacrificará todos os seus outros tesouros para obtê-la. Assim também, a pessoa que gasta toda a sua vida com tesouros religiosos anteriormente adquiridos irá com alegria trocar tudo pelo reino do céu. Seu valor supera de longe todas as outras pretensas riquezas.

A Parábola da Rede

Novamente Jesus derivou os elementos da Sua parábola dos eventos da vida cotidiana (13:47,48). Alguns pescadores conseguem uma grande pescaria usando certo tipo de rede varredoura. Uma vez levada a praia, a rede cheia de peixes é esvaziada e os peixes são selecionados. Os peixes sem valor – presumivelmente aqueles que não conseguem nem ser comidos nem vendidos – são jogados fora, e os peixes bons são retidos. O reino do céu, disse Jesus, é como isso (13:47), particularmente no fim dos tempos (13:49).

Nesta parábola Jesus não está enfocando tanto como será o reino consumado, nem em como foi a chegada do reino (o que alguns chamam de "inaugurado"), mas da situação *bem no final dos tempos*. Naquele momento, o bem e o mal estarão presentes; porém uma separação final ocorre, "os maus dentre

os justos" (13:49), com a perspectiva de terrível dor para os maus (13:50).

A Parábola do Proprietário da Casa

Esta última parábola (13:52) não compara o reino dos céus a alguma coisa, porém compara a algo "todo escriba que se fez discípulo do reino dos céus". Mesmo esta tradução (VA) infelizmente deixa a desejar. A idéia não é que o escriba mencionado ou "doutor da lei" foi "*instruído sobre* o Reino", mas que ele "se tornou *discípulo* do Reino". Tal pessoa é como o proprietário de uma casa "que tira do seu tesouro coisas novas e velhas".

A palavra para despensa regularmente representa o coração, sua riqueza e valores apreciados. Ora, um escriba comum ou doutor da lei, Jesus inferiu, pode tirar coisas *velhas* da sua despensa; mas um doutor da lei que se tornou discípulo do Reino tira tanto coisas novas como coisas velhas. É difícil não ver aqui uma avaliação da nova revelação que estava sendo dada na Pessoa e ministério de Jesus, revelação que cumpriu e superou a antiga. Apenas o "escriba discipulado" pode compreender essas coisas.

Contudo existem também dois pontos sutis que devem ser compreendidos. As palavras usadas são importantes. Jesus não diz que o entendimento gera discipulado mas, neste caso pelo menos, que o discipulado vem primeiro. É o doutor da lei *que se tornou discípulo do reino* que é capaz de extrair de sua despensa coisas novas e velhas. Esta ordem reflete outras passagens no capítulo. O discipulado de Jesus distingue aqueles a quem são dados mais revelação e entendimento

daqueles que nada receberam (13:11,12). Quando, na esteira das explicações de Jesus e nas parábolas privativas os discípulos alegaram entender (13:51), Jesus os lembrou desta ordem contando a eles esta parábola: "*Por isso* todo escriba..." (13:52).

O segundo ponto é que assim como Jesus comparou anteriormente Seus discípulos com os profetas e os justos dos tempos passados (5:11,12; 10:41), agora Ele os comparou com os escribas. A *Nova Versão Internacional* corretamente traduz "doutor da lei" porque a maioria dos escribas não somente estudavam os textos sagrados das Escrituras e apresentavam regras, mas também eram doutores das Escrituras.

Se os seguidores de Jesus são comparados aos escribas que trazem coisas novas como também coisas velhas de suas despensas, existe mais que uma sugestão de que somente eles estão preparados para a tarefa de trazer essas novas perspectivas e ensinos *e de passá-los aos outros*. Isto se encaixa bem com um tema principal no Evangelho de Mateus. Os discípulos de Jesus estavam sendo treinados para o ministério (Mateus, capítulo 10) e após a ressurreição, Jesus os comissionou, aqueles que haviam se tornado *discípulos* do reino, a irem e *discipularem* as nações, *fazer discípulos* neles (28:18-20).

Mas Por Que Falar em Parábolas?

Afinal, essa era a pergunta feita a Jesus pelos Seus próprios discípulos (13:10). Parte da resposta reside na própria natureza das parábolas, exposta no começo deste

capítulo. Todavia pelo menos três razões *teológicas* podem ser aduzidas também.

Primeira, Deus faz uma distinção entre os discípulos de Jesus e as multidões indiscriminadas (13:11,12). Os "segredos do reino" são dados (por Deus) aos discípulos mas não as multidões. A expressão "segredos do reino" refere-se a várias questões sobre o reino que até então estiveram ocultas porém agora estão reveladas.

À luz de todas as parábolas neste capítulo, o coração desses "segredos" é que o reino que vem final, dramática, explosiva e publicamente no fim dos tempos – uma verdade não oculta, visto que a maioria dos judeus nela acreditava – já estava verdadeiramente entrando no mundo antes do julgamento final, e de uma maneira oculta para operar em silêncio nas pessoas e através delas.

Aqueles a quem é dado entender e perceber esses "segredos do reino" são os discípulos de Jesus; às pessoas em geral não é dado entender. Aquele que já tem luz o suficiente para seguir a Jesus como Seu discípulo receberá mais, e compreenderá os segredos do Reino como resultado disso (13:12). Mas àquele que nem ao menos tem a luz necessária para dar os primeiros passos do discipulado sério (a Jesus) não será dado mais luz. Pior, ele ou ela irá também perder o que ele ou ela tem – presumivelmente o direito de ser um verdadeiro filho da comunidade do pacto (veja 8:11,12). Portanto a proclamação do reino deve estar numa forma velada e essa é uma razão porque Jesus pregava em parábolas.

Segunda, os versículos seguintes (13:13-17) recapitulam a mesma lição, mas o fazem menos em termos da maneira

que Deus revela a verdade a uns e não a outros, do que em termos da falta de vida espiritual por parte do povo. Eles estão sempre ouvindo a Palavra de Deus, porém nunca a compreendem. De fato, eles na verdade fecham seus olhos para grandes partes do seu conteúdo, temendo que se dessem uma olhada bem de perto, isso os forçaria a ver, entender, *e a arrepender-se* dos seus caminhos ("converter", 13:15). Essa perpectiva não lhes é atraente, como também não é atraente a muitas pessoas hoje em dia. Então a palavra é falada em parábolas parcialmente como uma sentença jurídica sobre aqueles que não querem ver.

Existem algumas considerações mais abrangentes que nos ajudam a entender o que exatamente Jesus está dizendo aqui. As Escrituras unem freqüentemente temas sobre a escolha soberana de Deus e do pecado pessoal da humanidade (veja Gênesis 50:19,20; Juízes 14:4; Isaías 10:5-7; Ageu 1:12-14; João 11:49-52). Os dois temas não são opostos entre si, são maneiras complementares de se olhar para as coisas.

Isso é especialmente importante para os temas de Mateus. À medida que o seu livro progride, Mateus mostrou crescentemente o fracasso do povo em entender quem Jesus era e que a chegada do reino era simultaneamente o cumprimento de profecia (13:14) e portanto vinculado aos propósitos de Deus, como também era o resultado de terrível rebelião contra Deus (compare com 11:25-30 para outro exemplo de ligação desses temas). Assim, a rejeição em larga escala de Jesus não significa que as coisas estão fora do controle e que os planos de Deus estão sendo frustrados; pois Deus predisse esse resultado e já pronunciou a sentença apropriada.

Contudo, isto não quer dizer que as pessoas não têm nenhuma responsabilidade por sua reação à revelação do que Jesus é e traz. Longe disso. Eles são profundamente responsáveis, devido à grandeza da revelação. (compare com 11:20-24).

É esta *combinação* de perspectivas que ajuda explicar as parábolas. É ingênuo pensar que Jesus falou em parábolas para fazer a verdade tornar-se mais fácil de ser entendida. Em parte pelo menos a parábola era para camuflar a verdade. Todavia também é ingênuo pensar que Jesus pregava em parábolas por nenhuma outra razão do que esconder a verdade aos de fora. Se isto fosse tudo o que Ele queria, por quê não simplesmente abster-se de pregar para eles? E por quê Ele também usou parábolas com Seus próprios discípulos?

A verdade é que Seu exato propósito em vir era alcançar os de fora e torná-los Seus discípulo (veja 9:35-38; 10:1-10; 28:16-20). Entretanto, para usar Suas próprias palavras, Ele era sábio por não lançar Suas pérolas aos porcos (7:6). E então Ele muitas vezes pregava através de parábolas; isto é, numa forma velada que endurecia e rejeitava aqueles que eram duros e rebeldes, contudo de uma maneira que iluminava (as vezes com informação adicional) Seus discípulos, aqueles que estavam começando a ver a verdade. As parábolas de Jesus carregam não apenas informação; antes, elas exercitam uma função discriminadora. Elas não comunicam conteúdo esotérico que somente os iniciados podem penetrar mas apresentam as reivindicações do Reino inaugurado e os aspectos do seu clímax apocalíptico de tal forma que suas implicações ficam claras para aqueles que têm olhos para ver.

Agora fica claro por que a primeira parábola, a parábola dos solos, é tão importante. Ela não somente *descreve* o avanço paulatino do reino em termos de reações humanas variadas mas *implicitamente desafia o ouvinte ou leitor a indagar que tipo de solo ele ou ela é.* Aqueles que não produzem nenhum fruto porque são rasos, facilmente fascinados pela riqueza ou por qualquer outra razão, provavelmente não entenderão; portanto ela é sua sentença de condenação. Na verdade, ela os condena mesmo se eles a entenderem intelectualmente, mas recusam a aceitar o que ela revela sobre o reino. Eventualmente, eles simplesmente ficam ofendidos com Jesus, em parte porque eles não estão dispostos a considerar Suas reivindicações (13:57). Por outro lado, aqueles que produzem frutos se verão no Reino, entretanto igualmente eles captarão a maneira sutil pela qual o Reino penetra a sociedade humana no tempo presente.

Terceira, Mateus também declara que uma razão porque Jesus falava em parábolas era que, ao assim fazer, Ele estava cumprindo as Escrituras (13:34,35; citando Salmos 78:2). Precisamente como Ele fez isso, não pode ser examinado aqui; mas é uma medida maravilhosa do controle de Deus e Sua direção sobre todo o ministério de Jesus que não somente o Seu proferir parábolas executa o julgamento profetizado por Deus (13:14) mas que mesmo o *fato* de que Ele pregava em parábolas cumpriu os propósitos de Deus!

Perguntas para Estudo Suplementar

1. Que tipo de solo é você?
2. Agora já deve ter ficado claro que a chegada a fé dos primeiros discípulos os envolveu no entendimento essencial da nova revelação. De que maneira portanto a chegada *deles* a fé é igual ou diferente da *nossa* chegada a fé?
3. O que a parábola do trigo e do joio sugere sobre quão eficiente será a proclamação do reino *antes* de Jesus voltar?
4. Por que deveria alguém hoje considerar o reino dos céus como o tesouro supremo, aquela pérola que vale a pena sacrificar tudo para possuí-la?
5. Liste todas as referências deste capítulo ao julgamento final. Que tipo de retrato elas apresentam?
6. Que novos tesouros você tira da sua despensa?

7

Ministério Multiplicador e Fé Elementar

Mateus, capítulos 14 a 16

Às vezes nos esquecemos que a maneira como os primeiros discípulos chegaram a fé não é exatamente a maneira que as pessoas chegam a fé hoje. Uma pessoa que chega a fé genuína no Senhor Jesus Cristo hoje já aceitou a ressurreição de Jesus Cristo e a descida do Espírito – dois eventos significativos na história da redenção. Ao tomar os primeiros passos para o arrependimento e para a fé tal pessoa deve ter se debatido com questões sobre sua própria pecaminosidade, lutado com a veracidade ou não de Jesus ter sido levantado dos mortos, hesitado diante da maravilhosa doutrina da *graça* mostrada de forma tão plena na cruz. Contudo, todos esses passos são necessariamente diferentes daqueles dados pelos presumidos discípulos *antes* da cruz, *antes* da ressurreição, e *antes* de Pentecoste.

Por essa razão quando falamos sobre a fé elementar dos primeiros discípulos, temos que nos lembrar que a fé

embrionária deles não era exatamente igual a fé elementar dos novos crentes de hoje. A fé elementar moderna é inexperiente devido ela ser ainda imatura, não testada, não bem informada, jovem; mas a fé elementar dos discípulos de Jesus durante os dias do Seu ministério multiplicador também foi obstruída pela inabilidade deles de perceber que espécie de messias Jesus seria. Para crescer de forma realmente robusta e forte, a fé deles precisava *não somente* de provação, tempo, encorajamento, informação, e outros tipos de coisas que fortalecem nossa fé hoje – *mas* ela *também* precisava que os maiores eventos na história da salvação *acontecessem*!

É por essa razão que as histórias sobre fé e incredulidade nos Evangelhos nunca podem ser aplicadas corretamente a nós hoje de forma descuidada, impensada, ou superficial. Existem, é claro, muitas coisas importantes para se aprender desses relatos, mas no todo eles esclarecem mais a natureza do messianismo de Jesus do que os problemas de se chegar a fé. Sua principal preocupação está em focalizar a atenção sobre Jesus, e não em estabelecer um perfil psicológico de pessoas que chegam a fé em qualquer época. E isso, é claro, é como deveria ser.

Ponto e Contraponto

Às vezes um novelista ou um historiador enfatiza pontos extremamente importantes justapondo os extremos: uma cena de morte num campo de batalha pode ser seguida por um relato do comerciante de armas vivendo no luxo, que é seguido por sua vez pelo sacrifício heróico de alguma viúva

menosprezada, e assim por diante. A música e a pintura ocasionalmente usam a mesma técnica; pois contrastes de consciência própria às vezes nos ajudam a perceber profundidades e relacionamentos que de outra forma teríamos deixado passar despercebido.

Assim é nestes capítulos. Mateus começou narrando o relato horrível da morte de João Batista. Assim como João Batista foi prefigurado por Elias, assim também seu inimigo mais amargo era um rei fraco e mau, manipulado por uma esposa forte e ímpia; Herodes e Herodias são duplicatas adequadas de Acabe e Jezabel. A história de como João morreu explica a consciência maculada e supersticiosa de Herodes (Mateus 14:1,2). Junto a este relato de um banquete que virou uma execução selvagem, Mateus justapôs a compaixão de Jesus pelos doentes e famintos (14:13-21). Neste caso a clara necessidade deles resultou na provisão sobrenatural, o suficiente e com sobras.

Na seção seguinte, o milagre de Jesus de andar sobre a água foi recebido primeiramente com medo (14:26) e depois com dúvida (14:31); mesmo assim Seu ministério de cura poderosa prosseguiu sem diminuir (14:35,36). Esta obra maravilhosa, longe de criar gratidão entre os líderes religiosos, despertou criticismo e censura baseado em uma tradição teológica que silenciava efetivamente as exigências radicais das Escrituras (15:1-20). Até mesmo os discípulos de Jesus precisavam ter as verdades elementares explicadas para eles (15:15,16)!

Ainda, ironicamente, mesmo que Jesus tenha sido enviado em primeiro lugar "às ovelhas perdidas da casa de

Israel", Ele encontrou fé maior numa mulher gentia (15:24,28). E é a alimentação dos quatro mil *gentios* no lado leste da Galiléia que resultou na adoração espontânea ao "Deus de Israel" (15:31). Enquanto isso, os fariseus e saduceus, líderes *judaicos* preeminentes, ainda estavam mais interessados em banalizar os milagres de Jesus (16:1-4; veja também 12:38-45) do que em discernir o que esses milagres podiam ter significado. Até mesmo os discípulos, em conformidade com sua fé e compreensão limitadas, se mostravam lamentavelmente lentos (16:5-12).

Ponto, contraponto. A trama continua, cada contraste fazendo Jesus se destacar mais e mais claramente, e já conduzindo à suprema confrontação que resultaria na cruz.

Embora os contrastes sejam em si mesmo importantes, também precisamos ver os temas individuais de maneira mais clara. Focalizaremos primeiro o ministério multiplicador de Jesus, depois a fé elementar dos discípulos, e então veremos como os dois temas se unem no decorrer da última metade de Mateus, capítulo 16 (vv. 13-28).

Ministério Multiplicador

Superficialmente, esses capítulos oferecem, quanto ao ministério de Jesus, mais do mesmo teor: há mais cura (14:14; 15:30,31), mais confrontação (15:1-20; 16:1-4), mais ensino, especialmente para os discípulos. Existe também uma breve menção da vida de oração privativa de Jesus (14:23) – algo que Lucas enfatizou muito mais que Mateus. E existem ainda as multidões. Nenhum desses elementos é sem importância, pois cada um mostra a intensidade do ministério de Jesus,

até que ponto Ele Se tornou conhecido e foi ouvido na Sua própria terra e entre Seu próprio povo.

Mas além desses aspectos, vários outros elementos nesses capítulos testificam o modo como o ministério de Jesus desenvolveu e se multiplicou neste estágio.

Primeiro, existem dois milagres de alimentação (14:13-21; 15:29-39). Esses milagres demonstram tão claramente como Suas curas, porém de uma forma revigorante, a preocupação de Jesus pela pessoa como um todo; e por esta razão eles servem como uma prelibação do banquete messiânico (8:1) quando todo o povo do Messias experimentará abundância e nunca conhecerá a escassez outra vez. Além disso, como o andar na água que seguiu o primeiro milagre de alimentação de Jesus, ambos pertencem a um pequeno grupo de milagres da natureza – exibições espetaculares do poder messiânico que demonstram a autoridade de Jesus sobre o mundo natural.

Segundo, existe a extensão do ministério de Jesus aos gentios. Em certo sentido, é claro, isso não é nada novo. Já notamos de que forma passagens como 8:5-13 continuam o tema da inclusão dos gentios traçado anteriormente (1:1; 2:1-12; 3:9; 4:15,16).

Contudo em 8:5-13, por exemplo, o centurião a quem Jesus elogiou estava vivendo em território judaico, e ele era até um certo ponto simpatizante da religião judaica. A cura da mulher cananéia (15:21-28) é um tanto diferente. Ela aconteceu *fora* do território judaico. Além do mais, embora Jesus tivesse rejeitado seu pedido de ajuda quando ela se dirigiu a Ele como Filho de Davi – afinal de contas, ela estava

se dirigindo a Ele como se ela mesma pertencesse ao povo do velho pacto – sua pronta aceitação da resposta do Senhor, seu clamor simples por ajuda, e sua compreensão de que os gentios tinham que ser alimentados após os filhos de Israel terem recebido sua comida espiritual (15:25-27) tudo combinou para que ela conseguisse a cura que estava buscando.

A inclusão de Mateus do segundo milagre de alimentação não é menos significativo pois isto sugere que ele estava cuidadosamente decidido a incluir uma alimentação dos gentios (o que a segunda foi) para se equiparar com a alimentação dos judeus. Até mesmo a diferença no número de cestos das sobras pode levar a atenção do leitor ao mesmo ponto. Num livro que enfatiza 12 discípulos (10:1), 12 tribos e 12 tronos (19:28), os 12 cestos de 14:20 sugerem que a provisão do Messias é tão profusa que mesmo as sobras da Sua provisão são o suficiente para satisfazerem as necessidades do povo do pacto.

As sete cestas de 15:37 sugerem algo semelhante; mas agora as 12, que inevitavelmente trazem a mente o povo judaico, são substituídas pelas sete, sugerindo abundância ou completude. A provisão abundante do Messias é tão profusa que mesmo a superabundância da Sua provisão é suficiente para satisfazer as necessidades de todas as pessoas em todos os lugares.

E *terceiro*, Jesus continuou a demonstrar sabedoria extraordinária no Seu ensino, nas Suas confrontações com Seus oponentes, e no Seu treinamento dos doze discípulos. Isso culminou na confissão de Pedro (16:13-20) e na primeira

menção sem ambigüidade de Jesus sobre Sua iminente morte sacrificial e sua importância para aqueles que O seguem (16:21-28). Esse foi um passo dramático no ministério de Jesus. Olharemos para isso mais de perto após uma pausa para pensar ligeramente em como andava a fé dos discípulos.

Fé Elementar

Durante todo esse período do ministério de Jesus tanto a compreensão dos discípulos como sua fé estavam misturadas. Isto se devia em parte, como vimos, ao lugar que eles ocupavam na revelação do plano de redenção de Deus. Contudo se não tivesse sido pelo pecado e preconceito e tradicionalismo que une todos nós, eles teriam compreendido e crido muito mais. Noutras palavras, embora o lugar deles no fluxo da história tenha tornado a compreensão e a fé mais difícil para eles do que para nós, isso não os isenta de toda responsabilidade.

Essa foi certamente a avaliação de Jesus. Considere por exemplo Sua avaliação do que eles deveriam ter aprendido dos dois milagres quando alimentou as multidões. Após o primeiro, os discípulos partiram para atravessar o Mar da Galiléia e foram ameaçados por uma severa tempestade. Após o choque inicial, Pedro recebeu o convite de Jesus para se juntar a Ele. Mas a fé de Pedro, forte o suficiente para tirá-lo do barco e colocá-lo sobre a água, não foi forte o suficiente para enfrentar a ventania. Jesus o salvou – e repreendeu-o por sua dúvida (14:30,31). A pressuposição parece ser que se Pedro tinha testemunhado dois milagres da natureza – a alimentação dos cinco mil e a caminhada de

Jesus sobre a água – por que deveria ele de repente ser tomado pelo medo naquele momento?

Mais surpreendente ainda, mesmo após o segundo milagre de alimentação, Jesus achou necessário repreender todo o grupo de discípulos. É-nos dito que os discípulos se esqueceram de levar alguns pães com eles numa de suas viagens através do lago (16:5). Mas aconteceu que nesta ocasião Jesus, ainda pensando na dureza do coração dos líderes religiosos (16:1-4), precaveu Seus discípulos para se acautelarem "do fermento dos fariseus e dos saduceus" (16:6) –significando, é claro, o ensino deles que no seu tratamento de Jesus estava permeando e influenciando a nação como o fermento permeia e influencia o pão.

Mas os discípulos ligaram a advertência de Jesus com seu próprio esquecimento – a falha deles em trazer comida – e concluíram que Jesus devia estar dando esta repreensão velada "porque não trouxemos pão" (16:7). Foi isso que mereceu a verdadeira repreensão de Jesus: "Por que arrazoais entre vós por não terdes pão, homens de pouca fé? Não compreendeis ainda, *nem vos lembrais dos cinco pães para os cinco mil, e de quantos cestos levantastes? Nem dos sete pães para os quatro mil, e de quantas alcofas levantastes?*...Mas guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus." (16:8b-11, letras itálicas adicionadas).

Em resumo, Jesus deu-lhes uma repreensão por causa da sua pequena fé e sua compreensão inadequada, não com base no que eles deveriam ter *antecipado* dos eventos *futuros* como a cruz e a ressurreição, mas daquilo que eles *já* deveriam ter compreendido dos dois milagres da multiplicação dos

pães. Se eles tivessem compreendido verdadeiramente as demonstrações espetaculares de poder que Ele estava demonstrando naqueles milagres, como poderiam eles pensar seriamente que Ele ficaria terrivelmente contrariado por eles terem esquecido um pouco de pão? Não poderia Aquele que alimentou muitos milhares encontrar uma maneira de alimentar uma dúzia? E não deveriam eles confiar na Sua bondade para com eles, tendo-a visto ser derramada tão profusamente sobre os outros?

Esta lentidão espiritual era característica dos discípulos naquele momento, como o próprio Jesus sugeriu num certo ponto nesses capítulos (15:16). Isso não quer dizer que eles não tinham nenhuma fé, nenhuma compreensão, e sim, que aquela que tinham era parcial, imatura, e misturada com uma certa quantidade de egoísmo inflexível. Em nenhum momento a natureza essencialmente *elementar* da fé deles veio à superfície mais claramente do que na última parte do capítulo 16.

Pedro, O Messias, e a Cruz

Surpreendentemente, Jesus escolheu a área *gentílica* de Cesaréia de Filipo (16:13) para extrair dos Seus discípulos mais chegados alguma avaliação de quem Ele realmente era. A opinião sobre quem "o Filho do homem é" (uma das auto-designações favoritas de Jesus, um título um tanto ambíguo que poderia ser preenchido com um conteúdo mais específico numa variedade de contextos) estava dividida (16:14). Alguns sugeriram que Ele era João Batista levantado dos mortos (Herodes Antipas, por exemplo, 14:2). Outros queriam saber

se Ele era Jeremias ou algum outro profeta. Talvez Jeremias tenha sido especificamente mencionado porque alguns espectadores sentiram ter detectado em Jesus algo da mistura de autoridade e sofrimento que caracterizou o ministério de Jeremias. As expectativas messiânicas entre o povo eram suficientemente diversas que alguns esperavam que toda uma série de profetas aparecesse antes que o próprio Messias surgisse no cenário.

Mas ao responder a pergunta de Jesus os discípulos aparentemente não conseguiam pensar numa voz na nação que acreditava que Jesus era o Messias. João Batista, Jeremias, um dos profetas – sim; mas nenhum grupo estava preparado para proclamá-lO como sendo o Messias. Alguns alegremente atribuíram-Lhe títulos messiânicos (9:27; 15:22) mas em parte devido à intensa bajulação, pois queriam receber cura ou algum outro tipo de bênção. Sem dúvida muitas pessoas nutriam esperanças secretas que Jesus pudesse vir a ser o Messias. Todavia Ele não correspondeu às expectativas messiânicas costumeiras, de forma que não havia ainda nenhum reconhecimento em larga escala do Seu status messiânico – nenhum, pelo menos, que tivesse alcançado os ouvidos dos discípulos.

Jesus mudou o foco da Sua indagação, e perguntou o que *Seus próprios discípulos* pensavam dEle (o "vós" é plural, 16:15). Pedro respondeu, "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (16:16). Essa confissão foi tão inequívoca que ela marcou um ponto decisivo no relacionamento de Jesus com Seus seguidores mais íntimos. Desse momento em diante, mais da verdade foi explicada a eles em particular; e mesmo

se eles não entendessem tudo, lhes era concedida aquela informação que um dia faria sentido de tudo o que Jesus disse e fez.

Com certeza Jesus reconheceu que esse era um novo passo na compreensão, e um que brotou da revelação concedida a Pedro pelo Pai (16:17). Contudo devemos ter cuidado para evitar dois pontos de vista opostos.

Primeiro, não devemos pensar que até este momento os discípulos, incluindo Pedro, não nutriam nenhuma esperança ou intuição que Jesus era o Messias, pois se esse fosse o caso, a transferência inicial de lealdade que alguns deles fizeram de João Batista para Jesus (João 1:29-51) seria muito improvável, e os próprios discípulos seriam extraordinariamente estúpidos (à luz de Mateus 7:21-23; 11:2-6).

Segundo, não devemos pensar que após essa confissão (de Pedro) a compreensão dos discípulos quanto a identidade de Jesus estava estável e madura. Os versículos que sucedem imediatamente (16:21-23) derrubam uma conclusão tão fácil. Ao mesmo tempo que proclamava essa grande confissão, Pedro não tinha nenhuma noção de um Messias que deveria sofrer e morrer.

Por essa razão, portanto, parece que a fé de Pedro ainda era *embrionária*. Ele e os outros discípulos estavam certamente à frente da multidão na sua compreensão de Jesus e em lealdade a Ele; mas sua fé não era uma fé madura naquele sentido que ela prevaleceria após a ressurreição de Jesus.

A confissão de Pedro (v. 16) recebeu não apenas uma "bênção" de Jesus (v.17), como também um jogo de palavras. A igreja católica romana interpretou muitas vezes 16:17-19

para fazer de Pedro o primeiro papa, e para estabelecer em princípio o cargo papal para os sucessores de Pedro. No entanto, em qualquer leitura honesta do texto, não podemos deixar de notar que nenhuma menção é feita de "papa" ou de qualquer sucessor de Pedro; e seja qual for o significado do versículo 19, ele certamente não fez de Pedro um "infalível" (veja Gálatas 2:11-14).

Por outro lado, alguns protestantes, reagindo contra as reivindicações da igreja católica romana, buscam argumentar que Jesus apontou para Pedro e disse: "Tu és Pedro," depois apontou para *Si mesmo* e continuou, "e sobre *esta* pedra edificarei a minha igreja". De forma alternativa, alguns sugerem que "esta pedra" não se refere nem a Jesus nem a Pedro, e sim, à confissão de Pedro.

Os debates sobres esses versículos são numerosos e muito técnicos para serem investigados aqui. Mas no julgamento deste autor, Jesus estava simplesmente usando um jogo de palavras para dizer que *Pedro* é a rocha sobre o qual Jesus iria construir Sua Igreja. É claro, este não é o único uso da metáfora da rocha. O próprio Pedro em outro lugar chamou Jesus de a Rocha (veja 1 Pedro 2:5-8).

Contudo, as metáforas mudam o seu uso constantemente. Por exemplo, aqui é Jesus que constrói Sua Igreja; em 1 Coríntios 3:10, Paulo é o sábio construtor. Em 1 Coríntios 3:11, Jesus é o fundamento da Igreja; em Efésios 2:19,20 os apóstolos e os profetas constituem o fundamento, e Jesus é a "pedra da esquina". Aqui, Pedro tem as chaves; em Apocalipse 1:18; 3:7, Jesus tem as chaves. Uma metáfora deve ser sempre interpretada dentro do seu *próprio* contexto.

Isto não significa que, afinal, a interpretação da igreja católica romana esteja correta. Pelo contrário, reconhece-se que a leitura natural da passagem coloca Pedro como a pedra. E julgando pelos primeiros capítulos de Atos, Pedro foi realmente a pedra sobre o qual Jesus construiu a Sua Igreja.

O *Reino* e a *Igreja* não são a mesma coisa precisamente da mesma maneira que um hipopótamo e uma roupa espacial não são a mesma coisa. Eles pertencem a categorias separadas: um é um animal, o outro um pedaço sintético e bem recente de equipamento inorgânico. Da mesma maneira, o *Reino* é o reinado de Deus, manifesto na Pessoa e no ministério de Jesus; a *Igreja* é um grupo de pessoas, o povo do Messias, redimido por Ele e ligados por juramento em lealdade a Ele. Mas é o Reino de Deus, Seu reinado poderoso, que traz a Igreja à existência; e a Igreja, o povo redimido de Deus, proclama o Reino, vive sua vida agora, e um dia entrará e herdará o Reino na sua consumação.

Este livro não é o lugar para entrar numa longa discussão sobre o versículo 19, mas algumas conclusões podem ser colocadas aqui e são defendidas detalhadamente em outro lugar. Em Lucas 11:52 Jesus denunciou certos mestres falsos por tirarem "a chave da ciência", impedindo assim muitos de entrarem no reino.

Se Pedro, em contraste, *tivesse* as chaves do reino, com toda a probabilidade ele teria a chave do conhecimento para possibilitar ao povo que entrasse no reino, e não meramente alguma autoridade pessoal. Este conhecimento pessoal estava vinculado com a revelação de quem Jesus era – revelação esta que Pedro havia recebido manifestamente pelo

Pai (Mateus 16:17). Portanto se o texto diz que Pedro tinha a habilidade de ligar ou desligar manejando essas chaves da ciência – proclamando o evangelho e tomando decisões sobre quem entra e quem não entra apenas com base nisso – isto quer dizer que Pedro iria admitir ou excluir pessoas de entrarem com base na revelação dada a ele. E é assim que ele faz no livro de Atos (veja Atos 2:14-39; 3:11-26; 4:11,12; 8:20-23). De fato, Pedro iria descobrir que tudo o que ele ligar e desligar, de acordo com este evangelho, *já* havia sido ligado ou desligado (como os tempos verbais no grego sugerem) pois a verdade decisiva do evangelho é sempre antecedente à sua proclamação (compare com Atos 18:9,10).

Em termos práticos, isso quer dizer que esses versículos difíceis tem a ver com quem é admitido à Igreja, e em que base. Os homens e as mulheres não *nascem* dentro da comunidade do povo do Messias, como pensavam os judeus. Pelo contrário, eles precisam receber a mesma revelação que Pedro recebeu – ou, colocando de outra forma, eles devem receber a chave do conhecimento. Essa é uma base fundamental para admissão ou expulsão da Igreja de Jesus, o Messias. Essa base não é o desempenho de muitos atos de piedade, mas uma profunda compreensão de quem Jesus é verdadeiramente. E é por isso que a outra passagem em Mateus com fortes vínculos com Mateus 16:19 fala explicitamente sobre a disciplina na igreja local (Mateus 18:15-18). A Igreja nunca deve degenerar em um clube elitista de pessoas vagamente religiosas que acontecem de ter nascido em um país chamado "cristão".

Num certo sentido Pedro estava falando em nome de

todos os discípulos; certamente pede-se a todos eles que fiquem quietos quanto à sua nova profundidade de compreensão (16:20). Parte da razão deles precisarem manter silêncio era que o nível de compreensão deles ainda era deficiente, e eles teriam estragado as coisas bem feio se eles tivessem simplesmente ido para tudo quanto é lugar e proclamado em alta voz que Jesus era o Cristo, o Messias. Isso se torna claro dos versículos restantes no capítulo (16:21-28).

Estes versículos são realmente surpreendentes. Eles deixam duas coisas claras.

Primeiro, embora Pedro tivesse compreendido de verdade que Jesus era o Messias, ele (e presumivelmente os outros discípulos também) ainda estava longe de compreender que o Messias prometido tinha que ser não apenas o Rei, o descendente de Davi, mas também um Servo Sofredor que seria executado em humilhação. Pedro considerou este pensamento tão incongruente que ele realmente repreendeu Jesus por proferi-lo (16:22) e por sua vez ele recebeu uma repreensão (16:23), uma repreensão de surpreendente severidade. Jesus reconheceu que qualquer tentativa de desvia-lO da Sua missão de sofrimento e morte tinha sua origem no inferno (compare com 4:1-11).

Segundo, esses versículos vão mais adiante e insistem não apenas que Jesus deve morrer, como também que qualquer um que queira ser Seu seguidor verdadeiro deve tomar o mesmo caminho (16:24-28). De forma bem clara esses versículos são em certo sentido metafóricos; nem todo seguidor de Jesus morre crucificado. Contudo o uso da

metáfora não deve nos cegar para a natureza radical e chocante da exigência de Jesus. Nos dias de Jesus, a crucificação era uma morte reservada para escravos, criminosos endurecidos, e traidores. Nenhum cidadão romano poderia ser crucificado sem a explícita autorização de César. Nos dias de hoje, nós vestimos cruzes de ouro ou madeira como jóias; nos dias de Jesus a cruz era um sinal de humilhação, tortura e de morte reconhecido universalmente. Portanto, para Jesus insistir que Seus seguidores devem carregar o madeiro para o lugar de execução e morrer esta morte vergonhosa era algo surpreendente no melhor dos casos, e repulsivo no pior.

Certamente Jesus não quis dizer que todo pequeno desapontamento com o qual nos deparamos é uma "cruz" – como no lamento ouvido muitas vezes, "Todos temos nossas cruzes para carregar". Ele não estava falando sobre desapontamentos pessoais, de defeitos físicos, ou alguma dificuldade molestadora, mas sobre a *morte para o eu* (16:25-27). Naquele tempo como hoje, alguns queriam um Messias que satisfizesse todas as *suas próprias* necessidades e desejos; porém Jesus acabou se tornando um Messias que requer *morte humilhante para o interesse pessoal*. A auto-realização, mesmo quando seguindo Jesus o Messias, depende da auto-abnegação; enquanto que a busca dos interesses pessoais resulta apenas na frustração, morte, e julgamento quando o Filho do Homem vier outra vez (16:27).

É relativamente fácil para os crentes hoje verem o lugar central que a cruz ocupa no plano eterno da redenção provinda de Deus. Mas os primeiros seguidores de Jesus, vivendo antes do Calvário, ficaram profundamente confusos

por este aspecto do ensino de Jesus. De modo inverso, se nós hoje tentarmos evitar as implicações das palavras de Jesus, será muito mais repreensível, pois temos muito menos desculpas. Num momento quando uma parte substancial dos evangélicos quer um Jesus acomodado que abençoa, santifica, prospera, preenche, emociona, e fortalece Seus seguidores, precisamos ouvir mais uma vez de um Jesus – o verdadeiro Jesus – que insiste que Seus seguidores genuínos morrem para o interesse pessoal, negam a si mesmos, e seguem seu Mestre no caminho da cruz.

Perguntas para Estudo Suplementar

1. Que semelhanças e diferenças existem entre a fé elementar dos primeiros discípulos e a fé embrionária dos crentes imaturos hoje?
2. O que significa na sua vida, em termos práticos, "negar a si mesmo" e "tomar a sua cruz"?
3. Como se relacionaria Atos 4:12 com Mateus 16:19?
4. Julgando pelo enfoque desses capítulos, contra que tipo de "fermento" Jesus iria provavelmente nos advertir hoje?
5. Quantas referências explícitas ou implícitas você consegue encontrar sobre os gentios nesses capítulos? Resuma-as.

8

Exibições de Glória e os Fracassos do Povo do Messias

Mateus, capítulos 17 e 18

Enquanto eu escrevo isto, boa parte do mundo ocidental está celebrando o aniversário do Dia D. Em retrospecto, a invasão da Europa pelo desembarque nas praias da Normandia marcou o início do fim do regime nazista. Contudo, para os generais envolvidos no planejamento e na execução da invasão, o sucesso não estava de forma alguma assegurado. O clima poderia ter atrapalhado as ações de desembarque; os alemães poderiam não ter sido enganados em pensar que o principal campo de assalto aconteceria em Calais; o oficial alemão em comando das forças de defesa poderia não ter tirado o fim de semana de descanso e voltado para a Alemanha para visitar sua esposa. De qualquer modo, para os soldados da infantaria, os primeiros dias e semanas da invasão foram não somente confusos, mas o resultado era incerto. Incapazes de ver o plano global, certamente inconscientes do resultado final, eles passaram por um momento

de mudança decisivo na história com apenas a mais limitada apreciação do que estava acontecendo.

Em resumo, quando os eventos cruciais estão realmente acontecendo, eles são raramente auto-explicativos. Seu verdadeiro significado requer muitas vezes a perspectiva do tempo decorrido, e uma certa medida de compreensão. Certamente isso é certamente verdadeiro quanto à maioria das instâncias da grande auto-revelação de Deus à humanidade. Aqueles que participam de tais eventos certamente sabem que eles estão experimentando algo significativo; porém eles podem muito bem ser incapazes de detectar muito do significado daquele evento na grande tela da auto-revelação de Deus na história. Os judeus que sairam do Egito no Êxodo sabiam que Deus estava agindo de maneira poderosa no interesse deles; mas poucos ou nenhum deles compreenderam naquele momento que a sua redenção do Egito constituiria o pano de fundo de um pacto especial com Javé, menos ainda que tal acontecimento serviria de muitas maneiras como o símbolo de uma redenção ainda maior por vir.

Já vimos algo do mesmo fenômeno em conexão com a vida e o ministério de Jesus. No entanto, se essa relativa ignorância é verdadeira com respeito ao ponto decisivo da cruz, considerado no capítulo anterior, ela não é menos verdadeira de inúmeros eventos discretos na vida de Jesus. Os dois capítulos diante de nós (Mateus 17-18) começam com a transfiguração de Jesus – o momento antes da cruz quando a verdadeira glória de Jesus foi mais claramente revelada. Todavia esta exibição da glória foi pouco compreendida por

aqueles que a testemunharam (17:4,5) e de qualquer modo ela serviu como um realce de outras falhas de compreensão, fé, e apreciação entre o povo do Messias (17:14-27; 18:1,21).

Jesus Transfigurado

O exato local deste evento é disputado; mas provavelmente ele aconteceu no Monte Miron, a 1.160 metros de elevação, a montanha mais alta na região e no caminho de Cesaréia de Filipo para Cafarnaum (16:13; 17:24). Assim como Moisés, Jesus exibiu glória de maneira física; porém ao passo que o rosto de Moisés brilhou porque refletiu um pouco da glória de Deus (veja Êxodo 34:29,30), o rosto de Jesus brilhou porque Ele foi "transfigurado" perante seus três discípulos mais chegados. O verbo é usado no Novo Testamento para descrever o modo como os crentes são "transfigurados" ou "transformados" em caráter (veja Romanos 12:2; 2 Coríntios 3:18) sem necessariamente terem rostos brilhantes! Entretanto, no caso de Jesus, a transformação foi física e foi realizada para permitir que Seus seguidores testemunhassem algo da glória que era Sua antes do mundo começar (veja também João 1:14; 17:5; Filipenses 2:6,7) e que seria Sua novamente (2 Pedro 1:16-18; Apocalipse 1:16).

Mas isto não quer dizer que eles compreenderam o que estavam vendo naquele momento. Na verdade, os discípulos haviam aprendido já há muito tempo a reverenciarem figuras como Moisés e Elias; e assim testemunhar Jesus na companhia *deles* era, até onde os discípulos podiam ver, algo honroso para Jesus – ou pelo menos, isso fornecia aos

discípulos uma escala pela qual medir Jesus. A oferta de Pedro de construir um altar (17:4) foi portanto feita em boa fé, só que mais uma vez revelou um erro de cálculo e um equívoco espetacular.

Tudo isso fica claro quando refletimos cuidadosamente no que Moisés e Elias estavam fazendo. Enquanto na terra, ambos tiveram funções que previram o futuro: Moisés foi o modelo para o profeta que iria seguí-lo (Deuteronômio 18:18), e Elias foi o modelo para o precursor do Messias (Malaquias 4:5,6; Mateus 3:13; 11:7-10; 17:9-13). Moisés introduziu o pacto do Sinai; Elias buscou restabelecer o apego a esse pacto. Os dois homens experimentaram uma visão da glória de Deus (Êxodo 31:18; 1 Reis 19:9); ambos enfrentaram fins estranhos; e ambos sofreram certa rejeição durante o curso de suas vidas. É difícil não pensar que em parte eles representam a lei e os profetas (veja Mateus 5:17; 7:12; 11:13).

O que está mais claro, entretanto, é que Jesus os ultrapassou. Se Moisés e Elias contemplaram uma vez a glória de Deus, Jesus foi tão transfigurado que Ele a exibiu. Foram *Suas* as vestes que "tornaram-se brancas como a luz" (17:2) e Moisés e Elias estavam conversando *com Ele*. O testemunho da voz dos céus deve ser lido contra o pano de fundo da oferta de Pedro (17:4,5). Quando os discípulos estavam preparados para erigir *três* abrigos englobando Moisés, Jesus e Elias juntos, lhes é dito firmemente: "*Este* é o meu *Filho* amado...a *ele* ouvi" (Mateus 17:5. Comparem com 3:17; Deuteronômio 18:18). E quando o medo dos discípulos lentamente se dissipou, eles não viram "a ninguém senão a Jesus somente"

(17:8). Jesus era central, e de certa maneira Ele anulou a lei e os profetas, enquanto ainda estava ligado com eles.

A transfiguração foi mais por causa dos discípulos do que por causa de Jesus. Ele foi transfigurado "diante deles" (17:2) e a voz falou com eles. Se eles não compreenderam plenamente isso naquele momento, o que ocorreu foi não obstante um passo fundamental na auto-revelação de Jesus para eles; e embora tivessem que manter silêncio sobre sua experiência até após a ressurreição (17:9), este evento forneceu o trigo para o moinho teológico que um dia tentaria explicar e proclamar quem Jesus é.

A questão colocada a Jesus pelos discípulos (17:10) pode ser mal-entendida. Muitos a entendem da seguinte forma: os discípulos agora entenderam que Jesus era o Messias; porém como responderiam eles à opinião dos escribas de que Elias deveria vir *antes* do Messias surgir? O problema deles, neste ponto de vista, era cronológico. Se Jesus era o Messias e Elias tinha que vir primeiro, quem era Elias? Mas Jesus já havia tratado deste ponto (11:14). Além do mais, se foi isso que os discípulos queriam dizer por sua pergunta, então pressupõe que eles compreenderam a referência a ressurreição no versículo anterior (17:9) e estavam perguntando algo sobre mera cronologia, mesmo Marcos tendo insistido que eles não conseguiriam realmente entender o que a menção de Jesus de "ressurgir dentre os mortos" realmente significava (Marcos 9:10).

O ponto focal da questão dos discípulos é mais profundo. Se Elias tivesse que vir primeiro e "...restaurar todas as coisas", eles estavam perguntando, então como o Messias poderia ser

morto? Se tudo está restaurado, quem ficaria para tentar executar Jesus? Noutras palavras, os discípulos ainda não eram capazes de descobrir qualquer perspectiva na qual o Messias pudesse ser morto e portanto pudesse levantar dos mortos. A confusão deles não era *meramente* cronológica – *quem deve vir primeiro* – pelo contrário, ela voltava-se para a inabilidade fundamental deles de fazer sentido da combinação de glória e sofrimento. Naquele momento, o testemunho da glória da transfiguração de Jesus tinha na verdade confirmado para eles seu mal-entendido.

Jesus respondeu que a *cronologia* do ponto de vista padrão estava correta: Elias veio realmente primeiro. Mas Seus seguidores precisavam reconhecer duas coisas. *Primeiro*, que João Batista já havia cumprido aquela profecia e *segundo*, que a função de João Batista de "restaurar todas as coisas" não era absoluta. Afinal de contas, se o Batista tivesse restaurado literalmente *tudo*, sem exceção, não haveria nenhuma necessidade para o Messias". A "restauração de todas as coisas" deve ser relativa: ele restaurou tudo o que foi necessário em preparação para a vinda do Messias, e dessa forma iniciou o processo para a restauração de *literalmente* tudo na consumação. Mas ao desempenhar sua função, João Batista encontrou oposição, e conseqüentemente perdeu a sua vida; então por que deveria ser estranho pensar que o Filho do homem deveria também sofrer (17:11,12)?

A manifestação mais clara da glória de Jesus havia ocorrido em um contexto de incomprensão e incerteza (17:4,10); porém os fracassos realmente graves ainda estavam por vir.

O Primeiro e o Segundo Fracassos

Os discípulos que fracassaram nesses versículos (17:14-23) foram (presumivelmente) os nove que ficaram para trás quando Jesus levou os três mais chegados para o monte quando Ele foi transfigurado. O fracasso deles em exorcizar o demônio do garoto epiléptico foi em um certo sentido um tanto surpreendente; pois Jesus havia anteriormente concedido a eles autoridade para curar e exorcizar demônios (10:1,8).

Não obstante, talvez o fracasso deles não tenha sido tão estranho assim afinal de contas, se focalizarmos dois fatos, ambos com considerável relevância para a Igreja moderna.

O primeiro é que Mateus testificou um padrão recorrente de sucesso e fracasso entre os discípulos (veja 14:16-21, 26,27,28-31; 15:16,23,33; 16:5,22; 17:4,10,11). Eles avançam – e então eles caem. Pedro confessou Jesus como o Messias, e então disse-Lhe que Seus pontos de vista quanto ao messianismo e ao sofrimento estavam errados (16:13-23). Se o fracasso dos discípulos nesse caso repousa na área da fé (17:20), isso não é nada novo. Em situações anteriores a fé dos discípulos já havia sido provada defeituosa (14:26,27,31; 16:5,8).

Tais fracassos surgem em parte da posição peculiar dos discípulos na história da redenção; mas até um certo ponto eles também refletem crescimento e desenvolvimento. Grandes árvores não surgem da noite para o dia. Se você quiser um jardim cheio de "dentes-de-leão", poucos dias bastarão; se quiser um bosque cheio de cedros, precisará de décadas de sol, chuvas e ventos. Paulo iria mais tarde prevenir

contra apontar um recém convertido para posições de liderança (veja 1 Timóteo 3:6). Os doze aprenderam por experiências pessoais que a maturidade pessoal não surge como um cogumelo da noite para o dia.

Entretanto existe um segundo fato que nos conduz ao âmago do fracasso deles. Um perigo perene que aguarda aqueles a quem é dado alguma graça, poder, ou autoridade é a tentação de *popularizar* o seu dom. Já vimos como alguns dos líderes judaicos queriam ver sinais e maravilhas *popularizados*. Isso é, eles queriam que o poder de Deus manifesto na chegada do Reino fosse controlável, pacífico, submisso aos líderes humanos.

Agora os discípulos haviam caído no mesmo alçapão. Eles haviam recebido uma certa autoridade espiritual (10:1-42) e haviam em seguida expulsado demônios e curado muitas pessoas. Quando eles abordaram este caso em particular, portanto, eles esperaram sem dúvida resultados imediatos e positivos. Na verdade, se a fé não é nada mais do que esperar receber o que você pediu, então sem dúvida os discípulos abordaram este epiléptico com forte fé. Contudo a triste verdade é que o Senhor Jesus criticou a fé deles, ou a falta dela (17:20). Por quê?

Certamente não é simplesmente uma questão de *tamanho* de fé. Jesus insistiu que mesmo se eles tivessem a menor partícula de fé – fé do tamanho de uma semente de mostarda (proverbial por sua pequinês) – eles teriam o suficiente para mover montanhas. A palavra para "fé pequena" provavelmente sugere aqui "pobreza de fé" ou algo parecido. Noutras palavras, *pequena* fé, como um grão de

semente de mostarda, pode não obstante mover montanhas; mas fé *pobre*, como a dos discípulos no seu exorcismo fracassado, não é boa para nada. Apenas uma pequena quantidade de fé genuína é necessária; a chamada "fé" falida que eles estavam exercendo era inútil. Eles se aproximaram do epiléptico com um tipo de fé que trata a autoridade confiada a eles como uma mágica: tudo o que você precisa fazer é dizer as palavras certas, apertar os botões certos, e lá surge um milagre.

Contudo, a fé verdadeira é menos mágica do que confiança, menos rito do que relacionamento. Ela não busca tanto exercitar poder como conhecer, obedecer, amar, e servir a Deus. Dentro de tal relacionamento, a autoridade sobrenatural não é algo excepcional; fora dele, tal autoridade se degenera rapidamente na categoria de uma bela mágica. Talvez seja por isso que a versão de Marcos desta história registre a repreensão de Jesus em outros termos: "Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum" (Marcos 9:29). Isto não quer dizer que um certo tipo de oração era necessário, um encantamento peculiar; pelo contrário, isto sugere que para as tarefas espirituais mais difíceis, mesmo a autoridade já delegada aos discípulos deve ser exercitada em um ambiente de oração. Tal oração é o resultado da fé verdadeira; de modo inverso, tal oração nutre a fé verdadeira. E mesmo uma pequena quantidade de tal fé teria sido o suficiente nesse caso.

Poucas lições são mais necessárias na Igreja atual. Não existem atalhos para a vida e a autoridade espiritual. O objetivo da maturidade espiritual não é a aquisição da

autoridade crua mas de relacionamento de fé pessoal com o Deus vivo; e seja qual for a autoridade que Ele delega para nós ela deve emergir daquele andar de fé.

O segundo fracasso dos discípulos relatado por esses versículos é mais sutil. Eles estavam cheios de tristeza devido o pronunciamento repetido de Jesus sobre Sua morte e ressurreição que estariam por acontecer (17:22,23). Tristeza devido à perspectiva da morte de Jesus pode ser louvável; porém aqui ela é certamente mais uma evidência de falta de compreensão. Afinal de contas, Jesus havia falado não somente da Sua morte *mas também da Sua ressurreição*. Eles ouviram apenas a primeira parte. E mesmo assim a compreensão deles era deficiente: *ou* o Messias era triunfante e vitorioso, um ganhador imediato, *ou* Ele estava condenado a ser derrotado e morrer. Esta última possibilidade encheu eles de tristeza; pois nesse ponto eles não podiam conceber de um Messias que triunfa *em* sofrimento, que é vitorioso *por meio* da morte.

Quantos de nossos desapontamentos e questionamentos de Deus surgem do nosso pensamento não bíblico – devido a nossa má vontade ou inabilidade de avaliar todas as coisas dentro de uma estrutura verdadeiramente bíblica e espiritual?

O Terceiro Fracasso

Esse foi exclusivamente de Pedro. Pensando em defender seu Mestre contra a acusação insinuada de que Ele falhou em pagar o imposto do templo cobrado de todos os judeus homens, Pedro se pôs em defesa de Jesus – e mostrou seu fracasso continuado de ver profundamente quem Jesus

realmente era (17:23,25).

Jesus contou uma parábola para endireitar Pedro (17:25,26). Em toda monarquia absoluta, impostos são cobrados do povo e pagos para o caixa do rei; mas a própria família real não paga impostos. Como Jesus disse, os filhos são isentos (17:26). Isso poderia ter somente significado que Jesus era o Filho do Deus do templo de alguma forma especial. Como o Filho real de Deus, Ele não precisava pagar o imposto do templo. A resposta rápida de Pedro em defesa de Jesus, expressa de tal forma que os críticos não depreciassem o Mestre, acabou sendo ela mesma uma involuntária depreciação dEle, um fracasso de compreender a condição única de Jesus como Filho.

Mas tendo insistido no fato de que Ele não tinha nenhuma *obrigação* para pagar o imposto do templo, Jesus fornece milagrosamente os meios para pagá-lo (17:27). Não apenas isso, Ele paga as obrigações do imposto de Pedro também. É como se Jesus junta Pedro à Sua própria isenção, e depois na Sua própria voluntariedade de pagar – "para que (*nós*) não os escandalizemos". Assim como somente Jesus é Senhor do sábado (e por meio desta condição protege Seus seguidores da acusação de quebrar o sábado, veja 12:1-8) assim também Jesus como o Filho unigênito é isento de pagar o imposto do templo, e devido Sua condição cobre o imposto de Pedro também.

Com certeza a proximidade das duas predições da cruz e da ressurreição (16:21-23; 17:22,23) faz lembrar o leitor cristão que não demoraria muito antes que o templo e suas alegações se tornassem obsoletas. O ponto de encontro crucial

entre Deus e o povo do Seu pacto seria o próprio Senhor Jesus, "um só Mediador entre Deus e os homens" (1 Timóteo 2:5). O templo podia continuar a existir por mais algumas décadas; mas não poderia fazer legitimamente as mesmas reivindicações que fez antes. E então ele seria destruído, demolido pelas tropas romanas em 70 D.C.. Pedro não podia ter compreendido nada disso quando Jesus lhe apresentou Sua breve parábola; mas a linguagem fecunda e cheia de conteúdo simbólico de Jesus estava destinada a ser elucidada mais tarde, após a ressurreição, e garimpada por sua riqueza teológica provocante.

O Quarto e o Quinto Fracassos

Essas duas perguntas (Mateus 18:1,21) traem as mentes que ainda estão a quilômetros da maturidade cristã. É difícil crer que a primeira pergunta – "Quem é o maior no reino dos céus?" (18:1) – foi instigada somente pela curiosidade teológica! Na verdade, dois capítulos mais tarde encontramos dois dos discípulos ainda competindo por posição (20:20-23) e os outros dez estavam "indignados" (20:24) nem tanto porque pensavam que a competição não tinha cabimento, e sim, porque estavam com medo de que os dois pudessem levar a melhor sobre eles no jogo. O relato de Marcos (Marcos 9:33-37) descreve que os discípulos estavam na verdade discutindo sobre a questão da sua grandeza relativa, e caíram envergonhados em silêncio quando Jesus os confrontou.

O que é patético acerca desse fracasso é que ele contrariava o ensino anterior de Jesus e dos Seus pronunciamentos mais recentes. Antes, Jesus havia insistido que a entrada no Reino

começa com um reconhecimento do pauperismo espiritual (Mateus 5:3) e que Seu Pai esconde as verdades espirituais dos sábios e entendidos enquanto as revela aos pequeninos (11:25). Ainda assim, aqui estavam os discípulos buscando com ardor a grandeza! Pior ainda, Jesus havia mais recentemente falado duas vezes sobre Sua morte que estava por acontecer (16:21-23; 17:22,23); mas apesar de sua tristeza inicial os discípulos se esqueceram rapidamente do sofrimento do seu Mestre e voltaram para a sua própria auto-promoção. Quem pode negar que os crentes modernos, também, às vezes esquecem sua missão, sem mencionar seu Salvador e Seus sofrimentos, e disputam como piratas o prêmio de posição, de honra, de poder, e de prestígio?

O quinto fracasso, como o terceiro, é exclusivamente de Pedro; porém ele mais uma vez refletiu os pontos de vista que eram predominantes entre os discípulos de Jesus. O ponto de vista mais predominante entre os rabinos com relação aos pecados repetidos era que um irmão deve ser perdoado três vezes. Na quarta vez não é preciso que haja perdão. Por isso ao sugerir *sete* vezes(18:21), Pedro se achou tão generoso e de coração grande. Talvez ele tenha sentido que estava realmente começando a amadurecer e apreciar os modos perdoadores de Jesus.

Mas a resposta de Jesus (18:22) mostrou o quanto Pedro estava longe do entendimento maduro. Não sete vezes, Jesus respondeu: Pedro deveria estar disposto a perdoar seu irmão até "setenta vezes sete". O ponto de Jesus seria sido perdido se algum pedante moderno lesse este versículo e saísse resmungando: "Bem, pelo menos eu posso parar na

septuagésima oitava vez! Eu não vejo a hora de chegar lá." Setenta vezes sete é simplesmente um número muito maior do que o número sete sugerido por Pedro. Contudo, o ponto deste número grande fica claro com a parábola que segue (como veremos num momento). Todos os discípulos de Jesus haviam sido perdoados bastante, muito mais dos que eles mesmos perdoariam, por isso o seu perdão de outros teria que ser grandemente generoso (18:23-35).

A meditação em cima deste quinto fracasso irá longe para evitar a amargura e a contenda entre os crentes.

Padrões Que Superam o Fracasso

Os fracassos do povo do Messias ocorrem continuamente nestes capítulos. Pelo "povo do Messias" eu não quero dizer o povo judaico, mas *Seus próprios discípulos*, de quem nós os crentes somos herdeiros. Além do mais, os fracassos deles se sobressaem mais contra o contexto da transfiguração de Jesus e Sua dignidade solene diante da perspectiva da Sua própria morte.

Mas, se os fracassos foram patéticos, eles também tiveram certas características em comum. Todos os cinco refletem uma visão muito alta do eu, e das opiniões e prerrogativas do eu, uma concepção muito estreita e legalista da fé, do perdão, e dos relacionamentos com Deus e com a humanidade. Se os discípulos ainda precisavam aprender mais sobre a natureza da missão de Jesus, eles também precisavam se beneficiar mais de aprender novos padrões de comportamento. Se precisavam passar pelo Calvário e pelo Pentecoste a fim de emergirem do outro lado como pessoas

que eram verdadeiramente comprometidas e transformadas pelo novo pacto que a morte de Jesus iria inaugurar, também precisavam que fosse esclarecido para eles o que exatamente isso significaria para a própria conduta deles. E é esse tipo de coisa que Jesus quis comunicar no quarto discurso relatado por Mateus (18:1-35).

Jesus começou exigindo que aqueles que entrassem no reino dos céus devessem "vos converterdes e não vos fizerdes como criança" (18:3). A criança é um modelo, nesse contexto, não de inocência, fé, ou pureza, mas de humildade e despreocupação pela posição social. Jesus presumiu que as pessoas não são naturalmente assim; elas precisam *mudar* para se tornarem como pequenas crianças. O resultado é uma auto-humilhação (18:4), não um comportamento infantil (veja também 10:16). É para "os pequeninos" que Deus revela a Sua verdade (veja 11:25).

O versículo 5 deveria ser lido junto com o versículo 6; e se o fluxo do pensamento for observado com cuidado, a preocupação desses dois versículos não é literalmente "os pequeninos" mas "estes pequeninos que crêem em mim" – crentes genuínos, aqueles que têm se humilhado e se tornado como crianças. Os versículos 5 e 6 portanto prometem bênção sobre aquele que recebe um crente verdadeiro, e uma maldição sobre aquele que intenciona fazer que tal pessoa tropece na sua fé (compare com 10:40-42). De fato, mesmo os próprios discípulos precisam lidar radicalmente com o pecado (19:8,9; veja também 5:29,30), cientes do terrível "fogo do inferno" que espera aqueles que brincam com isso.

De maneira semelhante, em 18:10-14 a expressão um

"desses pequeninos" deve ser entendida como referindo-se aos crentes, os verdadeiros discípulos de Jesus que têm se humilhado honestamente. Nenhum deles deve ser desprezado; pois por um lado, "os seus anjos nos céus sempre vêem a face de meu Pai, que está nos céus". (Seja o que for que esta frase signifique, ela implica que os pequeninos não deveriam ser desprezados porque sua dignidade é aos olhos de Deus muito grande). Por outro lado, o Pastor, o próprio Pai (18:14), preocupa-Se com cada ovelha do Seu rebanho, tanto que Ele vai atrás de uma que se desgarra. Afinal de contas, não é Sua vontade que sequer um desses pequeninos, esses crente humildes, verdadeiros crentes, pereça. Se essa é a Sua atitude, seria uma abominação para qualquer outra pessoa tentar fazer com que esses pequeninos tropeçassem.

Mas suponha que um dos pequeninos peque contra outro pequenino – contra *você*! O que você faria? Uma das coisas surpreendentes acerca do ensino de Jesus nesta questão é que apesar de toda a Sua ênfase no perdão e na humildade, Ele *não* espera que o pecado seja varrido para baixo do tapete. Seja num nível ou noutro, deve-se lidar com ele. E o nível deveria subir quietamente.

Comece com uma conversa pessoal com o ofensor (18:15). Se isso se mostrar ineficaz, proceda nos passos até que a questão seja trazida diante da igreja, a comunidade dos pequeninos, que pode em último caso decidir tratá-lo ou tratá-la como um estranho (18:17). Esta é uma forma específica da disciplina já introduzida (18:18; veja também 16:19). Contudo em nenhum caso o ofensor deveria ser deixado impune enquanto você, a parte ofendida ferve em

amargura suprimida. O ofensor deve ser encorajado, em particular e se necessário em público, a abster-se da ofensa; e a parte ofendida não deve esquivar-se da sua responsabilidade nem afastar-se com o orgulho ferido, e sim, encarar o ofensor.

É neste contexto que Pedro fez sua pergunta infeliz sobre o número de vezes que ele deveria perdoar um irmão ofensor (18:21,22). À sua breve resposta, Jesus acrescentou um parábola surpreendente (18:23-35). O ponto era que o servo rancoroso tinha ele próprio sido perdoado em grande quantidade. Se os dez mil talentos fossem ouro, eles deveriam valer mais de um bilhão de dólares na moeda corrente de hoje. Contra esta soma surpreendente estão os 100 denários – cerca do salário do trabalho de 100 dias de um trabalhador comum, talvez cinco mil dólares. O propósito da parábola não é de sugerir que podemos receber o perdão do rei ao perdoarmos os outros, mas para mostrar que todo perdão que somos chamados a oferecer é uma mera partícula quando comparada com a enorme quantidade pelo qual nós mesmos precisamos do perdão do rei. Em resumo, a história responde poderosamente à pergunta de Pedro.

Se esses padrões de comportamento forem adotados por aqueles de nós que alegamos ser discípulos de Jesus, manifestaremos menos dos fracassos que se destacam tão patética e notoriamente nestes capítulos.

Perguntas para Estudo Suplementar

1. O que você acredita que Mateus está nos dizendo em 17:8?
2. O que as perguntas de "até quando" de Jesus em 17:17 sugerem sobre Sua própria consciência de quem Ele é?
3. Como que o ponto principal de 17:24-27 se relaciona ao ponto principal de 1 Coríntios, capítulo 8? Que relevância teria essas passagens para os crentes hoje?
4. Que contendas tristes por poder às vezes ocorrem entre o povo do Messias hoje? (veja Mateus 18:1,2)?
5. De que maneira Deus vê o pecado daqueles que encorajam ou atiçam Seus "pequeninos" a pecarem? Que relevância teria isso para a sociedade contemporânea? E para a Igreja?
6. Examine-se a si mesmo com cuidado. Você estaria alimentando rancores contra alguém que cometeu alguma ofensa contra você, real ou imaginária? Como deveria você lidar com isso, segundo Mateus, capítulo 18?

9

Controvérsia e Contraste

Mateus, capítulos 19 e 20

Nestes dois capítulos não existe nenhum desenvolvimento surpreendente, porém existe uma polarização contínua. Existem dois relatos de controvérsia – um entre Jesus e os fariseus (19:1-12) e o outro entre Jesus e os Seus discípulos (20:20-28). E durante todo o tempo, Mateus mostrou que as atitudes e os valores de Jesus se punham de forma marcante em contraste com os das pessoas ao Seu redor (19:13-15, 16-30; 20:1-19, 29-34). A partir dessa controvérsia e desse contraste surge novo ensino em várias áreas: divórcio e novo casamento (19:1-12), a soberania da graça de Deus no dispensar dos Seus benefícios (20:1-16), e mais coisas.

Controvérsia

A *primeira* das duas passagens controversas tem a ver com o divórcio e o novo casamento. Poucos problemas são tão sensíveis como esses em muitas igrejas evangélicas modernas. É triste dizer, na hora em que o casamento está indo para o tribunal de divórcio, a amargura entrincheirada, o ódio, a

malevolência, e a desconfiança são muitas vezes tão profundos que não existe nenhuma disposição para ouvir o que as Escrituras dizem.

Precisamente porque tantos lares evangélicos estão se dissolvendo que mais e mais estudos das passagens do Novo Testamento sobre o divórcio estão sendo impressos. De maneira alguma todos esses estudos estão de acordo um com o outro. A tendência predominante é apelar a algum conceito cristão abrangente tal como a graça a fim de diluir as passagens severas das Escrituras sobre o assunto. Alguns estudos se equivocam, indo para o lado oposto, e argumentam que as Escrituras como um todo nunca permitem o novo casamento após qualquer divórcio.

Uma exposição popular como esta não tem como considerar todas as opções, ou mesmo oferecer uma defesa detalhada de uma delas. Além do mais, para que fosse feito uma declaração detalhada sobre a questão seria necessário estudar muitas passagens além desta aqui. Alguma ajuda pode ser encontrada nos principais comentários e estudos. Para o presente momento, irei simplesmente esboçar o que eu considero ser o formato da controvérsia nesta passagem, e eu irei apresentar algumas poucas implicações óbvias.

"É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo"? (19:3). Essa foi a pergunta feita a Jesus por alguns dos fariseus. Ela refletia um debate teológico comum o suficiente naquele tempo. Um bloco de autoridades religiosas teria respondido com uma retumbantíssima pergunta, a ponto de dizer que mesmo se um homem achasse uma mulher mais bonita, isso era motivo suficiente para se

divorciar da sua esposa. O outro grupo destacado restringia a legitimidade do divórcio a casos onde a indecência grosseira havia ocorrido.

Ambas as posições basearam seus argumentos em parte em Deuteronômio 24:1, que permitia um marido se divorciar da sua esposa "por haver ele encontrado nela coisa vergonhosa". As duas escolas de pensamento nos dias de Jesus disputavam até que ponto o termo "coisa vergonhosa" poderia ser dilatado. Além disso, alguns grupos monásticos dos judeus insistiam que nenhum tipo sequer de divórcio era justificado.

Certamente o divórcio estava se tornando um escândalo aberto entre alguns fariseus. Talvez o fariseu divorciado mais conhecido para nós daquele período é Josefo, o famoso historiador judeu. Igualmente certo é o fato de que os dois principais grupos, embora discordassem sobre quais divórcios deveriam ser permitidos, estavam felizes em aceitar os pareceres uns dos outros em casos individuais. Noutras palavras, se a escola mais leniente sancionava o divórcio, a escola mais conservadora reconheceria aquele divórcio como legítimo e sancionaria o novo casamento, mesmo que o divórcio em questão estivesse fora dos seus próprios preceitos. Era como se os líderes religiosos cerrassem fileiras em torno da sua autoridade coletiva em vez de lutar a favor dos princípios aos quais eles aderiam. E agora Jesus estava sendo convidado a se posicionar ao lado de um grupo ou do outro.

A resposta de Jesus à pergunta deles foi em um certo sentido adiada (até Mateus 19:9), pois Ele estava persuadido de que a pergunta deles era seriamente deficiente. Ela tendia

mais para o lado do "O que Deus nos permitirá fazer para nos safarmos na questão do divórcio e do novo casamento?" do que para o lado do "O que Deus deseja para a Sua criação nesta questão?" Portanto Jesus adiou dar uma resposta direta e voltou-Se para os primeiros princípios. Ele apelou ao propósito do Criador na criação dos sexos: Deus os fez "homem e mulher" (Gênesis 1:27) e disse "*Por isso* deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão uma só carne" (Gênesis 2:24; Mateus 19:5, itálico adicionado).

As palavras "por isso" em Gênesis 2:24 referem-se à percepção de Adão que a mulher era osso do seu osso e carne da sua carne, porquanto ela havia sido feita dele e para ele. O homem e a mulher estavam relacionados num sentido mais profundo . E *por isso* – devido ao Criador tê-los feito assim – os casamentos ocorrem e cada casamento é um restabelecimento do princípio de uma só carne que jaz na própria estrutura da humanidade. Um homem e uma mulher que se unem em casamento corroboram essa estrutura; "já não são mais dois, mas uma só carne", como Deus intentou desde o começo. Desse modo sua união é profundamente uma obra *de Deus,* e "o que Deus ajuntou, não o separe o homem" (Mateus 19:6).

Nessa luz, o divórcio não é somente anormal – contra a estrutura da humanidade como Deus a fez – mas também uma rebelião grosseira contra o próprio Deus. Portanto, Jesus foi semelhante ao profeta Malaquias, que não apenas referiu-se ao livro de Gênesis (veja Malaquias 2:14,15) como também citou Deus dizendo: "Pois eu detesto o divórcio" (Malaquias

2:16). Jesus ainda não havia tratado da pergunta que os fariseus haviam feito; porém Ele havia derrubado as atitudes subjacentes por trás daquele pergunta e mostrado que o divórcio é uma coisa feia, pecaminosa, e rebelde. Mesmo se as circunstâncias opcionais surgirem que *permitam* o divórcio – sobre o qual falarei mais daqui a pouco – devemos sempre lembrar que *o divórcio não pode ser obtido sem pecado, sem cair dentro daquilo que Deus odeia.*

Contudo, os oponentes de Jesus mal registraram o ponto antes de continuarem com o que eles haviam julgado como sendo a fraqueza fatal na interpretação de Jesus. Se o divórcio é algo que Deus odeia, então por que Moisés, o porta-voz de Deus, "mandou... dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la" (Mateus 19:7)?

A referência deles era Deuteronômio 24:1; e Jesus respondeu dizendo que eles não haviam realmente entendido seu próprio texto usado para o argumento. Moisés não *mandou* nesta passagem que as pessoas se divorciassem, mas regulou os divórcios que estavam ocorrendo insistindo que deveria existir apropriados certificados de divórcio e que a esposa divorciada duas vezes não deveria retornar ao parceiro original (Deuteronômio 24:1-4). Dessa forma o máximo que Moisés fez foi *permitir* o divórcio; e essa permissão foi concedida porque ele reconheceu que o coração humano pode ser tão duro, tão pecaminoso, que o divórcio se torna necessário.

"Mas não foi assim desde o princípio", Jesus propositadamente acrescentou (Mateus 19:8), dizendo outra vez, de fato, que qualquer tratamento do divórcio que simplesmente

argumenta acerca do que pode ou não pode ser feito corre o perigo de omitir um fato básico: o divórcio, mesmo se permitido, nunca é uma coisa *boa*, uma opção ordenada por Deus para casamentos moralmente corretos, mas um sinal devastador de pecado.

Nesse ponto, Jesus deu Sua própria posição. "Eu vos digo porém, que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de infidelidade, e casar com outra, comete adultério" (19:9). Esse é o versículo sobre o qual se centraliza uma considerável disputa. Da forma como eu entendo, "infidelidade" é uma categoria mais abrangente que adultério, e inclui homossexualidade e todos os outros tipos de indecência sexual. O que Jesus estava dizendo, então, pode ser parafraseado da seguinte maneira: "Qualquer pessoa que se divorcia da sua esposa e casa com outra mulher comete adultério – embora este princípio não se aplica no caso de infidelidade".

Falando de forma precisa, essa posição é a um e ao mesmo tempo mais leve e mais pesada que as prescrições do Velho Testamento – mais leve em que a pena capital aqui não é estipulada no caso do adultério e mais pesada em que a *única* exceção é algum tipo de pecado sexual. Pode-se facilmente entender porque o pecado sexual foi tratado como um caso especial, uma vez que a permanência da união matrimonial é baseda em parte na união *sexual*. A promiscuidade sexual já é portanto um rompimento. Ela pode não *exigir* o divórcio – pode haver arrependimento, perdão e reconciliação, mas o divórcio e o novo casamento são permitidos como uma *concessão* em tais casos.

Existe, eu creio, uma pequena extensão dessa exceção nos escritos de Paulo (veja 1 Coríntios, capítulo 7). Fora essa pequena extensão, entretanto, o peso da evidência do Novo Testamento é o seguinte: homens e mulheres não deveriam se divorciar, pois isso é odioso a Deus. Se eles se divorciarem, não devem casar-se novamente. Uma exceção a essa regra é feita quando o primeiro casamento termina em divórcio devido à infidelidade.

Os discípulos consideraram o ensino de Jesus um tanto severo e sugeriram de forma cínica que se Ele estivesse correto seria melhor não se casar de forma alguma – como se o apelo ao casamento fosse contingente a leis liberais do divórcio que permitem você se safar se as coisas não derem certo. Jesus respondeu que nem todos conseguem viver por essa palavra – não os ensinos *de Jesus*, como a *Nova Versão Internacional* sugere, mas por essa palavra *dos discípulos*. Noutras palavras, nem todos *conseguem* viver naquele estado de celibato casto que a observação cínica dos discípulos sugeriu, mas somente aqueles que possuem esse dom – aqueles nascidos eunucos, os impotentes, aqueles que foram feitos eunucos (alguns palacianos foram castrados, como condição de serviço numa posição onde estavam rodeados por mulheres da realeza; veja Atos 8:26-39), e aqueles capazes e dispostos a viver como celibatários por amor ao Reino de Deus (Mat. 19:12).

Assim, Jesus, como Paulo que veio após Ele, enalteceu o celibato para aqueles a quem era concedido. Longe de retroceder diante do cinismo grosseiro dos discípulos, Jesus disse que para *tais* pessoas, eles estavam corretos: "Não convém casar" e "quem pode aceitar isso (celibato), aceite-o"

(19:10,12). Mas isso não quer dizer que o celibato é um estado intrinsecamente mais santo (veja 1 Timóteo 4:1-3; Hebreus 13:4), e sim, um dom especial de Deus para algumas pessoas cuja singeleza tem o potencial de torná-los servos mais úteis do Reino.

A *segunda* controvérsia aconteceu entre Jesus e os discípulos (Mateus 20:20-28). Ela foi precipitada pela aproximação de Tiago e João, os filhos de Zebedeu, que pediram para obter posições à direita e à esquerda de Jesus quando Ele entrasse no Seu Reino. O que eles estavam procurando, é claro, era uma parte especial no Seu prestígio e autoridade quando o Seu Reino messiânico fosse consumado – algo que eles acreditavam estar iminente, algo que eles visualizavam como que acontecendo sem a cruz e sem qualquer demora.

Como Jesus disse (20:22), os discípulos não sabiam realmente o que eles estavam pedindo. Ingenuamente, eles buscaram poder e glória, enquanto não tinham a mínima idéia do sofrimento de Jesus que estava por vir. Eles compreenderam menos ainda que seguir a Jesus poderia muito bem envolver sofrimento verdadeiro e prolongado *para eles*, ou que a atitude característica dos líderes entre o povo do Messias é o serviço, não o amor ao poder e à pompa.

Todavia, Jesus questionou-os conciliatoriamente. Será que eles poderiam beber do "cálice" que Ele beberia? "Podemos", eles responderam com convicção. A linguagem do "cálice" no Velho Testamento referia-se caracteristicamente ao julgamento ou à retribuição (veja Salmo 75:8; Isaías 51:17,18; Jeremias 25:15-28). Talvez os irmãos e sua

mãe tenham pensado que o conflito final estava para acontecer; e durante este conflito eles imaginavam que embora o lado de Jesus iria sofrer, às vezes perder, até mesmo enfrentar a morte – a vitória em si era certa. Afinal de contas, como que a vitória poderia ser negada Àquele que já tinha demonstrado que Ele podia levantar os mortos e controlar a natureza? Portanto eles estavam preparados – acreditavam – para sofrer com Jesus neste curto prazo. Eles podiam beber do Seu cálice.

Num certo sentido, Jesus concordou com eles: "O meu cálice certamente haveis de beber" (20:23). Afinal de contas, Tiago iria em breve tornar-se o primeiro mártir apostólico (veja Atos 12:2), e seu irmão João sofreria exílio (veja Apocalipse 1:9). Mesmo assim, Jesus insistiu que não era Sua função determinar quem sentará à Sua mão direita e à esquerda no Reino consumado. Tal prerrogativa pertence somente ao Pai (Mateus 20:23). Aqui como em outros lugares (Mateus 11:27; 24:36; 28:18), Jesus pressupôs que Sua autoridade era *derivada* do Seu Pai, e que o Seu papel era de ser perfeitamente obediente à vontade de Seu Pai.

A questão poderia ter parado por aí, caso os outros dez apóstolos não tivessem ouvido a tentativa da família dos Zebedeus de assegurar uma certa vantagem. A indignação deles (20:24) instigada, se suspeita, menos pela preocupação honesta com o jogo justo do que pelo medo deles serem ultrapassados por um lance político engenhoso que não haviam pensado primeiro.

O problema feio de 18:1-9 estava ocorrendo novamente. E foi isso que induziu Jesus a chamar os doze juntos e

ensiná-los o padrão de liderança que deve prevalecer entre o povo do Messias. Os padrões comuns de autoridade no mundo pagão não devem operar aqui. Em vez disso, "qualquer que entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, será vosso servo" (20:26,27).

Muitos de nós temos nos tornado tão familiarizados superficialmente com tal ensino bíblico que não conseguimos sentir com facilidade o choque que essas palavras sem dúvida causaram quando elas foram ditas pela primeira vez. Os escravos não podiam reger; seria quase que impensável se um intocável na Índia dissesse a um brahma para sair da frente. Faz parte da natureza das coisas que a pessoa de um nascimento aristocrático e o governador exerçam autoridade, e que o resto aprenda a obedecer. Mas, no Reino de Jesus, posição acaba virando serviço, liderança acaba virando escravidão de sacrifício voluntário aos outros. Isto não é tanto um sinal de fraqueza como de humildade, não tanto uma diminuição de autoridade como uma maneira humilde de exercê-la.

E aqui, é claro, o crente não tem um modelo maior que Jesus o Messias. Se alguém *merecia* ser servido, era Ele; mas quando Ele veio, não foi para ser servido, e sim, para servir. Este serviço muitissimamente custoso se estendeu até a Sua própria morte sacrificial. Ele veio "para dar a sua vida em resgate de muitos" (20:28). Sua vida seria dada em substituição à vida deles. Como um escravo podia ser resgatado através do pagamento apropriado, assim os muitos são resgatados pela morte de Jesus no lugar deles. De fato existe

provavelmente uma referência aqui à última e a maior das canções do "Servo Sofredor" (Isaías 52:13-53:12): "O meu servo justo justificará a muitos, e as iniqüidades deles levará sobre si. Pelo que lhe darei o seu quinhão com os grandes.... Porquanto...ele levou sobre si o pecado de muitos" (53:11,12).

Podemos apenas imaginar quão imensamente comovente a memória dessas palavras foram para os apóstolos após eles terem visto a crucificação do seu Messias e tiveram tempo para comparar sua autopromoção com o Seu próprio auto-sacrifício.

Contraste

Mesmo quando as diferenças entre Jesus e aqueles ao Seu redor não eram tão acentuadas a ponto de irromper em controvérsia, em tudo o que Mateus relata neste estágio do ministério de Jesus existe algum tipo de contraste traçado entre Jesus e os líderes religiosos ou entre Jesus e os Seus próprios discípulos.

O *primeiro* contraste existe entre a atitude de Jesus para com as crianças, e a atitude dos Seus discípulos (Mateus 19:13-15). A razão porque eles tentaram impedir as crianças de vir a Jesus não está claro. Talvez eles pensassem que estavam sendo atrasados na sua jornada a Jerusalém; talvez eles pensassem que Jesus já estava bastante ocupado; ou talvez eles pensassem que as crianças eram membros negligenciáveis da sociedade que não deveriam interromper uma pessoa tão importante quanto o Messias.

No entanto, seja qual for a motivação dos discípulos, Jesus não aceitava a atitude deles. "Deixai as crianças", Ele

mandou, "e não as impeçais de virem a mim". A razão que Ele deu é de grande importância: "Porque das tais é o reino dos céus" (19:14). É importante ver que Jesus *não* disse que o reino dos céus pertence *a essas*, mas *a tais como essas* – não as crianças por si, porém àqueles que são como elas.

O pensamento é bem semelhante ao que nós encontramos em 18:1-9. Grande parte da religião popular encoraja as pessoas a pensarem que a pessoa piedosa é a pessoa intrinsecamente superior, que a pessoa moral é aquela que entra no Reino, e que as pessoas espiritualmente justas (que são muitas vezes também espiritualmente rígidas) são mais populares com Deus. Contudo, Jesus insistiu que o Reino pertence a aqueles que se aproximam dEle de uma posição de pauperismo espiritual (5:3). Não o arrogante e o egoísta, mas o humilde e o simples – como crianças – herdam a vida eterna e encontram posições de eminência no Reino (18:1-9). As ações dos discípulos para com essas crianças foram portanto uma parábola encenada sugerindo exatamente o *oposto* daquilo que Jesus queria comunicar. Ele deu um exemplo oposto de coração bondoso, e explicou a importância das crianças como modelos daqueles que vem a Ele.

A seção seguinte (19:16-30) abarca um contraste triplo.

Primeiro, existe o contraste de valores entre o jovem rico e Jesus. O jovem rico estava preparado para se esforçar bastante para obedecer leis discretas se isto lhe ganhasse a vida eterna; mas ele não estava disposto a lidar com o seu coração dividido. O jovem sentiu carência espiritual, e perguntou a Jesus: "Que me falta ainda?" (v.20).

Jesus respondeu que se ele quisesse ser perfeito – se ele realmente quisesse toda lealdade a Deus e obediência de todo o coração – ele teria que vender seus bens, distribuir o dinheiro entre os pobres, e seguir a Jesus. Esta prescrição expôs a raiz do problema: apesar das suas pretensões morais, ele tinha um coração dividido. Essa lealdade dividida é precisamente o que um verdadeiro seguidor de Jesus *não pode* ter. Obedecer mandamentos individuais não pode substituir a dedicação e a auto-renúncia sincera e total ao Messias.

Esse encontro induziu a reflexão de Jesus sobre a fascinação da riqueza: "Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus" (v.23). E mais: "É mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha, do que entrar um rico no reino dos céus" (v.24). É completamente impossível! Os discípulos estavam maravilhados e perguntaram, "Quem pode, então, ser salvo?" (v.25).

Foi o modo da pergunta deles que denunciou o *segundo* contraste. Como muitos outros nos seus dias, eles acreditavam que a prosperidade material era uma bênção divina. Grande riqueza entre os externamente piedosos era um sinal de que a pessoa havia ganho a aprovação de Deus. Portanto se *o rico* não podia ser salvo, quem então poderia? Se os ricos não eram aprovados por Deus, que evidência existia de que Ele aprova alguém?

A pergunta deles refletia demais o interesse pela riqueza. Pior, parecia sugerir que a aprovação de Deus poderia ser ganha, e até certo ponto ser medida somando a riqueza. A avaliação de Jesus foi radicalmente diferente: longe de ser um sinal de que uma pessoa provavelmente herdará a

salvação, a riqueza faz a salvação quase que impossível. E se isso significa que, no que concerne a habilidade humana, ninguém pode ser salvo, então que assim seja. Nesse ponto Jesus concordou com Seus discípulos e confirmou, "Aos homens é isso impossível". É realmente impossível para os homens e mulheres por si próprios, serem salvos.

"Mas a Deus tudo é possível" (v.26). Isso apresentou a atitude contrastante de *Jesus*. Esperança de salvação para qualquer indivíduo depende somente de Deus. Como Paulo colocaria mais tarde, depende da *graça* de Deus. A riqueza que alguns tratam como uma medida de bênção leva as pessoas a uma autoconfiança tal que se recusa a reconhecer a necessidade da graça. A atitude de Jesus foi fundamentalmente diferente da atitude dos Seus discípulos nesses pontos.

O *terceiro* dos três contrastes nesta seção foi precipitado por Pedro (19:27-30), falando pelos doze. Aparentemente ele considerou as palavras de Jesus um pouco severas no caso deles; pois afinal de contas, eles haviam abandonado tudo a fim de seguir a Jesus. Não haveria então nada de benefício para eles?

Em certo sentido, a resposta de Jesus foi tranqüilizadora (v.28). Havia na verdade algo especial para os apóstolos; eles iriam se sentar sobre 12 tronos e julgar as 12 tribos de Israel. Mas a fim de que os apóstolos não pensassem que Jesus estava consentindo com o fato de que eles mereciam ou tornaram-se merecedores desta honra, Ele insistiu que *todo aquele* que deixa qualquer pessoa ou qualquer coisa de valor por causa dEle receberia em retorno "cem vezes tanto" – e herdaria a

vida eterna (v.29). Deus não é devedor de ninguém. Se pelo fato de seguirmos a Jesus Cristo nós enfrentamos total rejeição por nossos próprios familiares, descobriremos que o povo de Deus nos toma para si e nos tornamos uma família maior, mais forte, e mais unida do que jamais conhecemos.

O pensamento é bem semelhante ao de 16:24-28. A pessoa que busca o seu próprio interesse não encontra nem realização nem vida eterna. A pessoa que renuncia o interesse próprio e aprecia o interesse de Cristo descobre que mesmo aqui Deus é um Deus de graça, que retribui de maneiras incontáveis e, no final, outorga a vida eterna. É o sublime paradoxo que irá gerar a grande reversão no final; "Muitos que são primeiros serão últimos; e muitos que são últimos serão primeiros" (19:30).

Que contraste! Aqui estava Pedro perguntando verdadeiramente o que ele iria receber em troca dos seus sacrifícios; e aqui estava Jesus dizendo que embora houvesse um papel especial para Pedro, ele deve entender que no Reino Deus não opera com base na troca ou mérito, mas com base na *graça*. A pessoa que perde, digamos, um pai por amor a Cristo ganha cem pais – sem mencionar a vida eterna!

A seção seguinte (20:1-16) conta uma parábola para provar essa lição, e assim continua o contraste entre a abordagem de Jesus às questões de recompensa e graça e a abordagem daqueles ao Seu redor. A história procede de maneira simples o suficiente até que os vários trabalhadores começam a ser pagos. Depois os primeiros trabalhadores, apesar do seu acordo, sentem-se desprezados e enganados, e murmuram contra o proprietário. A resposta do proprietário

vale a pena ser citada (e memorizada) na sua totalidade: "Amigo, não te faço injustiça; não ajustaste comigo um denário (o salário normal para um dia de trabalho)? Toma o que é teu e vai-te; eu quero dar a este último tanto como a ti. Não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou é mau ao teu olho porque eu sou bom?" (20:13-15).

O ponto é que se a generosidade de Deus for representada por um homem, aquele homem deve ser diferente de qualquer homem que já encontramos. Deus preserva uma certa *soberania* quando Ele dispensa Suas dádivas. Aqueles que pensam em termos de recompensa e mérito podem facilmente confundir a generosidade graciosa de Deus com a injustiça. O que nós precisamos aprender é que a abundância é *dEle*. No mundo, a pessoa que trabalha mais duro e por mais tempo deveria receber o pagamento maior. Isso é justo. Mas no reino de Deus, os princípios de mérito e de habilidade nos fazem ganhar apenas a reprovação. Eles são todos colocados de lado para que a graça soberana possa prevalecer. Esta graça gera a grande reversão; alguns que agora são primeiros serão últimos, e vice-versa (20:16; veja também 19:30).

Um contraste *final* é fornecido no relato da cura de dois homens cegos (20:29-34). A multidão – querendo desfrutar da presença de Jesus – não refletiu nada da compaixão de Jesus. Eles tentaram diligentemente silenciar os cegos mendigos que clamavam por ajuda, enquanto Jesus parava para ir ao encontro da necessidade deles. Era quase como uma multidão que pisoteia um aleijado ferido abatido por assassinos na sua pressa de querer ouvir um famoso pregador

expor a parábola do bom samaritano.

Quanto mais Jesus ministrava, mais Ele Se destacava. Seja por meio da aguçada controvérsia ou de um contraste formulado calmamente. Ele Se manteve sozinho na Sua missão, nas Suas atitudes, na Sua compreensão da natureza do Reino, na Sua apresentação da liberdade da graça.

Perguntas para Estudo Suplementar

1. Faça um resumo de como Deus vê o divórcio.
2. Que passos práticos os líderes crentes podem tomar para promover uma mentalidade de servo na sua liderança? Que passos você pode tomar?
3. O que Deus deve a você? Deus deve a você alguma coisa?
4. Que coisas além do dinheiro (19:22) gera em nós uma lealdade dividida que nos mantém afastados do Reino?
5. Quais são algumas das maneiras que Deus tem compensado por quaisquer "perdas" que você possa ter incorrido ao seguir a Cristo (19:28,29)?
6. Faça uma lista das maneiras como você pode praticar mais estritamente a compaixão de Cristo retratada em 20:29-34.

10

A Oposição Se Entrincheira – Jesus Responde

Mateus 21-23

O ciúme e o ódio alimentam muitas vezes um ao outro. Se você começar a odiar alguém por alguma razão, o ódio que você sente distorce com bastante freqüência sua percepção do indivíduo, de tal forma que tudo o que ele ou ela faz torna-se repugnante e fastidioso, completamente merecedor de mais ódio. As mesmas ações percebidas por um outro observador não possuído pelo ódio e pelo ciúme podem ser muito bem julgadas normais, amigáveis, excêntricas, diligentes, ou seja o que for; mas o ciúme e o ódio se abastecem julgando como maligno tudo o que tem a ver com o objeto odiado, e depois justificam o ódio com base naquele julgamento perverso.

A situação é mais triste ainda quando o objeto de ódio é objetivamente bom. Esse foi certamente o caso com o crescente ódio e ciúmes que muitos sentiram com respeito a Jesus. O julgamento perverso deles distorcia progressivamente a evidência e aumentava muito mais a chama do ódio,

de tal forma que a própria *bondade* de Jesus tornou-se uma ofensa para muitos. Quão peverso, pecaminoso e patético é o coração humano se ele gera inveja e maldade como sua resposta à integridade, pureza, e verdade!

A Proeminência e a Integridade de Jesus Atraem Oposição

Neste estágio do Seu ministério, os oponentes de Jesus consideravam tudo o que Ele fazia repulsivo ou sinistro. As primeiras duas cenas de Mateus, capítulo 21, não são do tipo que provariam ser exceções!

Na primeira cena (21:1-11) Jesus foi aclamado por milhares de pessoas enquanto Ele Se aproximava da cidade santa, Jerusalém. A estrada militar romana de Jericó a Jerusalém passava perto da vila de Betfagé (um nome que significa "casa de figos", lembrando o leitor das muitas árvores de figos na área e preparando o palco para 21:18,19). A aldeia situava-se no declive ao sudeste do Monte das Oliveiras de maneira que a rota de Jesus O levaria por sobre o alto do monte e desceria pelo declive oeste.

Aquela descida Lhe proporcionaria uma visão espetacular da cidade, levantando às alturas do próximo monte, um pouco menor, o monte de Sião; mas iria da mesma forma capacitar os sentinelas da cidade para detectarem Sua aproximação. Era tão grande o entusiasmo por Jesus que as multidões correram para fora da cidade para encontrá-lO, juntando-se aos numerosos peregrinos que enchiam toda a estrada ao redor de Jesus (ver João 12:12). O grau de exaltação de um grande festival religioso ficou ainda mais elevado pela presença de Jesus.

É importante notar que Jesus *providenciou* a jumenta que Ele estava para montar. Isso não foi para manipular as multidões – como um político mesquinho fazendo arranjos para o seu próprio carro alegórico promocional. O louvor teria irrompido de qualquer forma. Mas uma montaria numa jumenta, por ter sido planejada pelo próprio Jesus, deve significar algo. De fato, ela foi uma parábola encenada, um ato simbólico de auto-revelação para aqueles que tinham olhos para ver – ou para aqueles que, *após* a ressurreição de Jesus, seriam capazes de reunir melhor os detalhes do que quando eles viram pela primeira vez a cena um tanto surpreendente.

O que então Jesus intencionava transmitir com Sua ação? Com certeza a escolha de uma jumenta foi bastante notável. Os cavalos são freqüentemente associados com guerra no Velho Testamento, mas a jumenta, um animal de carga comparativamente modesto, era às vezes montado por soberanos *em tempos de paz* (Ver Juízes 5:10; 1 Reis 1:33; contraste com Apocalipse 19:11). Além disso, os judeus dos dias de Jesus entendiam que Zacarias 9:9 (citado em Mateus 21:5) referia-se ao Messias, o Rei prometido. Então, Jesus estava sinalizando gentilmente que Ele estava cumprindo as Escrituras, que Ele era o Rei prometido – mas Ele fez isso com um ato que O faria Se aproximar em paz e gentileza, como também docilidade, e não com a justiça severa e a vingança que muitos judeus esperavam que o Messias manifestasse.

Julgando pela resposta fervorosa das multidões, parte do simbolismo, pelo menos, não foi em vão. Eles aclamaram

Jesus como o "Filho de Davi", aquele que vem no nome do Senhor. Tão grande foi a comoção que a cidade zuniu com a pergunta: "Quem é este?" – uma pergunta que neste contexto não estava pedindo por mera identificação mas por algo mais. Queria alguma explicação. Alguns O identificaram como "o profeta de Nazaré" (21:11). Acaso esperavam também que Ele fosse o profeta prometido por Moisés em Deuteronômio 18:15-18?

Multidões, é claro, são notoriamente volúveis e naquele momento tal percepção como eles mostraram possuir era provavelmente uma mistura de esperança entusiástica, popularidade, piedade e deleite. Mas ainda estava sem reflexão, sem nenhum sinal de entendimento profundo do propósito e da missão de Jesus.

A próxima ação de Jesus relatada por Mateus é a purificação do templo (Mateus 21:12,13). Devido o dinheiro pago aos cofres do templo ter que ser em cunhagem do templo, havia uma demanda considerável pelos serviços dos cambistas. Além disso, os peregrinos que vinham de longe preferiam comprar seus animais para os sacrifícios uma vez terem chegado à cidade, ao invés de trazê-los com eles de Roma, de Éfeso ou de Alexandria. Nas três grandes festas anuais, milhares de judeus cujos lares estavam fora da Palestina caminhavam em grande número para Jerusalém, proporcionando um mercado para aqueles que vendiam animais. Mas o que poderia ter sido um serviço discreto degenerou em comércio. As áreas do templo assemelhavam-se a um mercado mais do que a uma casa de oração (ver Isaías 56:7). Jesus então entrou em ação decisiva.

Pode ter havido uma outra dimensão à repreensão de Jesus. As palavras "covil de salteadores" são encontradas em Jeremias 7:11, que adverte da futilidade da reverência supersticiosa pelo templo, especialmente quando tal reverência está misturada com a maldade. Além disso, a palavra traduzida "salteadores" significa mais provavelmente "rebelde nacionalista" ou "guerrilheiro". Assim Jesus também os estava acusando de terem tornado o que deveria ter sido uma "casa de oração" numa "fortaleza nacionalista" (para usar a expressão de C. K. Barrett). Questões de raça, patriotismo e tradição tornaram-se mais importantes que a espiritualidade, a oração, e a adoração ao Deus vivo.

Nesta ação de purificar o templo, Jesus demonstrou aqui Seu poder miraculoso de cura (Mateus 21:14). Enquanto a maioria das autoridades judaicas proibiam qualquer pessoa manca, cega, ou surda de oferecer sacrifícios no templo, Jesus Se defrontava com uma cadeia de decisões contrárias, à medida que Ele curava todos os que vinham a Ele.

Era demais para os chefes dos sacerdotes e para os anciãos da lei. Foi precisamente quando eles viram "as maravilhas que Jesus fazia" (21:15) e que mesmo as crianças O adoravam que eles não conseguiram mais suportar. Talvez eles tivessem sido motivados em parte pelo ciúme, em parte pela preocupação de que a reação da multidão não se torna tão exuberante com receio de que ela trouxesse para baixo a ira dos regentes romanos, e em parte pelo embaraço e pela perda financeira que Sua atividade estava provocando. Seja qual for a razão, eles fizeram uma pergunta a Jesus com o propósito de forçá-lO a dizer às crianças que ficassem quietas.

A resposta de Jesus foi genial. Ele começou fazendo Sua própria pergunta – vocês nunca leram? – sugerindo que os peritos eram mais ignorantes do que eles percebiam! A passagem citada é de Salmo 8:2: "Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força". Essa é uma resposta maravilhosa pois ela realiza três coisas simultaneamente.

Primeira, ela provê uma base bíblica para justificar a recusa de Jesus a silenciar as crianças. Isto é algo que o próprio Deus havia ordenado! Segunda, e mais importante, Jesus estava dizendo de forma implícita algo muito importante sobre *Si mesmo*, ainda que ninguém tenha comentado o fato naquela ocasião (até onde nós sabemos). A passagem de Salmo 8:2 visiona louvor direcionado *a Deus*; mas as crianças estavam direcionando sua oração *ao Messias*, o Filho de Davi. O uso deste texto do Velho Testamento por Jesus para justificar o que as crianças estavam fazendo, só pode ser explicado *se Ele acreditasse que deveria receber o louvor dado a Deus*. E a terceira coisa: a citação lembra o leitor mais uma vez que são os humildes – as crianças – que percebem as verdades espirituais e a realidade espiritual, enquanto que as pessoas sofisticadas muito freqüentemente gastam suas energias tentando eliminá-las ou combatendo-as (veja Mateus 18:1-5; 19:13-15).

Jesus Prediz a Divisão Iminente

Não podemos esquadrinhar todas as facetas da próxima seção (21:18-22:14) muito profundamente; mas mesmo uma ligeira leitura desses parágrafos nos convencerá de que a ênfase principal do ministério de Jesus naquele momento

era proclamar que a divisão que estava ocorrendo em relação a Ele era tanto esperada como explicável.

A maldição da figueira (21:18-22) apresentou várias lições, mas a lição que nos concerne aqui examina a atitude de Jesus em relação a hipocrisia religiosa. As figueiras produzem figos verdes (comíveis, porém não muito agradáveis) e então as folhas caem quase que imediatamente depois. Por isso uma figueira com folhas normalmente anuncia que ela possui frutos. Os figos mesmos não são comidos até junho, mas a árvore exposta ao lado sul e protegida poderia muito bem anunciar sua produção uns dois meses antes.

Atraído pelas folhas (veja Marcos 11:13), Jesus Se aproximou da árvore mas não encontrou nada a não ser folhas (Mateus 20:19). Aparentemente este foi um dos casos raros onde os figos verdes haviam caído, sem amadurecer, deixando apenas a folhagem. É claro que se fosse a estação de figos, Jesus poderia ter andado até a próxima árvore e lá saciado Sua fome. Mas neste período do ano, somente uma figueira rara estaria com folhas – e esta em particular era culpada de anúncio enganoso! Aproveitando a oportunidade de salientar um ponto especial, Jesus amaldiçoou a árvore – e ela secou.

Além das lições sobre a fé (21:21,22), é difícil não ver neste milagre uma advertência severa. A árvore não foi amaldiçoada simplesmente por não ter frutos, menos ainda porque Jesus estava exaltado. O ponto era que a árvore anunciava com suas folhas que estava produzindo frutos, quando na realidade ela não estava. Jesus não encontrou nada a não ser folhas. A maldição da árvore tornou-se um modelo

que pronunciava julgamento sobre hipócritas religiosos – pessoas que exibiam piedade mas não produziam nenhum fruto genuíno de piedade. A conexão com os versículos antecedentes é óbvia; e o tema ocorre constantemente neste Evangelho (veja também 6:2,5,16; 7:5; 15:7; 22:18 e estamos chegando até 23:1-39).

Ainda irritados, os principais sacerdotes e anciãos do povo exigiram saber com que autoridade Jesus dizia e fazia todas essas coisas (21:23). Jesus respondeu com uma pergunta própria, prometendo responder se eles primeiro respondessem a Ele: "Donde era o batismo de João? (o seu ministério como um todo, que enfatizava um ato público de batismo) era do céu ou dos homens?" (21:25).

Esta não era uma brincadeira barata, uma lamúria que dizia: "Vocês jogam o meu jogo e eu jogarei o de vocês". Nem sugere que se os governantes não conseguissem decidir-se sobre João Batista, eles com certeza não seriam capazes de se decidirem sobre Jesus. O desafio era muito mais profundo, como os líderes religiosos perceberam instantaneamente.

Se eles respondessem, "Do céu", então Jesus, é claro, perguntaria: "Então por que não creram nele?" – e parte de crer em João era crer que o testemunho dele sobre Jesus era verdadeiro! Nesse caso os líderes religiosos teriam respondido sua própria pergunta. Mas se eles respondessem, "Dos homens", teriam se dado mal com a opinião pública, a qual tinha João Batista em alta estima como profeta.

Mas neste caso as autoridades revelariam o mesmo pauperismo moral demonstrado por Herodes (14:5). Se eles decidissem questões de tão grande importância com base no

que a opinião pública os permitiria fazer para se safarem, eles seriam indignos de tomar estes tipos de decisões, e Jesus não os teria dado uma resposta. Eles levantaram a questão da autoridade de Jesus; pela Sua resposta, Ele levantou a questão da competência moral e espiritual deles para julgar tal questão. A divisão entre Jesus e as autoridades religiosas judaicas estava não apenas se tornando mais clara, mas também insuperável.

As três parábolas seguintes prenunciam a divisão do que estava para acontecer. O ponto da parábola dos dois filhos (21:28-32) é que embora a escória da sociedade, os degenerados moralmente, comecem dizendo não a Deus, muitos no final de contas se arrependem, obedecem e entram no Reino. Em contraste, as autoridades religiosas fazem uma grande demonstração dizendo sim a Deus, mas não fazem o que Ele ordena, não se arrependem, e portanto não entram no Reino (as palavras "vos precedem" em 21:31 são na minha avaliação uma tradução errada e deveriam ser omitidas).

A parábola dos lavradores maus (21:33-46) retrata uma sucessão de julgamentos malignos realizados pelos lavradores, até chegarem ao ponto de matarem o filho do proprietário. Mas muitas vezes tem sido a vontade de Deus exaltar como líderes aqueles que os outros rejeitam. Esse é o ponto de Salmo 118:22,23 – citado em Mateus 21:42. Se a pedra no Salmo aponta para Davi – que foi desprezado por Golias, sua própria família, e mesmo por Samuel, contudo que foi um dia ungido rei por Deus – ou se aponta para Israel – desprezado pelas mais poderosas nações vizinhas, todavia escolhido por Deus – não é importante; pois no final de contas

é Jesus que restabeleceu Israel como o verdadeiro Filho de Deus (veja comentários em 2:15 no capítulo 1 deste livro). E é Jesus que foi rejeitado como o líder por direito; mas Deus ainda O tornaria a pedra principal.

Isso significa inevitavelmente que as autoridades religiosas judaicas e outros que rejeitaram a autoridade de Jesus como o Filho do "proprietário" eram os lavradores maus que um dia seriam esmagados. O papel que as autoridades judaicas tiveram na mediação do governo de Deus (Seu Reino) para o povo seria tirado deles e dado a outros (21:43). Os principais sacerdotes e os fariseus entenderam que a parábola era referente a eles.

Finalmente, na parábola do banquete de casamento (22:1-14), é importante reconhecer que o convite do rei não apenas conferiu honra aos convidados, mas foi equivalente a uma ordem. Rejeitá-lo seria não somente rude, porém rebelião. Adicionando injúria ao insulto, aqueles que foram convidados nesta parábola não apenas rejeitaram o convite mas chegaram ao ponto de maltratarem e matarem os mensageiros do rei. Enfurecido por este ataque à Sua honra, o rei eliminou os rebeldes (22:6,7).

Mas o desejo do rei de atribuir honra ao filho tinha que ser satisfeito, e então o salão das bodas foi repleto de estranhos em vez de cancelarem a festa. Isso não quer dizer que esses novos convidados tivessem o direito de vir de forma não apropriada (22:11-13) mas significava que o grande banquete de casamento (um símbolo comum para o fim dos tempos) seria celebrado não pelas pessoas mais indicadas para desfrutá-lo (os judeus, o povo do antigo pacto de Deus) e sim, por

pessoas relativamente estranhas. Talvez o mais chocante de tudo é que a introdução à parábola, traduzida rigorosamente, significa "O reino dos céus *tem se tornado como* um rei que...". O reino *já havia se tornado como* a história seguinte. Os convites já haviam sido enviados, as rejeições categóricas já haviam ocorrido, e o convite mais amplo já havia sido estendido.

Em resumo, Jesus previu e até mesmo predisse as divisões que iriam separá-lO de muitos do Seu próprio povo.

A Sabedoria Profética de Jesus Silencia a Oposição

Enquanto as autoridades estavam procurando uma maneira de prender Jesus (21:46), os entrechoques públicos continuavam a ser inevitáveis toda vez que eles se deparavam com Ele. Muitos na multidão se deleitavam com esses debates de improviso, principalmente porque a maior parte da multidão tomava o lado do jovem desafiador contra a autoridade estabelecida, enquanto seu próprio interesse não parecesse estar correndo risco. Mas a exultação da multidão (22:22,33) não significou que ela havia compreendido a plena importância do que estava sendo dito, ou que ela a aplicara a si mesma.

O primeiro debate foi claramente uma armação planejada para enredar Jesus (22:15-22). Foi a obra de uma aliança malévola entre os fariseus, a maioria dos quais ressentiram-se abertamente do governador romano, e os herodianos, que se adaptaram muito melhor ao poder estrangeiro. A pergunta deles tinha a ver com o tributo, o sinal mais óbvio e mais financeiramente doloroso da

submissão a Roma. A Judéia era um ninho de intriga nacionalista, e muitas pessoas queriam desfazer-se do jugo estrangeiro Se Jesus respondesse "sim" à questão colocada a Ele, Ele perderia uma enorme porção de apoio popular. De fato, aos olhos de muitos, uma resposta positiva teria significado que Jesus *não* era o Messias, uma vez que acreditava-se amplamente que o Messias libertaria a nação dos grilhões de toda a tirania estrangeira. Por outro lado, se Ele respondesse firmemente "não", poderiam denunciá-lO às autoridades romanas como um traidor que estava incitando o povo à revolta – e esse teria sido o fim dEle.

Todavia Jesus não Se deixaria ser pressionado por uma simples situação de escolher entre um e outro. Ele pediu uma moeda, aquele denário usado para pagar o tributo. Ao mostrá-lo, todos saberiam que de um lado estava a figura da cabeça do imperador, com as palavras (em Latim) "Tibério César, filho do divino Augusto" – ofensivo para qualquer judeu que acreditasse em apenas uma deidade. No outro lado estavam as palavras *pontifex maximus* – aproximadamente, "sumo sacerdote" – embora os judeus cressem que o único verdadeiro sumo sacerdote estivesse na sucessão de Arão. A pergunta de Jesus desta vez (22:20) mal podia ser ignorada. A imagem era de César, a inscrição era de César.

E então veio a conclusão: "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus." (22:21). Essa não era simplesmente uma maneira capciosa de escapar de uma situação difícil. Seu verdadeiro impacto pode ser julgado somente quando nós lembramos que a nação de Israel era em teoria um *Estado teocrático* – isto é, Deus era visto como a

cabeça do Estado, e o rei humano era Seu vice-regente. Assim se Israel fosse subjugado por um inimigo como Roma, isto somente poderia ser porque Deus estava zangado com Israel e o estava punindo.

Toda esta compreensão depende do fato de que o povo de Deus, Israel, constituía um Estado. A maioria das nações gentílicas mantinha pontos de vista semelhantes, modificados é claro para se adaptarem ao seu politeísmo. A religião e a política estavam portanto unidas da maneira mais estreita possível. Mas a afirmação de Jesus considerou uma divisão de interesses. Ele previu uma comunidade messiânica, uma Igreja (16:18), *não* um Estado. Seus membros podem ter dupla obrigação: para com o Estado e para com Deus. Todavia em princípio, pelo menos, os dois são distintos. Certamente Paulo e Pedro aprenderam esta lição (veja Romanos 13:1-7; 1 Pedro 2:13-17).

Noutros lugares aprendemos que se as reivindicações de Deus e as reivindicações do Estado colidem, a primeira delas deve ter prioridade (veja Atos 4:19; 5:29) mas existe pouca dúvida de que a relação fundamental entre César e o povo de Deus foi mudada pela declaração de Jesus. Não é de se espantar que as pessoas tenham ficado maravilhadas. Elas não somente viram Jesus escapar de uma armadilha cuidadosamente preparada, como também sentiram uma mudança tremenda no relacionamento entre César e Deus.

Não será possível examinarmos minuciosamente a sabedoria de Jesus em Sua resposta aos saduceus (Mateus 22:23-33) e aos fariseus (22:34-40), exceto destacar um pequeno ponto neste debate com os saduceus. Jesus em

Mateus 22:34-40 não colocou o amor *contra* a lei, mas identificou os maiores mandamentos *dentro* da lei. Toda a lei e os profetas "dependem" desses dois mandamentos no sentido de que nada nas Escrituras pode realmente ter sentido ou ser obedecido a não ser que as duas leis sejam obedecidas. O velho pacto, não menos que o novo, exigia um relacionamento de amor a Deus (Deuteronômio 10:12; 1 Samuel 15:22; Isaías 1:11-18; 43:22-24; Oséias 6:6; Amós 5:21-24). Portanto a resposta de Jesus não estabeleceu um requisito jurídico do novo pacto, porém foi mais uma denúncia da religião meramente formal, não importa quão ortodoxa, se ela não for caracterizada pelo amor a Deus e ao próximo.

A final troca de opiniões (22:41-46) mostra Jesus partindo para a ofensiva. Até agora Ele havia respondido às perguntas dos seus oponentes; aqui Ele virou as mesas e lhes fez uma pergunta difícil oriunda dEle mesmo: "Que pensais vós de Cristo? De quem é Filho?" Em certo nível, Sua pergunta era fácil e a resposta dos fariseus estava correta; o Cristo (Messias) é na verdade o filho de Davi. Mas se Davi no Salmo 110 escreveu do Messias como "meu Senhor", então certamente aquela resposta simples era inadequada. Afinal de contas, que *pai* jamais se dirige a seu *filho* como "meu Senhor"?

Esse foi o problema que Jesus criou para eles (Mateus 22:45,46), o problema que os fez silenciarem-se de tão embaraçantes. Os discípulos de Jesus iriam com o tempo entender a resposta: embora o Messias fosse de fato o filho de Davi, Ele era *mais* do que isso. Ele era também o Filho de *Deus* num sentido especial, e Seu nascimento como membro

da raça humana, ou Filho de *Davi*, foi extraordinário. Outro fariseu colocaria isso de forma esplêndida após sua conversão poucos anos mais tarde. O Filho de Deus, ele escreveria, "nasceu da descendência de Davi segundo a carne"; mas por meio do Espírito de santidade Ele "foi declarado Filho de Deus em poder ... pela Sua ressurreição dentre os mortos – Jesus Cristo nosso Senhor." (Romanos 1:3,4).

Mas se os oponentes de Jesus foram silenciados, eles não foram nem persuadidos nem desarmados; e portanto eram duplamente perigosos.

Os Pronunciamentos de Julgamento Feitos por Jesus

O fato de Jesus agora denunciar os líderes religiosos abertamente não era o resultado de uma crise nervosa, a evidência final da perda de auto-controle. A situação era muito mais séria do que isso. A hipocrisia da maioria dos líderes estava tendo uma influência contaminadora na população como um todo, e iria mais cedo ou mais tarde ser denunciada. Se houvesse um pecado comum a todas as coisas repulsivas que Jesus amaldiçoou com os Seus "ais" sombrios em Mateus, capítulo 23, esse pecado era a hipocrisia, a fraude religiosa – especialmente a preocupação meticulosa com coisas externas, estatísticas, aparências, prestígio e honra; e diminuta apreensão do âmago das Escrituras, pouquíssima adoração verdadeira, e ainda menos preocupação com os seres humanos.

No entanto, os "ais" foram pronunciados nem tanto com ira como com lágrimas, pois os pronunciamentos de julgamento terminam com Jesus chorando acerca da cidade

(23:37-39; veja também Lucas 13:34,35; 19:41-44). Nenhum pregador está pronto para pregar o julgamento a não ser que ele banhe sua denúncia com lágrimas. Os pronunciamentos de julgamento feitos por Jesus eram justos e judiciais. Contudo, longe de serem anunciados com alegria impiedosa, eles custaram ao Salvador angústia e pranto.

Perguntas para Estudo Euplementar

1. Por quais maneiras os crentes do Brasil às vezes envolvem a Igreja em práticas financeiras questionáveis e sentimentos nacionalistas?
2. Faça uma lista de todas as maneiras que o julgamento final é descrito nestes três capítulos.
3. Por que teria Davi se dirigido ao Messias como "meu Senhor"?
4. Por quais maneiras o princípio de Mateus 22:21 se aplica aos crentes no Brasil hoje? Aos crentes na América do Norte? Aos crentes na Rússia? Deveríamos tentar estabelecer um Estado cristão?
5. Faça uma lista de paralelos modernos aos pecados denunciados por Jesus em Mateus, capítulo 23. Como podemos evitá-los?
6. Você consegue pensar de outros paralelos na Bíblia que ligam firme denúncia com profunda compaixão? Isso refleteria algo do caráter de Deus? Até que ponto esta combinação deveria ser vista em nossas próprias vidas?

11

O Começo do Fim

Mateus, capítulos 24 e 25

A tentativa de penetrar o futuro tem sempre fascinado as pessoas. Alguns recorrem a médiuns do espiritismo, outros à astrologia, e ainda outros as interpretações religiosas tradicionais, porém sem base – todos os quais as Escrituras condenam categoricamente. Em nossa geração de conhecimento facilmente disponível existe toda uma indústria construída em cima de predizer o futuro. Os peritos nessa disciplina normalmente procedem analisando as tendências dos últimos anos e então as projetam à frente. Apesar dos imensos esforços despendidos em tal obra, entretanto, as predições desse tipo são sempre prognosticadas na suposição de que as tendências atuais irão continuar. Se elas não continuarem, as predições provam ser seriamente defeituosas.

Poucos tópicos geram mais calor entre alguns crentes do que a *escatologia* – a doutrina das "ultimas coisas", o que a Bíblia diz que acontecerá no fim. O cerne deste debate é a interpretação de Mateus, capítulos 24 e 25, às vezes chamado

de "O Discurso Escatológico" ou "O Discurso da Oliveira" pois Jesus proferiu essas palavras aos Seus discípulos no Monte das Oliveiras. Esse não é o lugar para uma discussão detalhada das várias teorias sobre os tempos finais. Simplesmente esboçarei o desenvolvimento do pensamento nesses dois capítulos conforme eu o entendo. Aqueles que desejam uma defesa mais detalhada deste ponto de vista, e uma boa porção de discussão de outras abordagens, podem olhar no meu comentário mais longo sobre Mateus listado na breve bibliografia no final deste livro.

O capítulo anterior (Mateus, capítulo 23) termina com a poderosa predição de Jesus de que os pecados de Israel seriam levados em conta "nesta geração" (23:36). A casa de Jerusalém está para ser deixada "deserta" (23:38). Jesus não seria visto outra vez por toda a população até o Seu retorno glorioso, quando o brado soará, "Bendito Aquele que vem em nome do Senhor" (23:39). Então não é de surpreender, portanto, que os discípulos de Jesus tenham vinculado a destruição de Jerusalém com o retorno de Jesus. Quando Jesus disse a eles que nenhuma pedra ficaria sobre a outra, de tão grande que seria a assolação de Jerusalém (24:2) eles replicaram, "Declara-nos quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo" (24:3).

Dores de Parto

Muitos judeus acreditavam que imediatamente antes do Messias vir a raça deles passaria por alguns dias terríveis. Alguns deles rotularam tal período "as dores de parto da vinda do Messias". Jesus pegou esta terminologia (24:8)

enquanto Ele falava sobre o que deveria acontecer antes do Seu retorno.

Os versículos 4-28 podem ser divididos em três partes. Na *primeira*, Jesus fez uma descrição geral das dores de parto (24:4-14). Haverá guerras, fome, terremotos; nação se levantará contra nação. Os discípulos de Jesus serão perseguidos, martirizados, e geralmente detestados. A apostasia se multiplicará, e unir-se-á ao ódio e à traição. Os falsos profetas enganarão muitas pessoas e o aumento da iniqüidade esfriará o amor e o ardor de muitos outros. O evangelho do Reino, entretanto, continuará a ser pregado até que ele sirva como testemunho para *todas* as nações e somente então virá o fim. Vários pontos importantes emergem desses versículos.

Primeiro, guerras, rumores de guerras, terremotos, e coisas semelhantes *não* nos dizem que o fim é iminente. "Olhai, não vos perturbeis; porque forçoso é que assim aconteça; mas ainda não é o fim... todas essas coisas são o princípio das dores" (24:6,8).

Segundo, embora tais coisas apontem para a volta de Jesus, elas são características de *todo o período* entre Sua primeira e segunda vindas. *Cada uma* delas ocorreu durante o tempo de vida da primeira geração que ouviu primeiramente essas palavras de Jesus e elas tem continuado em cada geração subseqüente.

Terceiro, as advertências de Jesus pressupõem que um período substancial de tempo irá decorrer antes que venha o fim. Precisa-se de *tempo* para nação se levantar contra nação; precisa-se de *tempo* para o evangelho ser pregado em todo o mundo.

Finalmente, em todo caso, Jesus deu esse esboço não para encorajar a especulação mas para precaver Seus discípulos contra serem enganados (24:4,5). Mesmo a inquietação fará com que as reivindicações de falsos cristos pareçam plausíveis para os mal-informados. Esses falsos messias enganarão a muitos precisamente porque as guerras, as catástrofes, e as perseguições os tornarão crédulos, ansiosos para aceitar soluções instantâneas, almejando seguir qualquer líder que proponha uma solução. Entretanto os seguidores de Jesus não devem ser ludibriados – uma outra advertência elaborada em 24:22-28.

Na *segunda* parte de Mateus 24:4-28, Jesus descreveu uma "dor de parto" particularmente aguda, isto é, a queda de Jerusalém (24:15-21). Jesus predisse que a destruição iminente (que aconteceria em 70 d.C.) seria tão terrível que aqueles que dessem ouvidos à Sua advertência deveriam fugir apressadamente. Muitos telhados naquela época tinham uma superfície plana; aqueles que estivessem escapando rapidamente poderiam correr de telhado a telhado e fugir, sem mesmo pararem para buscar seus bens dentro de casa (24:17). Aqueles que estivessem nos campos não deveriam tomar tempo para voltar aos seus lares (24:18). A fuga é sempre mais difícil no inverno, e proibidas aos sábados (o que mostra que leis judaicas estritas ainda estavam vigorando naquele tempo); e é mais difícil para mães que amamentam e para mulheres grávidas (24:19,20).

De fato, Jesus via a destruição como a obra suprema da "abominação da desolação". Essa expressão foi usada quatro vezes por Daniel (8:13; 9:27; 11:31; 12:11) com referência à

várias destruições. Mas elas apontam adiante para esta profanação suprema: "Quem lê (Daniel), entenda" (Mateus 24:15).

Um historiador que testemunhou a destruição de Jerusalém e a profanação do templo após o sítio de quatro anos, descreveu o horror. A fome foi tão severa que as mães comeram seus filhos. Grupos rivais dentro da cidade massacraram uns aos outros e profanaram o templo muito antes das tropas romanas quebrarem as muralhas da cidade. Toda a população foi massacrada ou vendida como escravos e a cidade foi queimada e arrasada até o chão.

Tem havido massacres maiores na triste história da raça, mas que destruição foi tão cruel, tão totalmente destrutiva, proporcionalmente tão ruinosa como aquela? Tem havido julgamentos mais extensos na raça – lembre do dilúvio – porém a queda de Jerusalém permanece numa classe aparte, visto que a tribulação foi não apenas proporcionalmente completa, como também prolongada e cruel. De fato, esta foi a avaliação de Jesus: "Porque haverá então uma tribulação tão grande, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá" (24:21).

Essa foi a mais aguda das dores de parto na vinda do Messias.

A *terceira* parte desta seção de Mateus (24:22-28) volta para a consideração da tribulação *durante todo* o período entre as vindas de Jesus. Alguns tem interpretado as palavras, "E se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém seria salvo" (24:22) como se elas se referissem aos dias da destruição de Jerusalém. Contudo, existem boas razões para crer que

"aqueles dias" refere-se a *todo* o período de tribulação. Aqui estão apenas algumas razões:

Primeira, a palavra tribulação é encontrada não somente em 24:15-21, como também em 24:9 (traduzida "ser perseguido" na *New International Version*). Portanto quando poucos versículos mais tarde em 24:29 lemos sobre a "tribulação daqueles dias", não existe nenhuma razão porque devemos restringir a referência a queda de Jerusalém. Faz melhor sentido, como veremos, compreender a "tribulação daqueles dias" como sendo uma referência à "tribulação" introduzida pela primeira vez em 24:4-14 como característica de todo o período.

Segunda, as palavras "*ninguém* seria salvo" (24:22) traduz uma expressão que normalmente abrange *toda a humanidade*. O versículo não seria verdadeiro se a referência fosse somente à destruição de Jerusalém.

Terceira, e última razão, se os dias são abreviados por causa dos *eleitos* (24:22), devemos perguntar quem são os "eleitos" no Evangelho de Mateus. Onde ele usou o termo (22:14; 24:22,24,31; possivelmente 20:16), refere-se a todo o povo do Messias, todos os crentes verdadeiros, escolhidos por Deus. Mas se esse é o significado aqui, então a "tribulação daqueles dias" não pode referir-se somente a queda de Jerusalém, uma vez que a abreviação dos dias do cerco de Jerusalém teria salvado alguns *judeus* da morte (embora mesmo assim eles tivessem sido vendidos como escravos), mas não teria poupado os *eleitos* – isto é, os verdadeiros discípulos do Messias.

Mais importante, esses versículos alargam sobre um tema

introduzido em 24:4,5, não em 24:15-21. Esse tema é a advertência contra ser enganado por falsos cristos, falsos profetas, e milagres. Quando o povo fica amedrontado, ele é mais facilmente enganado pelos que se auto-proclamam heróis, líderes religiosos, salvadores, e operadores de milagres.

Jesus disse que isso tudo pode ser *esperado*; e portanto não deveríamos ser enganados por isso. Além do mais, se qualquer pseudo-líder alegar ser Cristo, ou requerer a devoção e obediência devida somente a Ele, devemos lembrar que quando o *verdadeiro* Cristo voltar, não haverá nenhuma dúvida sobre quem Ele é. Sua vinda será vista universalmente, não confinada a pequenos grupos de novatos – assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente (24:27) e não pode ser confinado a uns poucos observadores favorecidos. O provérbio final enigmático com o qual esta seção termina pode simplesmente significar que é tão impossível para a humanidade não ver a segunda vinda do Filho do homem como é para os abutres não verem o cadáver.

O tema da primeira seção do "Discurso das Oliveiras", então, é que todo este período é caracterizado pela tribulação, perseguição, testemunho, oposição, guerras, fome, e variados falsos cristos cujo propósito é enganar o povo de Deus. Esta está longe de ser a única passagem que ensina tais coisas. Por exemplo, no que concerne a perseguição, Jesus noutros lugares ensinou que Seus discípulos deveriam *esperar* ser odiados pelo mundo (veja João 15:18-16:4; Mateus 10:16-42).

Jesus não estava dizendo que todos os crentes em todos

os lugares enfrentarão exatamente a mesma oposição que todos os outros crentes enfrentam; mas Ele estava dizendo que a tribulação, a oposição, e a perseguição seriam *característicos* do período. Mesmo um conhecimento superficial da história da Igreja confirma muito disso. Tem sempre havido guerras, rumores de guerras, terremotos, fome. E se os crentes no oeste estão *relativamente* livres de oposição, seus irmãos e irmãs em Cristo na China, Angola, Guatemala, Uganda, e Rússia ficariam felizes de lembrá-los do que é *característico* do período.

Jesus Vem Outra Vez

No entanto, a tribulação não tem a última palavra. "Logo depois da tribulação daqueles dias" (24:29) – imediatamente após as dores agudas e repentinas do nascimento do Messias – o próprio Messias voltará. Em meio a revolta celestial cataclísmica , a "*ensígnia* do Filho do homem" (pois assim a palavra "sinal" deveria provavelmente ser traduzida) é estendida nos céus, e Jesus volta em esplendor e em glória para consumar o Reino.

É triste dizer, entretanto, que esse não será um tempo de alegria universal. É verdade que os eleitos serão ajuntados dos "quatro ventos" (24:31) – de todos os lugares, de todos os pontos da bússola – e eles ficarão profundamente agradecidos e encantados. Contudo, "todas as tribos da terra se lamentarão". Quando o Filho do homem vier "sobre as nuvens do céu com poder e grande glória", que simboliza a presença de Deus, como também em 17:5, muitos ficarão tão atemorizados pela Sua presença que clamarão para que

as rochas e as montanhas caiam sobre eles e os esconda da Sua ira (veja Apocalipse 6:15-17).

Esse, então, é o esboço daquilo que Jesus deu aos Seus discípulos em resposta a questão dupla deles. O texto não responderá nossas perguntas com relação aos mil anos de Apocalipse, caspítulo 20, ou outros assuntos controversos. Todavia existe uma necessidade ainda mais aguda de se explicar a *significação* do que a Igreja terá de enfrentar – a significação das dores de parto.

A Significação das Dores de Parto

Jesus explicou que a relação entre as dores de parto do Messias e a vinda do Messias é como a relação entre os galhos de uma figueira que estão crescendo e a vinda do verão: um antecipa e anuncia a chegada do outro. "Todas essas coisas" (Mateus 24:33) não podem incluir os sinais celestiais e a vinda do Messias, pois então não haveria um contraste adequado entre "quando virdes *todas essas coisas*" e "sabeis que está *próximo*" (a vinda do Messias esta próxima – ou a frase poderia ser traduzida "sabeis que *Ele* está próximo").

Parece melhor entender "todas essas coisas" como referindo a todos os eventos no período de tribulação de Mateus 24:4-28. Noutras palavras, à luz das perguntas dos Seus discípulos, Jesus esboçou o curso desta era (24:4-28) e seu clímax na vinda do Filho do homem (24:29-31), e depois voltou àquele aspecto da pergunta dos Seus discípulos que tratava de precisão e sincronização.

Jesus apresentou três pontos.

Primeiro, "todas essas coisas" (24:4-28) devem acontecer,

e então a vinda de Jesus estará próxima, "mesmo às portas" (24:33). Noutras palavras, o próximo passo "dessas coisas" é a volta do Messias.

Segundo, nesse sentido "todas essas coisas", todas essas tribulações, apontam para aquela volta – assim como as folhas da figueira apontam para a volta do verão, ou certas florescências no Brasil apontam para a volta do inverno.

E *terceiro*, esta geração não passará até que "todas essas coisas" tenham acontecido. Apesar de várias objeções, a maneira mais natural de entender as palavras "esta geração" é considera-las como referindo-se a geração então viva. É claro, pois, que aquilo que Jesus aqui predisse acabou se tornando estritamente verdadeiro: dentro de quarenta ou cinqüenta anos, todas as coisas mencionadas em 24:3-28 aconteceram. Haviam guerras e rumores de guerras, fome devastadoras e terremotos, séria perseguição da Igreja e até mesmo martírio, o surgimento de falsos profetas e falsos messias, a queda de Jerusalém, a profanação do templo, e também a expansão do evangelho até os confins do Império Romano e além das suas fronteiras. Deve ter parecido uma predição incrivelmente audaciosa naquele tempo; e talvez tenha sido por essa razão que Jesus amparou sua confiabilidade com Sua afirmação solene: "Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras jamais passarão" (24:35).

Esteja Preparado!

Embora "todas essas coisas" tenham acontecido dentro da primeira geração, não segue que elas cessaram quando o último membro daquela primeira geração morreu. Elas

continuaram por muitas outras gerações. Em todo caso, "Daquele dia e hora (quando o Filho virá outra vez), ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão o Pai" (24:36). Portanto embora os tempos de tribulação caracterizem o período entre os dois adventos de Cristo, eles de maneira alguma estabelecem um horário do fim.

De fato, em certo sentido a vida tem continuado. Tem havido guerras e rumores de guerras; tem havido perseguição e evangelismo um ao lado do outro; tem havido desastres naturais variados. Ainda assim, a raça humana tem continuado. As pessoas ainda comem e bebem, se casam e dão seus filhos em casamento. Não há nada que sugira que o cataclismo final esteja próximo – como também não havia nada no comportamento humano que sugerisse que o Dilúvio estava próximo nos dias de Noé (24:37-39).

Ou para mudar o cenário um pouco, a vinda do Filho do homem será tão inesperada e tão repentina que ela vai encontrar dois homens num campo e levará um, deixando o outro; ou duas mulheres trabalhando uma de frente para a outra num moinho e levará uma, deixando a outra (24:40,41). Se o "levar" significa "levar a julgamento" ou "levar para estar com o Senhor" é relativamente secundário; pois o ponto é que a irrupção repentina testifica a imprevisão do evento.

Afinal de contas, a vinda do Filho do homem pode ser num momento desconhecido *somente se* não houver nada terrivelmente inesperado logo antes dela. Os desastres podem ser mais severos, a perseguição dos crentes pior, ou seja lá o que for; mas para a maioria das pessoas essas coisas parecerão como mais daquil que já houve. A hora permanece

desconhecida até ela chegar; e então a irrupção é repentina, absoluta e irreversível.

A implicação inevitável dessa verdade é que a Igreja deve estar sempre preparada. Ela não pode nunca dar-se ao luxo de afundar na letargia confortável acerca da volta do Senhor, como também não é justificável que ela gaste suas energias numa busca frenética pelo tempo da volta do Senhor, visto que as Escrituras nos dizem que nem mesmo o Filho sabe a hora. Portanto devemos estar sempre preparados. É este tema que ocupa o restante do discurso de Cristo nesta seção das Escrituras.

Variações de Vigilância

Embora as parábolas nesta seção todas enfatizem a vigilância, existem variações sutis e importantes em ênfase entre elas.

A *primeira* parábola, sobre o dono da casa e o ladrão (24:42-44), simplesmente enfatiza a imprevisão da vinda do Senhor. Nesse sentido, a vinda do Filho do homem é como a vinda de um ladrão. A primeira parábola portanto serve como uma ponte literária conectando as parábolas seguintes com o tema central estabelecido por 24:36-41. O que os crentes devem aprender individualmente, e o que a Igreja como um corpo deve aprender, é a importância da constante vigilância.

Mas essa vigilância não é apenas passiva; pois na *segunda* parábola, acerca dos dois servos (24: 45-51), existem obrigações a serem cumpridas. O Mestre pode estar distante por um longo tempo (24:48 – uma indicação sutil de que a segunda vinda pode atrasar-se consideravelmente) mas

quando Ele vier, Seus julgamentos serão certos e finais.

Os seguidores de Jesus precisam sempre lembrar, portanto, que durante a ausência do seu Mestre eles não somente devem esperar, como também se conduzir como servos fiéis e prudentes – e ainda mais, talvez, se eles são colocados em posição de liderança sobre outros servos. Seja qual for a autoridade que possuímos, como discípulos de Cristo, não devemos ousar esquecer que servimos um Outro, a quem devemos um dia prestar contas. Somente tal perspectiva preservará alguns líderes crentes de reivindicarem pompa e poder para si mesmos, para depois se degenerarem e se tornarem mercenários mais interessados em tosquiar as ovelhas do que em protegê-las dos lobos devoradores e levá-las ao bom pasto.

A *terceira* parábola, sobre as dez virgens (25:1-13), nos ensina que a demora pode ser mais longa do que qualquer pessoa previu, e portanto sabedoria e presciência são necessárias a fim de nos preparar para as pressões da demora.

A história das dez virgens se encaixa bem com o que conhecemos dos costumes de casamento no antigo oriente médio. Se o noivo não vivesse muito longe da casa da noiva, ele e alguns dos seus amigos mais próximos iriam a casa dela (normalmente a casa do pai ou do irmão dela) onde várias festividades e cerimônias preliminares aconteceriam. Depois haveria um desfile pelas ruas, comumente após o anoitecer, até a casa do noivo, onde as principais festividades ocorrerão, várias vezes durante muitos dias. Os convidados e mesmo o equivalente de algumas "damas de hora" podiam esperar ao

longo do caminho até a casa do noivo, com a intenção de se juntarem ao desfile. Era esperado que todo mundo no desfile carregasse sua própria tocha. Aqueles sem tocha facilmente poderiam ser identificados como estraga-festas ou mesmo bandidos.

O relato portanto volta-se para o atraso do noivo (25:5). Não existe culpa moral atrelada ao dormir; tanto as virgens prudentes como as insensatas sucumbiram a sonolência. Mas o atraso do noivo distingue as virgens prudentes das insensatas. As virgens prudentes se preparam para a possibilidade do atraso do noivo trazendo óleo extra, e as virgens insensatas estão despreparadas. Além disso, a prontidão das prudentes não pode ser transferida nem compartilhada. "Vigiai pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora" (25:13).

A *quarta* parábola, sobre os talentos (25:14-30), vai ainda mais adiante que as primeiras três. O ponto da história é que somente aqueles servos que fazem *melhorias* proporcionais aos bens confiados a eles recebem a bênção do mestre e a recompensa quando ele voltar "depois de muito tempo". A dicotomia é tão grande que se um servo meramente se agarrar ao que é confiado a ele, ele é considerado não somente um servo medíocre como também um servo infiel, e é jogado "nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes" (25:30).

A reação do servo mau é notável. Ele defende sua ação (25:24,25) acusando o seu mestre de ser duro e ávido, de explorar o trabalho dos outros – "que ceifas onde não semeaste". Portanto de uma forma um tanto malvada ele devolve para o seu mestre o que pertence a ele, nada mais e nada menos.

Entretanto o que o servo se esquece é que na lógica do seu relacionamento ele *deve* ao seu mestre o seu melhor serviço. Ele é obrigado a cumprir suas responsabilidades. Falhar em fazê-lo mostra não somente sua falta de amor pelo mestre, como também seu fracasso desobediente em cumprir suas responsabilidades. Suas acusações contra o mestre portanto acabam tornado-se uma desculpa esfarrapada da sua própria indolência moral. Mesmo com base na avaliação declarada do servo, suas ações não fazem muito sentido, como seu mestre aponta (25:26,27). Se o servo sabia que o seu mestre era tão duro e ávido, por que ele não colocou o dinheiro num lugar onde ele pudesse pelo menos render um pouco de juros?

Em resumo, não é suficiente aos seguidores de Jesus simplesmente "se manterem" e esperarem pelo fim. Eles precisam perceber o que eles são – servos que devem ao seu Mestre melhorar o que Ele lhes confiou. Fracassar em fazê-lo prova que eles não merecem ser considerados discípulos valiosos, de forma alguma. "As virgens insensatas falharam por pensar que a sua parte era muito fácil; os servos maus falham por pensar que sua parte é muito difícil".*

Finalmente, a parábola das ovelhas e dos cabritos (25:31-46) levam as variações de vigilância a um passo mais adiante. Esses versículos são um tanto diferentes de alguns de outras parábolas que já consideramos, em que não existem linhas de trama independentes. Os elementos "parabólicos" ou

---

* Henry Alford, *The Greek New Testament*, Vol. 1 (Chicago: Moody Press, 1958).

metafóricos principais são o pastor, as ovelhas, os cabritos, e a verdadeira separação. Mas seja lá como for que classifiquemos esses versículos, não tem como negar sua simplicidade e poder.

Contudo, o ponto dessa parábola (como eu continuarei a chamá-la) pode ser facilmente distorcido. Por exemplo, muitos entendem que "um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos" (25:40,45) refere-se a todos os que estão com fome, necessitados, aprisionados, ou indigentes. Segue-se que a base de entrada no Reino são boas obras de compaixão gentil, sem consideração por crença, graça, fé, ou qualquer outra coisa.

Certamente a ênfase ética nessa parábola não pode ser diluída; porém é essencial identificá-la um pouco mais cuidadosamente. Em particular, os "irmãos" de Jesus são certamente Seus discípulos (veja também 12:48,49; 28:10). Portanto o destino do povo é dependente de como eles respondem aos irmãos de Jesus – ao povo do Messias, aos crentes – como também em 10:40-42.

Existe algo mais impressionante ainda. As boas obras realizadas pelas ovelhas ou não realizadas pelos cabritos, embora claramente relacionadas com o destino final de cada grupo, não são declaradas como sendo a *causa* daquele destino. Pelo contrário, tais boas obras são a *evidência* de quem essas pessoas realmente são.

Isso é provado pelo fato de que *ambos* os grupos são surpreendidos pelo veredicto! Nem as ovelhas nem os cabritos estão surpresos pelo lugar determinado a eles, e sim, *pela razão que o Rei dá para a determinação* (25:37-39,44). Isto

significa que a maneira como as ovelhas ou os cabritos trataram os irmãos de Jesus não teve o *propósito* de ser aceitos ou rejeitados pelo Rei – pois então não teriam ficado surpresos. A surpresa das ovelhas, por exemplo, nos impede de pensar que elas agiram dessa maneira *a fim de* ganhar recompensa.

Segue então que a parábola está oferecendo um teste que elimina a hipocrisia. Se esse tipo de conduta fosse simplesmente um grupo de critérios externos, então muitos dos cabritos teriam ficado felizes em fazer obras de caridade a fim de passarem no teste. De fato, a coisa é muito mais sutil. Os verdadeiros discípulos passarão no exame não porque estão tentando passar num exame, mas porque eles *hão* de amar Seus irmãos e irmãs – e portanto Jesus. Os cabritos fracassarão porque eles *não ligarão* particularmente para os irmãos e irmãs de Jesus, e assim estarão rejeitando o próprio Messias (10:40-42) – assim como Saulo, ao perseguir os crentes, estava realmente perseguindo Jesus (veja Atos 9:5).

Desse modo os seguidores de Jesus não somente precisam esperar Sua volta, como também devem fazê-lo numa comunhão bem unida. A atitude de uma pessoa a essa comunhão como os irmãos e irmãs do Messias infalivelmente mostra se ela é uma ovelha ou um cabrito, destinada num caso à vida eterna, e noutro à punição eterna.

Perguntas para Estudo Suplementar

1. Que relação 1 João 3:2,3 tem com o estudo de Mateus 24-25?
2. Que relação teria a volta de Cristo com os seus objetivos, metas, esperanças e medos?
3. Por quais maneiras o crente se mantém vigilante de modo apropriado até a volta do Senhor?
4. Segundo Mateus 24:45-51, que tipo de conduta deveria a perspectiva da volta do Senhor eliminar, e, de modo inverso, encorajar na vida dos líderes cristãos?
5. Como estaria você melhorando ou multiplicando, *por amor a Deus*, os recursos e dons que Ele lhe confiou?
6. O que dirá o Rei a você (compare 25:34-36 e 25:41-43)? Por quê?

12

Morte – e a Morte da Morte

Mateus, capítulos 26 a 28

Poucos indivíduos saltam das páginas da história com mais profunda ironia colada às suas vidas do que o Senhor Jesus Cristo; e Mateus estava ciente desse fato. Ele notou que Jesus experimentou fome (4:2) mas alimentou os outros (14:13-21; 15:29-39). Jesus cansou-Se (8:24) todavia deu descanso aos outros (11:28). Embora Ele fosse Rei, o Messias, Ele pagou tributo (17:24-27). Ele foi chamado de endemoninhado mas expulsou demônios (12:22-32). Ele morreu a morte de um pecador porém veio salvar o Seu povo dos seus pecados (1:21). Vendido por trinta moedas de prata (26:14-16), Ele deu Sua vida em resgate de muitos (20:28). Ele que não transformava as pedras em pão para Si próprio (4:3,4) deu Seu próprio corpo como pão para o povo (26:26).

Contudo, em nenhum lugar essa ironia é mais penetrante do que na morte de Cristo. Seus inimigos acreditavam que eles O estavam destruindo; porém pouco entendiam que a destruição que conseguiram foi o meio de Deus redimir um mundo caído. Os inimigos do Messias pensavam que haviam

infligido a derrota máxima; mas na providência sábia de Deus, aquela derrota foi o maior triunfo do Messias. Nas palavras imortais de S. W. Gandy:

Ele o inferno no inferno lançou;
Feito pecado, Ele o pecado derrotou;
Submeteu-Se à sepultura, e assim a destruiu,
*E a morte, Ele morrendo, matou.**

Julgamento Iminente

Enquanto eu escrevo, os jogos da vigésima terceira Olimpíadas em Los Angeles estão acontecendo. Após anos de preparação, o evento abre com um declaração solene – "Que os jogos comecem!"

Os primeiros dois versículos de Mateus, capítulo 26, funcionam dessa maneira. Após séculos de preparação, após dois ou três anos de ministério pessoal caracterizado pelo surgimento de predições sobre o Seu sofrimento e morte, após desvendar o escopo da tribulação e da esperança por vir, Jesus, com efeito, declarou: "Que comece o passo crucial no drama da redenção!" (veja 25:1,2).

Todas as seções seguintes arrojam-se para fazer suas contribuições. Os principais sacerdotes e os anciãos do povo desenvolvem sua trama sob a supervisão de Caifás, o sumo sacerdote (26:3-5). A princípio eles determinaram adiar a sua maldade até após a festa, quando haveria menos perigo

* Poema por S. W. Gandy em John Owen, *The Death of Death in the Death of Christ* (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1965).

de reação pública e tumulto (26:5); porém estimulados pela oportunidade inesperada proporcionada pela oferta de Judas Iscariotes de trair seu Mestre (26:14-16), o plano foi aparentemente antecipado, e as preparações foram feitas para colocá-lo em ação instantânea quando a oportunidade certa se apresentasse.

Enquanto isso, na ordenação por tópicos dos eventos segundo Mateus, ele relata aos seus leitores algo que aconteceu (provavelmente alguns dias antes) em Betânia (26:6-13). Uma mulher, aparentemente Maria a irmã de Marta e Lázaro (veja também João 12:1-8) veio e derramou "bálsamo precioso" (Mateus 26:7) sobre Jesus. João 12:5 diz que o bálsamo valia cerca de trezentos denários – o salário anual de um trabalhador comum. Alguns consideraram isso um desperdício (Mateus 26:8,9). Ciente do murmúrio deles, Jesus os repreendeu por aborrecerem a mulher (26:10). Depois Ele justificou a ação dela por duas razões.

Primeira, se alguém sugerisse que o dinheiro seria melhor gasto a favor dos pobres, Jesus justificou a extravagância pela razão que Ele não estaria sempre ali, fisicamente e em pessoa, para recebê-lo (26:11). Implicitamente, é claro, essa era também uma elevada reivindicação; pois Suas palavras significavam que Ele não somente previu Sua morte iminente, mas que como o Filho de Deus encarnado, o Messias prometido, Ele era *merecedor* desse derramamento extravagante de amor.

Segunda, Jesus relacionou o ato generoso da mulher com Sua própria morte (26:12). Quando um criminoso era executado, a unção costumeira do corpo era muitas vezes

omitida. Contudo essa mulher, se ela verdadeiramente entendeu o que estava fazendo ou não, prenunciou pela ação dela a morte e o sepultamento humilhante de Jesus. Essa conexão tornaria vital este relato na vida da Igreja até o final dos tempos (26:13).

Todo o cenário da última Ceia (26:17-35) prenunciou a morte de Jesus de várias maneiras. Por exemplo, que Jesus *arranjou* toda a ocasião (26:17-19) nos faz lembrar que Ele não era um boneco de fantoche, cegamente forçado até a cruz pelo destino mal-humorado, mas uma vítima *voluntária*, um sacrifício *voluntário*. O triste anúncio da traição (26:20-25) nos faz lembrar que, entre outras coisas, apesar do controle soberano de Deus de toda a obra da cruz de Cristo, as partes culpadas não podiam se desculpar nessa base. Ainda teria sido melhor para Judas se ele nunca tivesse nascido (26:24).

E apesar dos protestos de lealdade feitos por Pedro e pelo restante dos discípulos (26:31-35), eles também mais tarde abandonariam Jesus e iriam deixá-lO sozinho na Sua hora de maior necessidade. Contudo, se tal covardice refletia o fracasso moral deles, ela também refletia a sabedoria e o planejamento de Deus, pois as Escrituras previram esse passo (26:31; veja também Zacarias 13:7), um passo que era necessário se Jesus realmente fosse o único carregador de pecados.

Acima de tudo, este capítulo nos dá as palavras que instituem o que chamamos hoje de "a Ceia do Senhor" ou "a Eucaristia" (Mateus 26:26-30). Jesus e os Seus discípulos estavam comendo a Páscoa quando Jesus "tomou o pão" –

provavelmente um pequeno pedaço de pão não levedado. Ele partiu o pão e proferiu algumas palavras radicalmente diferentes das declarações e respostas costumeiras numa refeição de Páscoa: "Tomai, comei; isto é o meu corpo" (26:26).

Precisamente devido essas palavras não terem lugar no ritual da Páscoa, elas devem ter produzido um efeito surpreendente quando foram proferidas pela primeira vez; e foram fundamentais para gerar um novo rito de lembrança para o povo de Deus.

Tanto as palavras de Jesus como Suas ações foram essenciais. Por um lado, Ele partiu o pão, e o corpo seria partido; por outro lado, todos os discípulos devem compartilhar. É duvidoso que algum dos discípulos naquele cenáculo tenha percebido plenamente o que estava acontecendo; mas quando Jesus já tinha levantado dos mortos, e eles já tinham compreendido o que a Sua obra na cruz havia realizado, eles com certeza relembraram a cena muitas e muitas vezes. E quando eles o fizeram, devem ter se maravilhado com a voluntária disposição de Jesus de enfrentar a cruz, e ter se lembrado de maneira mais fervorosa da *quebra* do corpo que ganhou a redenção deles.

Na refeição costumeira da Páscoa, o ritual requeria que se bebesse de vários "cálices". Provavelmente o cálice mencionado em 26:27 era o terceiro; porém outra vez, Jesus rompeu o padrão e introduziu algo novo: " Bebei dele todos", Ele disse. "Isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados" (26:27,28).

As palavras "sangue" e "pacto" aparecem juntas apenas raramente no Velho Testamento. Aqui a alusão era quase certamente a Êxodo 24:8, onde Moisés ratificou o pacto do Sinai pelo derramamento de sangue. Isso poderia ter somente significado que Jesus compreendeu a morte violenta e sacrificial a que estava para Se submeter como a base do pacto que Ele estava inaugurando com o Seu povo. Seu sacrifício foi moldado em parte no sacrifício que Moisés ofereceu. Ou, colocando de uma maneira melhor, o sacrifício que Moisés ofereceu apontava adiante e portanto num sentido anunciou, previu e até profetizou o sacrifício de Jesus.

Existem ainda mais conexões com o Velho Testamento. Se Jesus aqui anunciou a inauguração de um pacto, então este teria que ser um "novo" pacto – o "novo pacto" profetizado pelo profeta Jeremias (veja Jeremias 31:31-34), um pacto pelo qual Deus perdoaria os pecados do Seu povo e escrever Suas leis no coração dele. O derramamento de sangue nos lembra da grande quantidade de sangue derramado sob o sistema sacrificial do Velho Testamento – uma apresentação dramática do fato de que o pecado pode ser expiado somente por morte sacrificial. As palavras de Jesus "derramado por muitos" não poderia deixar de ser entendida como uma referência ao sacrifício da Páscoa – contudo ela aludiria a outros sacrifícios também (veja Levíticos 1-7; 16), incluindo o sacrifício do "Servo Sofredor" que "foi ferido por causa das nossas transgressões, e esmagado por causa das nossas iniqüidades" (Isaías 53:5).

Assim como a primeira refeição da Páscoa aguardava uma libertação ainda não realizada, a primeira "Ceia do

Senhor" também aguardava uma libertação ainda não realizada. No primeiro caso, o Êxodo ocorreu quase que imediatamente, e a entrada na terra prometida décadas mais tarde. No segundo caso, a morte e a ressurreição de Jesus aconteceram quase que imediatamente, enquanto que a promessa final – um novo céu e uma nova terra – ainda espera Sua volta. Talvez esta seja parte da razão porque Jesus disse: "Mas digo-vos que desde agora não mais beberei deste fruto da videira até aquele dia em que convosco o beba de novo, no reino de meu Pai" (26:29). A Ceia do Senhor torna-se dessa forma um tipo de despedida velada e um prenúncio da volta de Jesus. Sempre que uma igreja junta-se ao redor desta mesa, ela não somente olha para trás para a cruz, ela olha também à frente para a volta de Jesus. Este rito é para ser apenas celebrado, para usar as palavras de Paulo, "até que ele venha" (1 Cor. 11:26).

A Agonia Começa

Um livro bem longo poderia ser escrito sobre os versículos diante de nós, mas talvez possa ser também bom às vezes passar os olhos mais rapidamente sobre o texto e sentir seu impacto total do que deter-nos em cada detalhe.

Como a morte de Jesus Cristo foi única, assim também foram os eventos agonizantes que levaram até ela. No âmago da sua singularidade está o fato de que Jesus não foi um mártir. Um mártir acredita tão fortemente num princípio ou numa causa que a sociedade ao seu redor opõe, a ponto da morte tornar-se inevitável. Nesse sentido, o mártir perde controle do seu próprio destino. Não foi assim com Jesus!

Um mártir nunca poderia dizer: "Ou pensas tu que eu não poderia rogar a meu Pai, e que ele não me mandaria agora mesmo mais de doze legiões de anjos?" (26:53). Devemos concluir que o Senhor Jesus foi para a Sua morte sabendo muito bem ser a vontade do Seu Pai que Ele deveria perecer sozinho e abandonado, como o cordeiro sacrificial da Páscoa.

Mas embora Ele estivesse comprometido com a vontade do Seu Pai, Jesus mesmo assim enfrentou a terribilidade da cruz com temor, solidão, profunda agonia na Sua alma, e lágrimas. Até esse momento, Jesus parecia ter exercido o mais severo autocontrole a fim de encobrir Sua angústia; mas agora, num campo fechado ao lado do Monte das Oliveiras, num jardim chamado Getsêmane, Ele confessou aos Seus discípulos mais íntimos, "A minha alma está triste até a morte" (26:38). Ele quis dizer que Sua tristeza era tão profunda que ela estava quase O matando, não que ela fosse tão dolorosa que Ele desejava estar morto. Lamentavelmente, os três discípulos que poderiam ter sustentado uma pequena parte daquela tristeza para Ele, vigiando em oração com Ele, perderam a oportunidade e logo caíram no sono (26:39-45). Jesus continuou orando, prostrado pela profundidade da Sua angústia.

O resumo da Sua petição de uma hora de duração, repetida duas vezes, mostra o âmago do Seu conflito: "Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres" (26:39). O "cálice" aqui refere-se não somente ao Seu sofrimento e morte que estão para acontecer, mas, como muitas vezes no Velho Testamento, refere-se *à ira de Deus* (veja Salmos 75:7,8; Isaías 51:22;

Jeremias 25:15,16; Ezequiel 23:31-34). A oração agonizante de Jesus precedeu a rejeição pelo Seu Pai que Ele iria sentir mais profundamente, conforme Mateus 27:46.

Em todas as várias provações, açoitamentos e zombarias a que Jesus Se submeteu, Seu próprio caráter sobressaiu-se mais e mais claramente contra o cenário de fundo da corrupção moral, da lealidade fracassada, e da crueldade pérfida ao Seu redor. Mesmo a prisão foi facilitada por um beijo traidor (26:49). Nos dias anteriores às fotografias, aos jornais, e às televisões, muitas pessoas tinham apenas uma vaga idéia de como se parecia até mesmo uma figura bem conhecida como Jesus; sem dúvida as autoridades temiam que na escuridão da noite Jesus pudesse escapulir ou passar desapercebido na confusão. E é por isso que um ato que simbolizava afeição tornou-se um símbolo infame de amor traído.

Mesmo a tentativa de Pedro de defender Jesus com uma espada foi tão patético como magnífico (26:51-54; Pedro é mencionado por nome em João 18:10). Sua ação representou uma coragem magnífica. Após ouvir repetidas advertências sobre o perigo da deserção, Pedro sentiu que o teste crucial havia chegado; e ele resolveu provar que era homem de palavra (26:35).

Contudo, sua ação não foi menos patética. Nada revelou seu fracasso completo em compreender as *razões* fundamentais para Jesus ir à cruz mais do que seu apego impetuoso da sua espada. Ele ainda acreditava que o reino do Messias viria com poder militar e demonstrações espetaculares de poder contra os romanos e contra os líderes corruptos. Pior,

quando ele foi repreendido, sua coragem moral evaporou-se tão completamente que ele fugiu como todos os outros discípulos (26:56), e acabou amaldiçoando e blasfemando num esforço frenético de distanciar-se dAquele a quem ele havia jurado lealdade eterna (26:69-75). Coragem física ele tinha de sobra; porém quando essa provou-se inútil, ele não tinha conhecimento de nenhum outro recurso. O máximo que pode-se dizer a favor dele – e é bastante – é que quando o galo cantou ele se lembrou da predição de Jesus, saiu, e chorou amargamente (26:34,75).

Judas se deu muito pior. Ele não apenas reconheceu que era culpado de traição, mas que a pessoa traída era inocente (27:4). O dinheiro que ele devolveu acabou se tornando como o preço de compra de um campo cerimonialmente poluído onde estrangeiros ao pacto de Israel podiam ser enterrados; e lá Judas acabou com a própria vida (27:5-10).

A conduta dos oficiais, tanto judeus como romanos, não foi mais atraente. Jesus enfrentou um tribunal judaico que fazia de tudo para encontrar evidência, verdadeira ou falsa, que o permitiria voltar com um veredicto de culpado (26:59,60). Mesmo a linguagem tipológica de Jesus sobre o "templo" do Seu corpo (veja João 2:19-22) foi usada para sugerir que Ele era uma pessoa odiosa que destruía e profanava os lugares santos (26:59,60) – uma acusação séria no mundo antigo.

Finalmente o sumo sacerdote deu o xeque-mate na questão; ele colocou Jesus sob juramento para dizer se Ele era ou não o Messias prometido (26:63). Dado os compromissos do tribunal, o resultado agora era inevitável. Incapaz

e sem vontade de acreditar que Jesus era o Messias, o tribunal declarou que a confissão de Jesus (26:64) não era mais que blasfêmia, blasfêmia merecedora de morte. Incapaz de esconder seu veneno por mais tempo, os acusadores de Cristo degeneraram numa zombaria mordaz e numa agressão descontrolada (26:67,68).

Cedo de manhã, todo o supremo tribunal judaico, o Sinédrio, chegou a uma decisão formal de buscar a pena de morte (27:1,2), uma sanção que poderia ser outorgada somente pelo chefe supremo romano. Um segundo julgamento era portanto necessário. Nesse julgamento diante de Pilatos, entretanto, os principais sacerdotes e os anciãos dos judeus teriam que apresentar suas acusações em termos políticos. Pilatos não teria dado a menor atenção à questão do messianismo, *a não ser* que o messianismo fosse vinculado à autoridade política que ameaçava Roma. A acusação então se tornava traição – uma ofensa capital. Jesus foi apresentado a Pilatos como "o rei dos judeus" (27:11).

Embora Pilatos fosse um homem fraco e mau, ele não era um tolo. Ele conseguia ver que os líderes judaicos, famosos por seu desgosto de Roma, não entregariam alguém às autoridades romanas se eles pensassem honestamente que ele pudesse trazer libertação de Roma. Seus motivos neste caso portanto eram suspeitos; e Pilatos percebeu inveja (27:18). Mas sendo o covarde moral que ele era, ele entregou Jesus de volta a eles, e lavou suas mãos para se eximir (27:24) – como se a água pudesse remover uma mácula tão profunda. Pilatos poderia tê-lO deixado ir (veja Atos 3:13,14); porém o futuro político de Pilatos dependia da sua habilidade de

manter a paz, e temendo um tumulto ele decidiu que o seu futuro político era muito mais importante do que as exigências de justiça.

A conduta dos soldados romanos (27:27-31) mostrou a humanidade no seu pior estado, o tipo de conduta que cria Auschwitz e câmaras de tortura – a brutalidade da autoridade descontrolada e irresponsável num mundo caído. A chicotada (27:26) era procedimento padrão para os prisioneiros que estavam para ser crucificados; a zombaria selvagem que seguiu-se (27:27-31) não era. Os soldados sem dúvida pensaram que estavam sendo prazerosamente irônicos, chamando de rei um homem apontado para enfrentar a vergonha e a dor da cruz. Contudo, a cena ostenta uma ironia muito maior do que eles podiam imaginar; pois Jesus era – e é – de verdade, o Rei, o Messias, a quem mesmo aqueles soldados um dia prestarão contas.

Crucificação e Morte

Dois mil anos se passaram desde que Jesus morreu na cruz; e crentes piedosos em todos os lugares tem inconscientemente domesticado o que foi uma vez reconhecido universalmente como um instrumento brutal e vergonhoso de tortura. Hoje nós usamos cruzes de ouro ao redor do pescoço e em nossas abotoadeiras, dependuramos cruzes iluminadas na frente dos nossos santuários, imprimimos cruzes em relevo em nossas Bíblias e hinários. *E ninguém fica chocado!* Entretanto todas as fontes antigas testificam de como a cruz era universalmente vista com repulsa (veja comentários no final do capítulo 7 deste livro). As pessoas

que eram crucificadas demoravam dias para morrer. Penduradas na estrutura de madeira, elas iriam puxar com seus braços e empurrar como suas pernas a fim de manter as cavidades do seu peito abertas o suficiente para respirarem; e então começariam as contrações musculares excruciantes. Elas cediam, permitindo que suas algemas ou seus pregos recebessem o peso, até que a necessidade por oxigênio iniciasse o ciclo horrendo mais uma vez. As vítimas morriam de colapso do coração, de exaustão, de choque. Se a morte tivesse que ser apressada por alguma razão, os soldados precisavam somente quebrar as pernas da vítima. A sufocação seguia-se automaticamente.

Todavia pior ainda era a vergonha; e a vergonha estava relacionada com o mundo judaico onde todo mundo sabia que o Velho Testamento pronunciava a maldição de Deus sobre todos aqueles que eram dependurados numa árvore (Deuteronômio 21:22,23; veja também Gálatas 3:13). A visão repulsiva afastava o covarde e o medroso; os cruéis saíam com exultação maligna do seu sucesso e lançavam seus insultos e escárnios: "Tu, que destróis o santuário e em três dias o reedificas, salva-te a ti mesmo; se és Filho de Deus, desce da cruz!" (27:39,40).

Eles pensaram que eram tão espertos; mas a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana. Precisamente ao ir voluntariamente para a cruz, Jesus *estava* destruindo "este templo" – o templo do Seu corpo – e em três dias Ele *seria* "reconstruído". E precisamente porque Ele *era* o Filho de Deus, Ele *não* desceria da cruz!

Uma ironia dupla semelhante estendeu-se à toda a

zombaria que Ele suportou. "A outros salvou; a si mesmo não pode salvar"! (27:42) eles escarneceram. Num nível, eles estavam questionando a legitimidade e a realidade das Suas reivindicações. Com certeza o Messias *verdadeiro* não seria forçado a suportar tal vergonha e sofrimento. Contudo num nível mais profundo, o escárnio estava largamente correto. Se o Senhor Jesus fosse salvar outros, Ele *tinha* que Se sacrificar, e Ele *não podia* salvar a Si mesmo.

Pior de tudo, ainda, foi o profundo sentimento de ser absolutamente abandonado por Deus (27:46). Isso não foi instigado pela auto-piedade espalhafatosa. O Filho que conhecia a intimidade com o Seu Pai espelhada em Mateus 11:27 agora experimentava o que Ele nunca havia conhecido antes, e o que Ele mais temia – o abandono do Seu santo Pai, enquanto Ele levava sobre si a maldição da culpa humana. O poema de Elizabeth Browning talvez seja o melhor comentário:

Sim, uma vez, o pranto do orfanado Emanuel
Seu universo chacoalhou –
Ele subiu sozinho, sem eco, "Deus meu, Deus meu,
por que me desamparaste!"
Ele subiu dos lábios santos em meio a Sua criação perdida,
Para que, dos perdidos, nenhum filho devesse usar essas
*palavras de desolação!**

* Elizabeth Barrett Browning, "The Cowper's Grave" em *The Poetical Works of Elizabeth Barrett Browning* (London: Oxford University Press, 1951), p. 296.

Triunfo Sobre a Morte – e a Comissão

Graças a Deus, a cruz não marcou o fim do relato!

Na melhor das estimativas, Jesus foi crucificado na sexta-feira. Naquele fim de tarde, o sábado começava (já que os judeus contavam seus dias do pôr do sol ao pôr do sol) e ninguém viajava muito longe. No final da tarde do sábado, o sábado terminava e o terceiro dia começava. Logo cedo no domingo pela manhã, à primeira luz, duas mulheres, ambas chamadas Maria, e alguns outros (veja Marcos 16:1; Lucas 24:10) "foram ver o sepulcro" (Mateus 28:1).

Como esperavam passar pelos guardas vigilantes jamais saberemos (se souberam antes de chegarem que os guardas estavam ali). Um violento terremoto e a aparição de um anjo atemorizou os sentinelas postados e eles "ficaram como mortos" (28:4) – eles desmaiaram de medo. O que se torna imediatamente claro é que o rolar da pedra, o aparecimento do anjo, e a remoção efetiva dos soldados não foram para permitir que o Messias ressurreto escapasse (como se as pedras e os sentinelas pudessem segurá-lO) mas para permitir que as primeiras testemunhas entrassem no túmulo.

Nenhum dos autores dos Evangelhos relatou todas as aparições de ressurreição do Senhor Jesus, porém os vários relatos podem ser harmonizados em pelo menos três maneiras diferentes. Existem relatos de pelo menos dez ou onze aparições específicas; e houveram muitas outras não relatadas (veja Atos 1:3). Os leitores modernos não podem ser testemunhas oculares; mas recebemos pela fé o relato passado por eles e preservado para nós nas páginas das sagradas Escrituras. Nem todas as tentativas de mudar ou distorcer a

verdade – um exemplo do qual é encontrado em Mateus 28:11-15 – conseguem remover este firme fundamento de toda a fé cristã genuína.

Todavia nem mesmo a ressurreição foi o fim da história. Em certo sentido, foi apenas o começo. Para Jesus, Seu triunfo foi a base no qual toda a autoridade do Seu Pai é conferida a Ele (28:18; veja também 1 Coríntios 15:20-28). Isso não quer dizer que antes da cruz Seus ensinos e obras tinham *menos* autoridade, pois mesmo durante o Seu ministério Suas palavras, como as de Deus, não passariam (Mateus 24:35), e, como Deus, Ele perdoou o pecado (9:6). Pelo contrário, as esferas nas quais Sua autoridade foi exercida tinha agora sido aumentada. "Toda autoridade *no céu e na terra*" pertencia a Ele, todo o universo está sob o Seu controle.

Precisamente porque nosso soberano Senhor Jesus tem toda a autoridade, Sua comissão é assegurada do Seu poder e do grau de sucesso e triunfo que Ele concede (28:18-20). A comissão de fazer discípulos, de batizar, e de ensiná-los, não somente permanece um dos mandatos duradouros para a Igreja, mas reune vários temas centrais neste Evangelho. Aqui está o cumprimento das promessas aos gentios; aqui está o mandato de passar adiante todo o ensino de Jesus que Mateus tão cuidadosamente preservou; aqui esta o fruto de uma missão de treinamento relatada em Mateus, capítulo 10; aqui está a autoridade ou reinado de Jesus já em operação; aqui está a esperada prelibação da consumação por vir ("até a consumação dos séculos" 28:20).

No entanto o livro termina, não com comissão, e sim, com promessa (28:20). Nosso verbete em português "sempre"

traduz a expressão no grego encontrada aqui, a qual significa "o todo de todos os dias". Jesus prometeu estar com os Seus discípulos, enquanto eles fazem discípulos de outros, não somente ao longo de todo o curso do seu ministério, mas "no todo de todos os dias", "até o final dos tempos."

Perguntas para Estudo Suplementar

1. Jesus teve que ir para a cruz? Medite em Mateus 26:39,53,54.
2. Sob quais circunstâncias você é tentado a negar Jesus? Que paralelos você pode fazer do fracasso de Pedro (26:69-75)? Você, como Pedro, acabou chorando?
3. Seria mais fácil lutar (26:51) do que orar (26:40-45). Por quê? O que você pode fazer acerca disso na sua própria vida?
4. Encontre todos os lugares em Mateus, capítulos 26-28, onde os oponentes de Jesus falaram mais do que sabiam – lugares onde Mateus relatou os acontecimentos com profunda ironia.
5. Quão central para a fé cristã é a ressurreição de Jesus? (leia 1 Coríntios 15:12-19).
6. Como você coopera para cumprir a Grande Comissão?

Uma Breve Bibliografia

(A inclusão de um livro na seguinte lista não indica necessariamente acordo com o autor em todos os pontos.)

J. A. Alexander
The Gospel According to Matthew. New York: Scribner, 1860.

John Broadus
Commentary on the Gospel of Matthew. Valley Forge: American Baptist Publication Society, 1886.

D. A. Carson
"Matthew". Em *Expositor's Bible Commentary*, vol. 8. Grand Rapids: Zondervan, 1984.

William Hendriksen
The Gospel of Matthew. Grand Rapids: Baker, 1978.

David Hill
The Gospel of Matthew. Grand Rapids: Eerdmans, 1972.

Alfred Plummer
An Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew. London: Robert Scott, 1915.

John R. W. Stott
Christian Counter-culture. Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1978.

R. V. G. Tasker
The Gospel According to St. Matthew: An Introduction and Commentary. London: Inter-Varsity Press, 1961.